

JAMES A. HALL

JUNG E A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

Manual de Teoria e Prática



N.Cham. 154.63 H177J 1997

Título: Jung e a interpretação dos sonhos

Autor: Hall, James A. (James Albert), 1934 -



00268042

Ex 1 PUCPR - BC

COLEÇÃO ESTUDOS DE PSICOLOGIA JUNGUIANA
POR ANALISTAS JUNGUIANOS

JUNG E A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

James A. Hall

Os sonhos, chamados, por alguns, de língua esquecida de Deus e, por outros, de mensagens do demônio, durante muito tempo foram considerados bons ou maus presságios do futuro. A crença moderna, porém, de que estão diretamente relacionados com a psicologia de cada um, e com as atitudes e padrões de comportamento de quem sonha, deve-se ao trabalho pioneiro do psiquiatra suíço C. G. Jung, que introduziu a idéia de que nos sonhos o inconsciente emerge de uma forma muito clara.

Este é um guia prático e abrangente para a compreensão dos sonhos com base nos princípios da Análise Psicológica de Jung. Aqui, o modelo da psique segundo Jung é discutido de forma concisa, com muitos exemplos clínicos de sonhos e do modo como eles podem ser interpretados em seu contexto.

Atenção particular é dada aos temas comuns e repetidos nos sonhos (quedas, perseguições, casas, carros, mortes, mágoas, casamentos, o fim do mundo, os símbolos sexuais, etc.), aos sonhos traumatizantes, à função intencional e compensatória dos sonhos, aos sonhos que prognosticam doenças ou mudanças físicas e ao modo como os sonhos estão relacionados com a etapa da vida e com o processo de individuação de quem sonha.

O autor, dr. James A. Hall, estudou na Universidade do Texas e no Instituto C. G. Jung, de Zurich. Atualmente, é psiquiatra e analista junguiano em Dallas, onde é professor clínico associado de psiquiatria na Medical School de Southwestern.

EDITORA CULTRIX

ISBN 85-318-0218-1



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO PARANÁ - PUCPR
BIBLIOTECA

Reg. Nº

Origem

Freqüência

Data

SUMÁRIO

Prefácio	9
1 Conceitos Básicos da Psicologia Junguiana	13
Estruturas gerais	14
Relação entre psique pessoal e psique objetiva	16
Complexo e arquétipo	18
Estruturas de identidade: ego e sombra	19
Estruturas relacionais: <i>anima/animus</i> e <i>persona</i>	21
O processo de individuação	25
2 A Natureza do Processo Onírico	29
Os sonhos como compensação	30
Usos não-interpretativos dos sonhos	33
Interpretação dos sonhos e técnicas imaginativas	35
Identidade do ego e a estrutura dos complexos	36
3 A Abordagem Junguiana dos Sonhos	43
Ampliação de imagens	44
Contexto do sonho	46
4 Os Sonhos Como Instrumentos de Diagnóstico	49
Sonhos iniciais em análise	49
Imagens relacionadas numa série onírica	51
Diagnóstico diferencial	56
Princípios a recordar	66
5 Questões de Técnica	67
Transferência e contratransferência	67
Medicação em análise	72
Análise redutiva e análise prospectiva	73
O ego afetado e os sonhos	75
Interpretação retardada e não-interpretação	78
Terapia de grupo concomitante à terapia individual	80
Pontos a recordar	82

6	Imagens do Ego e Complexos em Sonhos	83
	Identificação de complexos	83
	Mudanças estruturais; limites e fronteiras	86
	Estruturas relacionais e estruturas de identidade	87
	O Si-mesmo e o eixo Ego-Si-mesmo	92
	Ampliação arquetípica	95
7	Temas Oníricos Comuns	97
	Incesto	97
	Luto	98
	Casas	100
	Automóveis	101
	Álcool e drogas	102
	Morte	104
	Serpentes	105
8	A Moldura do Sonho	109
	O sonho-dentro-de-um-sonho	109
	Sonhos com a realidade tal como ela é	111
	Referências temporais e espaciais	112
	Fenômenos sincrônicos	113
9	O Simbolismo em Alquimia	119
	Motivos alquímicos em sonhos	120
	Conjunctio: imagens de união	122
10	Sonhos e Individuação	125
	A natureza da neurose	125
	A relativização do ego	129
	O ego individuante	130
	O ego onírico e o ego vígil	133
	Conhecimento focal e conhecimento tácito	135
11	As Duas Tensões da Interpretação dos Sonhos	137
	Objetiva e subjetiva	137
	Pessoal e arquetípica	139
	Breve Resumo	143
	Notas	147
	Glossário de Termos Junguianos	151
	Índice Analítico	155

PREFÁCIO

Durante os primeiros dois anos de minha prática psiquiátrica, tentei manter uma atitude neutra em relação às diferentes teorias de interpretação dos sonhos. Eu esperava que, ao considerar todas essas teorias igualmente válidas, achar-me-ia em condições de discriminar as vantagens e desvantagens de cada uma delas, com base na minha observação clínica. Alimentava a esperança de decidir racionalmente, por mim mesmo, qual a teoria de interpretação dos sonhos que iria me parecer a preferível.

Os dois principais rivais nessa competição de teorias eram Freud e Jung, com suas respectivas abordagens da interpretação dos sonhos. Durante os anos de minha formação médica e psiquiátrica, as teorias freudianas eram exclusivamente enfatizadas quando se mencionavam os sonhos, se é que chegavam a sê-lo alguma vez. Durante a residência psiquiátrica no *Duke University Medical Center*, minha análise pessoal foi realizada com o Dr. Bingham Dai, um sullivaniano, que enfatizou a relação do material onírico com os padrões familiares iniciais e as identidades do ego baseadas nesses relacionamentos. Ainda me lembro que, após 75 horas de análise com ele, observei com impaciência: "Conheço o meu complexo materno, não temos de descobrir isso num sonho novamente!" Ele riu amavelmente, sabedor (como vim mais tarde a perceber) da diferença entre *conhecer* como conteúdo cognitivo e *conhecer* na acepção de sabedoria de vida. Quando saí da *Duke University* para regressar ao Texas, o último conselho que o Dr. Dai me deu foi este: "Não mergulhe profundamente demais na teoria junguiana com excessiva pressa." Ele

presentiu, ao que parece, minha profunda atração subsequente pelas concepções junguianas.

Finalmente, tornou-se, para mim, impossível lidar de maneira satisfatória com os sonhos a partir de uma perspectiva não-junguiana. Todas as outras teorias dos sonhos pareciam ser casos especiais da concepção junguiana, mas eu não conseguia encaixar a ampla visão de Jung em qualquer outra teoria existente. Tornei-me um junguiano convicto.

Minha própria análise junguiana foi o mestre básico acerca do significado dos sonhos, motivo pelo qual serei sempre grato a meus analistas Rivkah Scharf Kluger, Dieter Baumann, Marie-Louise von Franz e Edward Whitmont. O trabalho com numerosos analisandos ao longo de muitos anos de prática clínica proporcionou-me a confirmação desses dados. Em 1977 publiquei um texto básico sobre interpretação dos sonhos intitulado *Clinical Uses of Dreams: Jungian Interpretations and Enactments*, no qual comparei a teoria junguiana dos sonhos com outras teorias significativas, sublinhando diferenças e semelhanças. Também incluí uma modesta tentativa de relacionar a teoria onírica junguiana com o estudo de laboratório do sono e do sonho.

O presente volume não reexamina essas várias comparações, mas oferece conselhos práticos e honestos quanto à interpretação dos sonhos e seu uso à luz dos princípios básicos da psicologia junguiana. Destaquei constantes problemas clínicos, apresentando exemplos e discussões dos motivos pelos quais certas interpretações são preferidas e, na maioria dos casos, demonstrei como essas interpretações se relacionam com mudanças clínicas. São indicadas algumas referências úteis, mas não existe a intenção de voltar a fornecer uma recapitulação exaustiva da crescente literatura sobre a interpretação dos sonhos.

Podem-se fornecer diretrizes gerais para a interpretação dos sonhos, mas não é possível apontar regras estanques de procedimento. Não existe substituto para a análise pessoal e para a experiência clínica de um indivíduo sob supervisor qualificado, ambos elementos essenciais de qualquer treinamento psicanalítico em qualquer escola de qualquer ênfase.

Os sonhos usados aqui como ilustrações clínicas não são apresentados com toda a gama de ampliação que pode ocorrer numa hora de análise. Nem tampouco, na maioria dos casos, tentei mostrar a rica matriz de um significado pessoal em que um sonho pode ser acomodado durante a análise. Essas omissões são necessárias por uma questão de brevidade e para permitir que nos concentremos no problema clínico que está sendo ilustrado.

Todos os sonhos foram utilizados com a autorização das pessoas que os tiveram, embora possa-se argumentar que motivos e tipos semelhantes de sonhos ocorrem freqüentemente em muitos indivíduos. Por conseguinte, nenhum dos meus analisandos identificará qualquer dos sonhos como seu, nem deverá tomar os comentários acerca de um exemplo de sonho como referentes a qualquer dos seus sonhos. Esses sonhos são extraídos da rica matriz de análise clínica junguiana e apresentados com fins ilustrativos especiais.

CONCEITOS BÁSICOS DA PSICOLOGIA JUNGUIANA

Jung empregou determinados termos para descrever as diferentes partes da psique, tanto a consciente quanto a inconsciente. Esses conceitos foram empiricamente deduzidos da observação de uma considerável quantidade de material clínico, incluindo os primeiros trabalhos de Jung com associação de palavras, que formaram a base para o teste de polígrafo (o moderno detector de mentiras) e para o conceito de complexos psicológicos. (Jung já estava profundamente envolvido nos estudos de associação de palavras quando leu pela primeira vez *A interpretação dos sonhos*, de Freud, publicado em 1900.)

É útil considerar os conceitos junguianos básicos em várias categorias, embora nos cumpra lembrar que as divisões são mais ou menos arbitrárias e por conveniência de descrição e discussão; na psique vivente, níveis diferentes e estruturas várias funcionam como um todo organizado. Existem duas divisões topográficas básicas: a consciência e o inconsciente. O inconsciente, por sua vez, está dividido em inconsciente pessoal e psique objetiva. A primitiva designação junguiana da psique objetiva foi a de "inconsciente coletivo"; esse ainda é o termo mais largamente usado quando se discute a teoria de Jung. O termo "psique objetiva" foi introduzido para evitar confusão com os heterogêneos grupos coletivos da espécie humana, uma vez que Jung quis enfatizar de modo especial que as profundezas da psique humana são objetivamente tão reais quanto o universo "real", exterior, da experiência consciente coletiva.

Existem, pois, quatro níveis da psique:

- 1) *consciência pessoal*, ou a percepção consciente ordinária;
- 2) o *inconsciente pessoal*, o que é exclusivo de uma psique individual, mas não-consciente;
- 3) a *psique objetiva*, ou inconsciente coletivo, que possui uma estrutura aparentemente universal na humanidade e
- 4) o mundo exterior da *consciência coletiva*, o mundo cultural dos valores e formas compartilhados.

Dentro dessas divisões topográficas básicas existem estruturas gerais e especializadas. As estruturas gerais são de dois tipos: imagens arquetípicas e complexos. As estruturas especiais das partes pessoais da psique, tanto conscientes como inconscientes, são quatro: o *ego*, a *persona*, a *sombra* e a *sizigia* (grupamento pareado) de *ânimus/ânima*. Na psique objetiva existem arquétipos e imagens arquetípicas, cujo número não pode ser estabelecido com precisão, embora exista um notável arquétipo: o Si-mesmo, que também pode ser referido como o arquétipo central de ordem.

Estruturas gerais

Os *complexos* são grupamentos de imagens afins que se conservam juntas por meio de um tom emocional comum. Jung descobriu a presença de complexos emocionalmente harmonizados quando notou a regularidade nas associações dos indivíduos a respostas omitidas ou retardadas, no experimento de associação de palavras. Verificou que, em cada indivíduo, a tendência dessas associações era a de se aglomerarem em torno de certos temas, como as associações com a mãe — um “complexo materno”. O termo complexo passou, desde muito tempo, para o uso cultural geral, de um modo mais ou menos vago e impreciso. Os complexos são o conteúdo básico do inconsciente pessoal.

As *imagens arquetípicas* são o conteúdo básico da psique objetiva. Os próprios arquétipos não são diretamente observáveis mas, à semelhança de um campo magnético, são discerníveis por sua

influência sobre o conteúdo visível da mente, as imagens arquetípicas e os complexos personificados ou mentalmente representados. O arquétipo é, em si mesmo, uma tendência para estruturar as imagens de nossa experiência de maneira particular, mas o arquétipo não é a própria imagem. Ao examinar o conceito de arquétipo, Jung comparou-o à formação de um cristal numa solução saturada: a estrutura treliçada de um determinado cristal obedece a certos princípios (o arquétipo), ao passo que a forma concreta que ele tomará (imagem arquetípica) não pode ser prevista. Todos nascemos com uma tendência para formar certas imagens, mas não com as próprias imagens. Há uma tendência humana universal, por exemplo, para formar uma imagem de mãe, mas cada indivíduo forma uma certa imagem materna, com base nesse arquétipo humano universal.

As imagens arquetípicas são imagens profundas e fundamentais, que se formam pela ação dos arquétipos sobre a experiência que vai se acumulando na psique individual. As imagens arquetípicas diferem das imagens dos complexos à medida que possuem um significado mais generalizado, mais universal, muitas vezes com uma qualidade afetiva de profundo efeito espiritual ou místico. As imagens arquetípicas que são significativas para um grande número de pessoas, durante um longo período de tempo, tendem a se inserir culturalmente no consciente coletivo. Exemplos de forma cultural são as imagens do rei, da rainha, a Virgem Maria e figuras religiosas como Jesus ou Buda. Muitas figuras e situações coletivas comportam imagens arquetípicas, sem que as pessoas se apercebam ordinariamente da projeção. Fortes reações emocionais após o assassinato ou morte de uma figura pública, como um presidente, um rei, um astro de cinema ou um líder religioso, mostram que, para muitas pessoas, essa figura possuía uma projeção arquetípica.

Qualquer experiência humana regularmente repetida tem um alicerce arquetípico: nascimento, morte, união sexual, casamento, conflito de forças antagônicas etc. Embora os arquétipos possam ter evoluído, eles constituem uma variável tão lenta que, para todos os fins práticos, podemos considerá-los fixos no tempo histórico.

No modelo de Jung, o Si-mesmo é o centro regulador de toda a psique, enquanto o ego é apenas o centro da consciência pessoal.

O Si-mesmo é o centro ordenador, que na realidade coordena o campo psíquico. Adicionalmente, é também o suporte arquetípico da identidade do ego individual. O termo Si-mesmo é ainda usado para nos referirmos à psique como um todo. Assim, temos três significados separáveis para Si-mesmo:

- 1) a psique como um todo, funcionando como unidade;
- 2) o arquétipo central de ordem, quando considerado do ponto de vista do ego e
- 3) a base arquetípica do ego.

Como o Si-mesmo é uma entidade mais abrangente do que o ego, a percepção do Si-mesmo pelo ego assume frequentemente a forma de um símbolo de valor superior: imagens de Deus, o Sol como o centro do sistema solar, o núcleo como centro do átomo etc. O tom afetivo de uma experiência do Si-mesmo é amiúde sobrenatural ou fascinante e inspira respeitoso temor. O ego que tem a experiência do Si-mesmo pode sentir que é o objeto de um poder superior. Quando o ego é instável, o Si-mesmo poderá se apresentar como um tranquilizador símbolo de ordem, com frequência na forma de uma mandala, figura com periferia clara mais um centro, tal como um círculo em quadratura ou um quadrado dentro de um círculo, embora as formas sejam suscetíveis de infundável elaboração. Nas tradições religiosas orientais, os arranjos de mandala contêm, muitas vezes, imagens de divindades e são usados em práticas de meditação. Embora o Si-mesmo seja o menos empírico dos conceitos estruturais de Jung — por estar na fronteira do que pode ser clinicamente demonstrado — é um termo útil para se descrever, de maneira psicológica, o que de outro modo é indescritível. Com efeito, no plano fenomenológico, o Si-mesmo é virtualmente indistinguível do que a tradição denominou Deus.

Relação entre psique pessoal e psique objetiva

Nosso ponto de referência na psique é o complexo do ego, a estrutura a que nos referimos sempre que usamos o pronome da

primeira pessoa do singular "Eu". Entretanto, as camadas pessoais da psique se assentam em fundação arquetípica, na psique objetiva ou inconsciente coletivo. A esfera pessoal, tanto consciente como inconsciente, desenvolve-se a partir da matriz da psique objetiva e está continuamente relacionada, de modo orgânico e profundo, com essas áreas mais íntimas da psique, embora o ego desenvolvido seja inevitavelmente propenso a se considerar, de modo algo ingênuo, o centro da psique. Esse procedimento é análogo a considerar a diferença entre o Sol girar em torno da Terra ou vice-versa.

A atividade das camadas mais profundas da psique é claramente vivenciada em sonhos, experiência humana universal, e pode irromper de forma excessiva na psicose aguda. Em uma análise junguiana intensiva, o analisando passa a se dar conta e a avaliar os movimentos essencialmente proveitosos e salutares da psique objetiva, que promovem e facilitam o processo de individuação empírica do ego. Alguns analisandos aprendem a técnica junguiana de imaginação ativa, por meio da qual é possível contatar intencionalmente essas camadas mais profundas da psique durante a vida vigil.

Em termos estruturais, cada complexo na esfera pessoal (consciente ou inconsciente) é formado a partir de uma matriz arquetípica na psique objetiva. No âmago de todo e qualquer complexo está um arquétipo. O ego se forma a partir do núcleo arquetípico do Si-mesmo; por trás do complexo materno pessoal está o arquétipo da Grande Mãe; a imagem do pai e da mãe juntos tem, no seu centro, a imagem arquetípica dos pais divinos e existem profundas raízes arquetípicas para a sombra e para os muitos papéis da *persona*. Uma forma arquetípica pode envolver a combinação de formas separáveis, por exemplo, o casamento divino ou *hieros gamos* pode também simbolizar a unificação de opostos. A camada arquetípica da psique tem a capacidade de formar símbolos que, com efeito, unem conteúdos irreconciliáveis no nível pessoal. A essa capacidade da psique objetiva para formar símbolos reconciliatórios dá-se o nome de *função transcendente*, porque pode transcender a tensão consciente de opostos. Nesse processo, os conflitos não desaparecem necessariamente, são, antes, transcendidos e relativizados.

Como cada complexo na psique pessoal se assenta em base

arquetípica na psique objetiva, qualquer complexo que seja penetrado a suficiente profundidade revelará suas associações arquetípicas. Grande parte da arte analítica junguiana reside em ampliar imagens ao ponto em que o ego experimenta sua conexão com o mundo arquetípico de modo terapêutico, mas não em tal medida que o ego soçobre num mar de conteúdos arquetípicos não-unificados. Por exemplo, se o ego está apto a experimentar sua conexão com o Si-mesmo, forma-se um eixo ego-Si-mesmo e, daí em diante, o ego terá uma percepção mais duradoura de sua relação com o próprio núcleo da psique. Mas, se um ego fraco ou não desenvolvido tiver essa experiência, poderá ser assimilado pelo Si-mesmo, manifestando-se como arrogância psíquica e perda de um claro ponto de apoio na consciência ou, na pior das hipóteses, como psicose temporária. A freqüente experiência de "ser Deus", quando se tomam drogas psicodélicas como o LSD e a psilocibina, constitui a experiência do ego drogado de seu núcleo arquetípico no Si-mesmo, mas sem suficientes amarras na realidade para estabelecer um eixo ego-Si-mesmo estável.

Complexo e arquétipo

→ Cada complexo é um grupo de imagens relacionadas entre si, formadas em torno de um núcleo central de significado que, em sua essência, é arquetípico. Desde o momento da primeira tomada de consciência, essas possibilidades arquetípicas da psique se enchem de experiência pessoal, de modo que o ego adulto sente que o conteúdo consciente, subjetivo, é simplesmente a soma de suas próprias experiências pessoais passadas. Com freqüência, é somente em análise, em sonhos ou em experiências emocionais muito comóventes que o ego desenvolvido pode experimentar os verdadeiros alicerces arquetípicos dos complexos. Na prática analítica, muitas técnicas imaginativas podem ser usadas para facilitar essa percepção consciente: imaginação guiada, técnicas de *gestalt*, desenho, trabalho com barro, dança, construção de formas projetivas num tabuleiro de areia, técni-

cas hipnoanalíticas ou, a mais pura forma, a imaginação ativa. Para que a individuação avance de maneira sumamente direta, o ego deve sempre adotar uma atitude favorável ao conteúdo da psique objetiva que é revelado nessas atividades — não apenas evocá-lo, como o aprendiz de feiticeiro.

Dado que cada complexo contém imagens pessoais numa matriz arquetípica, há sempre o perigo de que as associações pessoais sejam erroneamente tomadas pelo núcleo de um complexo, o que leva a uma análise meramente reductiva, isto é, à interpretação de conflitos atuais só à luz das primeiras experiências infantis. De modo inverso, a excessiva ampliação arquetípica de imagens poderá levar a uma certa compreensão dos arquétipos, mas é suscetível de deixar escapar ou não se perceber a conexão curativa entre a psique pessoal e a objetiva.

Para melhor compreender a interação dinâmica entre as várias estruturas psicológicas conceituadas por Jung, convém separá-las em duas categorias: estruturas de identidade e estruturas de relação. O ego e a sombra são, primordialmente, estruturas de identidade, ao passo que a *persona* e a *ânima* ou o *ânimus* são em primeiro lugar estruturas de relação. No processo natural de individuação, parece haver antes a necessidade de se formar um ego forte e confiável, com o qual o indivíduo se estabeleça no mundo. Segue-se a tarefa de se relacionar com as outras pessoas e com a cultura coletiva em que o indivíduo existe. Só mais adiante na vida virá a época em que o ego costuma sentir a necessidade de se relacionar com as forças arquetípicas, que servem de apoio tanto à cultura coletiva quanto à psique pessoal — uma necessidade que se manifesta frequentemente como a chamada crise da meia-idade.

Estruturas de identidade: ego e sombra

Uma identidade do ego básica se forma muito cedo, inicialmente inserida na diáde mãe-filho, depois ampliada dentro da unidade familiar e expandindo-se, ainda mais tarde, para incluir um meio

cultural cada vez mais vasto. No processo de formação do ego, certas atividades e tendências inatas do indivíduo serão aceitas pela mãe ou pela família e outras atividades e impulsos serão negativamente valorados, portanto rejeitados. A crise do treinamento da higiene pessoal (*toilet-training*) simboliza muitas outras interações mais sutis em que a identidade do ego da criança em crescimento é moldada pelas preferências e aversões das pessoas de quem ela depende. As tendências e os impulsos rejeitados pela família não são simplesmente perdidos; tendem a se aglomerar como imagem do *alter ego*, logo abaixo da superfície do inconsciente pessoal. Esse *alter ego* é o que Jung chamou de *sombra*, porque, quando uma parte de um par de opostos é trazida para a "luz" da consciência, a outra parte rejeitada cai, metaforicamente, na "sombra" do inconsciente.

Como o conteúdo ou as qualidades da sombra eram potencialmente parte do ego em desenvolvimento, continuam comportando um sentido de identidade pessoal, mas de uma espécie rejeitada ou inaceitável e usualmente associada a sentimentos de culpa. Uma vez que a sombra foi dinamicamente dissociada da identidade do ego dominante no decorrer do desenvolvimento inicial, seu possível retorno para reclamar uma parcela de vida consciente provoca ansiedade. Grande parte do trabalho de rotina da psicoterapia e da análise consiste em criar um lugar onde seja seguro reexaminar o conteúdo da sombra e possivelmente integrar muito do que antes fora descartado pela divisão (*splitting*) inicial, na formação do ego. Muitos atributos naturais da psique que estão dissociados na infância são realmente necessários ao saudável funcionamento adulto. Os impulsos agressivos e sexuais, por exemplo, são com frequência dissociados, dado que sua expressão na infância seria imprópria ou culturalmente inaceitável e embaraçosa para os pais; mas essas qualidades são essenciais para a personalidade adulta normal, quando podem ser moldadas e integradas de um modo inacessível à imatura estrutura do ego da criança. Outras qualidades, mesmo a livre expressão da inteligência inata, podem ser do mesmo modo dissociadas na sombra.

A integração consciente do conteúdo da sombra tem o duplo efeito de ampliar a esfera de atividade do ego e libertar a energia previamente necessária para manter a dissociação e repressão das

qualidades da sombra. O indivíduo experimenta isso, amiúde, como uma nova vida.

Porque a sombra é potencialmente ego, ela tende a possuir a mesma identidade sexual do ego, masculina no homem e feminina na mulher. Além de ser personificada em sonhos e material de fantasia, a sombra é, em geral, projetada em pessoas do mesmo sexo, muitas vezes alguém ao mesmo tempo antipatizado e invejado por ter qualidades que não estão suficientemente desenvolvidas na imagem dominante do próprio indivíduo.

Estruturas relacionais: *anima/animus e persona*

A identidade realçada do ego, formada por meio da assimilação de partes da sombra, manifesta-se mais claramente quando da necessidade de relacionamento com os outros, tanto com outras pessoas quanto com a cultura transpessoal do mundo do consciente coletivo e o conteúdo arquetípico transpessoal da psique objetiva. As duas formas estruturais facilitadoras dessa tarefa de se relacionar são a *anima* ou o *animus* e a *persona*.

As qualidades culturalmente definidas como impróprias à identidade sexual do ego tendem a ser excluídas até mesmo do alter ego ou sombra, e formam, pelo contrário, uma constelação em torno de uma imagem contra-sexual: uma imagem masculina (*animus*), na psique de uma mulher, e uma imagem feminina (*anima*), na psique de um homem. Jung observou tais imagens nos sonhos e no material de fantasia de seus pacientes, apercebendo-se de que essas imagens se revestem de tamanha importância que sua alienação poderá produzir um sentimento descrito pelas culturas primitivas como "perda da alma".

O modo usual como a *anima* ou o *animus* é experimentado é o de uma projeção numa pessoa do sexo oposto. Em vez de uma projeção da sombra, tal projeção da *anima* ou do *animus* confere

uma qualidade de fascínio à pessoa que a "contém". "Apaixonar-se" é um exemplo clássico de mútua projeção de *ánimus* e *ânima* entre mulher e homem. Durante essa projeção mútua, o sentimento de valor pessoal de um indivíduo é encarecido na presença da pessoa que representa a imagem da alma em forma projetada, mas pode resultar numa correspondente perda de alma e numa vazia, se a conexão não for mantida. Essa fase projetiva, a identificação inconsciente de uma outra pessoa com a imagem da alma na própria psique de um indivíduo, é sempre limitada no tempo; cessa inevitavelmente, com variáveis graus de animosidade, porque nenhuma pessoa real pode estar de acordo com as fantásticas expectativas que acompanham a imagem projetada da alma. E, com o fim da projeção, a tarefa de estabelecer uma relação genuína com a realidade da outra pessoa se apresenta.

Consideradas como estruturas da psique, as imagens anímicas de *ânima* e *ánimus*, mesmo em projeção, têm a função de ampliar a esfera pessoal da consciência. Seu fascínio estimula o ego e o impele para modos de ser que ainda não foram integrados. A retirada da projeção, se acompanhada pela integração do conteúdo projetado, leva inevitavelmente ao aumento do conhecimento consciente. Se a *ânima* ou o *ánimus* projetados não forem integrados, ao se retirar a projeção, o mais provável é que o processo volte a ocorrer com alguma outra pessoa.

A função intrapsíquica da *ânima* ou do *ánimus*, seu papel dentro do indivíduo, é diretamente análogo ao modo como funciona em forma projetada: desvia o indivíduo dos modos habituais de funcionamento, desafia-o a ampliar os horizontes e a avançar para uma compreensão mais abrangente de si mesmo. Essa função intrapsíquica pode ser muitas vezes acompanhada de uma série de sonhos ou ser vista em produções artísticas, como o romance vitoriano *She*, de Rider Haggard, frequentemente citado por Jung. Rima, a mulher-pássaro do romance *Green Mansions*, é um exemplo menos complexo. O retrato da Mona-lisa, de Leonardo da Vinci, capta o misterioso e enigmático fascínio de uma figura da *ânima*, enquanto que Heathcliff em *Wuthering Heights* (O Morro dos Ventos Uivantes) é um retrato clássico do *ánimus*; a grande ópera de Offenbach, *Tales of Hoffmann* (Contos

de Hoffmann), ocupa-se inteiramente das dificuldades de integração de várias formas da *ânima*, todas com seu inevitável fascínio.

Como a imagem da *ânima* ou do *ânimus* é uma estrutura inconsciente, ou existe na própria fronteira do inconsciente pessoal e da psique objetiva, ela é essencialmente abstrata e carece das qualidades e matizes sutis de uma pessoa real. Por essa razão, se o homem manifesta sua *ânima*, ou a mulher seu *ânimus*, a personalidade consciente perde a capacidade de discriminar e a habilidade para lidar com a intrincada interação de opostos.

Na cultura européia tradicional (na qual Jung viveu a maior parte de suas primeiras décadas de vida) a *ânima* do homem tendia a carregar consigo seu lado emocional não-integrado e, portanto, era suscetível de se manifestar mais num certo sentimentalismo do que num sentimento maduro e integrado. Do mesmo modo, o *ânimus* da mulher tradicional era passível de se manifestar mais como pensamento e intelecto subdesenvolvidos, com frequência na forma de pensamentos dogmáticos, do que em posições logicamente formuladas.

É essencial não confundir esses estereótipos históricos e culturais com o papel funcional da *ânima* e do *ânimus*, como figuras da alma. Com a crescente liberdade cultural de homens e mulheres adotarem papéis não-tradicionais, o conteúdo ou aparência geral da *ânima* e do *ânimus* está efetivamente mudado, mas seu papel essencial como guia do psicopompo permanece tão claro quanto nas primeiras descrições de Jung. A integração parcial da *ânima* ou *ânimus* (que não pode ser tão completa quanto a da sombra) auxilia a capacidade pessoal de lidar com a complexidade de outras pessoas, assim como de outras partes da sua própria psique.

A *persona* é a função de relacionamento com o mundo coletivo exterior. *Persona* é um termo derivado da palavra grega para "máscara", que comporta implicações quanto às máscaras cômicas e trágicas do teatro grego clássico. Qualquer cultura fornece muitos papéis sociais reconhecidos: pai, mãe, marido, esposa, médico, sacerdote, advogado etc. Esses papéis envolvem modos geralmente esperados e aceitáveis de funcionamento numa cultura, incluindo até, com frequência, certos estilos de vestuário e de comportamento. O ego em desenvolvimento escolhe vários papéis, integrando-os mais ou menos

na identidade do ego dominante. Quando os papéis da *persona* se ajustam bem — isto é, quando refletem verdadeiramente as capacidades do ego — facilitam a interação social normal. O médico ao vestir o avental branco e ao “vestir” psicologicamente a *persona* da profissão médica está mais facilmente apto a realizar os exames necessários (e potencialmente embaraçosos) do funcionamento corporal do paciente. (A *persona* inversa, a do paciente, é uma *persona* notoriamente difícil de os médicos assumirem quando eles próprios estão doentes.)

O ego saudável pode, com maior ou menor êxito, adotar diferentes papéis de *persona*, de acordo com as necessidades apropriadas de uma dada situação. A sombra, em contraste, é tão pessoal que constitui algo que o indivíduo “tem” (se, na verdade, não tem o ego, por vezes). Existem, entretanto, casos de funcionamento anômalo da *persona* que exigem com frequência uma intervenção psicoterapêutica. Três destacam-se: (1) desenvolvimento excessivo da *persona*; (2) desenvolvimento inadequado da *persona*; e (3) identificação com a *persona* a tal ponto que o ego se sente equivocadamente idêntico ao papel social primário.

O desenvolvimento excessivo da *persona* pode produzir uma personalidade que preenche com precisão os papéis sociais, mas deixa a impressão de que não existe, “dentro”, uma pessoa real. O desenvolvimento insuficiente da *persona* produz uma personalidade que é abertamente vulnerável à possibilidade de rejeição e dano, ou de ser arrebatada ou eliminada pelas pessoas com quem se relaciona. As formas usuais de psicoterapia individual ou de grupo são de grande ajuda nessas condições.

A identificação com a *persona* é um problema que se reveste de maior gravidade, em que existe uma percepção insuficiente de que o ego é separável do papel da *persona* social, de modo que tudo o que ameace o papel social é vivenciado como uma ameaça direta à integridade do próprio ego. A “síndrome do ninho vazio” — tédio e depressão quando os filhos se emancipam e abandonam o lar — denuncia uma superidentificação com a *persona* do papel parental e pode ocorrer em homens e mulheres. A pessoa que se sente vazia e à deriva, exceto quando está trabalhando, usou mal a *persona* apro-

priada ao trabalho ou à profissão e não cultivou um sentimento mais amplo de identidade e competência. O tratamento analítico é freqüentemente necessário para resolver sérios problemas de identificação com a *persona*.

O processo de individuação

Individuação é um conceito central na teoria junguiana. Refere-se ao processo em que uma pessoa na vida real tenta consciente e deliberadamente compreender e desenvolver as potencialidades individuais inatas de sua psique. Como as possibilidades arquetípicas são muito vastas, qualquer processo de individuação deve com certeza ficar aquém da realização de tudo o que é inatamente possível. O fator importante, por conseguinte, não é a soma de realização, mas se a personalidade está sendo fiel às suas próprias potencialidades mais profundas, em vez de simplesmente ceder às tendências egocêntricas e narcisistas ou de se identificar com papéis culturais coletivos.

O ego pode se identificar com estruturas no inconsciente pessoal que não estão em harmonia com o processo mais amplo de individuação. Na grande maioria dos casos, isso gera a neurose — uma sensação de se estar dividido, nunca uno e indiviso em termos de reação e sentimento. Viver um papel na família que lhe foi atribuído na infância pode produzir acentuada divisão neurótica, bem como uma tentativa de evitar o avanço para os estágios seguintes da vida, o que fixa o indivíduo num nível mais antigo.

O ego também pode não estar em contato com o processo de individuação, como resultado da identificação com papéis oferecidos nas esferas coletivas — ou papéis do inconsciente coletivo, em que o ego se identifica com um arquétipo e se torna arrogante, ou ainda, os papéis oferecidos no consciente coletivo — papéis sociais — tornando-se algo que, por mais valioso que seja, não condiz com o destino individual. A identificação com um papel social (identificação com a *persona*), mesmo considerando que esse papel seja aceito e bem-recom-

pensado por vasto segmento de uma sociedade, não é individuação. Jung considerou que Hitler e Mussolini exemplificaram tal identificação com as figuras oriundas do inconsciente coletivo, que esta conduziu a ambos e a nações inteiras à tragédia.¹

O extremo de identificação com um papel arquetípico na psique objetiva (inconsciente coletivo) resulta numa identificação psicótica com uma figura que é maior (e menos humana) do que o ego. Algumas identificações arquetípicas são confusões do ego com um herói cultural ou figura salvadora — Cristo, Napoleão, a mãe-do-mundo etc. Mesmo as identificações negativas podem alcançar proporções arquetípicas (inflação negativa), como nas pessoas em depressão psicótica que sentem ter cometido o "pecado imperdoável", colocando-se, por implicação, até acima do poder de Deus de perdoar.

É difícil descrever um processo típico ou bem-sucedido de individuação, porque cada pessoa deve ser considerada um caso único de tal processo. Podem ser enunciadas certas "normas", como comparar o processo usual de individuação com o curso do Sol — subindo para a claridade, com uma definição durante a primeira metade da vida, e declinando para a morte na segunda metade² — mas tais generalizações têm constantes exceções quando lidamos, de muito perto, com indivíduos, como no processo analítico.

Em sua ênfase sobre o processo de individuação como conceito central da psicologia analítica, Jung assinalou claramente a profunda importância e valor ímpar da vida humana. Essa prioridade está refletida nas grandes religiões mundiais, mas falta em muitos movimentos modernos de massa, onde o indivíduo é reduzido a uma unidade social, econômica ou militar. Nesse sentido, a individuação constitui um contraponto à ameaça de perda de valor humano num mundo que está excessivamente organizado em bases tecnológicas ou ideológicas.

Durante toda a sua vida, Jung manteve grande interesse pela experiência religiosa. Dedicou-se ao estudo de religiões orientais, entendeu a alquimia como prática religiosa e psicológica não-ortodoxa e explorou os rituais de transformação que encontrou ainda ativos no seio da tradição cristã ocidental. Já que o Si-mesmo se apresenta fenomenologicamente com as mesmas imagens que têm sido associa-

das com freqüência à divindade, ele funciona, em certa medida, como uma imagem de Deus dentro da psique. A relação entre essa imagem e aquela referida pela especulação teológica como Deus é, de fato, uma questão em aberto, embora não seja freqüentemente debatida. Experiências sobrenaturais ocorrem em alguns sonhos e parecem ser capazes, se assimiladas, de produzir profundas e douraduras alterações na estrutura da personalidade, um efeito paralelo a algumas conversões religiosas e a certas experiências culminantes na vida vigíl.

O processo de individuação, tal como é entendido na teoria junguiana e encorajado na análise, envolve um diálogo contínuo entre o ego, como o centro responsável pela consciência, e um misterioso centro regulador da psique total, centro a que Jung chamou Si-mesmo – tanto o núcleo do ego como o que o transcende, necessitando do ego para que se desenrole o processo de individuação, aparentemente separado e independente dos estados de ego. Ignoramos qual seja a natureza do Si-mesmo; é um conceito necessário ao exame de atividades observáveis da psique, mas não-suscetível de elucidação direta.

Uma análise junguiana “bem-sucedida” leva à apreensão da natureza fundamentalmente misteriosa da psique, a qual parece ser ao mesmo tempo íntima e transpessoal, limitada pelo ego individual e, no entanto, mais livre no tempo e no espaço do que a personalidade empírica. Nessa fronteira da psique, estamos no limiar de questões culturais mais vastas, que não podem ser respondidas exclusivamente pelo *insight* clínico.

A NATUREZA DO PROCESSO ONÍRICO

Sonhar é uma experiência humana universal. Em sentido fenomenológico, o sonho é uma experiência da vida que se reconhece, em retrospecto, ter ocorrido na mente enquanto adormecida, embora no momento em que tenha acontecido contivesse o mesmo senso de verossimilhança que associamos às experiências da vida vígil; ou seja, parece acontecer num mundo "real" que só em retrospecto é reconhecido como um mundo "onírico".

A fenomenologia do sonho envolve acontecimentos que não são vividos no mundo vígil: súbitas mudanças de tempo e lugar, mudanças de idade, a presença de pessoas que se sabe terem morrido ou de pessoas e animais fantásticos que nunca existiram. Talvez a mudança mais radical experimentada num sonho seja a mudança da própria identidade do ego de um personagem para outro, ou talvez para personagem nenhum, como se o ego onírico observasse os acontecimentos de uma posição flutuante e onisciente.

Durante as últimas décadas, realizou-se uma quantidade imensa de investigações a respeito de estados neurofisiológicos associados ao processo onírico. Até o momento, tais estudos permitiram aos investigadores definir com alguma precisão quando o indivíduo adormecido se encontra em estado REM, um estado de sono ascendente da Fase 1, com rápidos movimentos oculares [*Rapid Eye Movements* ou REM, segundo a sigla universalmente usada]. Quando o indivíduo é despertado nesse estado REM, existe alta probabilidade (mas não a certeza) de que o indivíduo informe ter estado a sonhar imediatamente antes de ser despertado. Entretanto, são conhecidos alguns

relatos de sonhos provenientes de fases não-REM do sono. Embora existam alguns estudos preliminares e fascinantes que parecem ligar a direção dos movimentos oculares ao conteúdo dos sonhos vivenciados,³ essa observação ainda carece ser suficientemente confirmada para ser geralmente aceita.

Como o estado REM ocupa a maior parte do tempo de bebês prematuros e decresce com regularidade durante o processo de envelhecimento, dir-se-ia ser mais um estado biologicamente determinado do que um estado que simplesmente serve às necessidades psicológicas do indivíduo. O sono REM é encontrado também na maioria das espécies animais, nas quais os fatores psicológicos não constituem uma consideração importante. Pode representar no início um processamento de informação relacionado com a visão binocular, ou pode servir ao propósito de alertar periodicamente o sistema nervoso central durante a noite.

Seja qual for a base biológica do processo onírico, tudo parece indicar que, no ser humano, ele é necessário ao funcionamento psicológico saudável. Freud atribuiu ao sonho o papel de guardião do sono, impedindo a irrupção de impulsos reprimidos, uma posição que geralmente não se considera de acordo com as mais modernas pesquisas sobre o sonho. Em contraste, a posição de Jung é que o sonho compensa as visões limitadas do ego vígil, finalidade em harmonia com a hipótese de processamento de informação da atividade onírica, mas que vai muito além da mera assimilação de novos dados.

Os sonhos como compensação

Na psicologia junguiana, o sonho é considerado um processo psíquico natural, regulador, análogo aos mecanismos compensatórios do funcionamento corporal. A percepção consciente pela qual o ego se orienta constitui apenas, inevitavelmente, uma visão parcial, pois muita coisa fica sempre fora da esfera do ego. O inconsciente contém material esquecido, além de material como os arquétipos, que não

podem, em princípio, ser conscientes, embora mudanças na consciência possam assinalar a existência deles. Mesmo dentro do campo da consciência, alguns conteúdos estão em foco, enquanto outros, embora indispensáveis à manutenção da percepção focal, não estejam.⁴

Existem três maneiras possíveis de se ver o sonho como atividade compensatória, sendo todas importantes para a compreensão usada pelo clínico. Em primeiro lugar, o sonho pode compensar distorções temporárias na estrutura do ego, dirigindo o indivíduo a um entendimento mais abrangente das atitudes e ações. Por exemplo, alguém que está furioso com um amigo, mas descobre que a fúria se dissipa com rapidez, poderá sonhar que investe furiosamente contra o amigo. O sonho recordado devolve para nova atenção uma quantidade de fúria que havia sido reprimida, talvez por razões neuróticas. Também pode ser importante para o indivíduo que sonha perceber que complexo foi constelado (ativado) na situação.

Um segundo e mais profundo modo de compensação é aquele em que o sonho, como auto-representação da psique, pode colocar uma estrutura do ego em funcionamento face a face com a necessidade de uma adaptação mais rigorosa ao processo de individuação. Isso em geral ocorre quando o indivíduo se desvia do caminho pessoalmente correto e verdadeiro. A meta da individuação nunca é simplesmente um ajustamento às condições existentes; por mais adequado que tal ajustamento pareça, uma tarefa adicional está sempre à espera (em última instância, a tarefa de enfrentar a morte como um evento individual). Um exemplo desse segundo tipo de compensação é o sonho de uma pessoa que estava muito bem adaptada socialmente, nas áreas da vida comunitária, familiar e de trabalho. Ela sonhou que uma voz impressionante dizia: "Não estás levando a tua verdadeira vida!" A força dessa declaração, que a despertou em sobressalto, durou por muitos anos e influenciou um movimento na direção de horizontes que não estavam claros na época do sonho.

Essas duas formas de compensação — o sonho como "mensagem" para o ego e como auto-representação da psique — contêm a idéia junguiana clássica da função compensatória dos sonhos, substancialmente diferente da tradicional concepção freudiana, que vê os

sonhos como descarga de tensão psíquica mediante a realização de desejos ou como protetores do sono.

Tornou-se cada vez mais claro para mim, entretanto, que existe um terceiro processo mais misterioso e sutil, pelo qual os sonhos são compensatórios. O núcleo arquetípico do ego constitui a base duradoura do "eu", mas pode ser identificado com muitas *personas* ou identidades do ego. O sonho pode ser visto como uma tentativa para alterar diretamente a estrutura de complexos sobre os quais o ego arquetípico se apóia, para a identidade em níveis mais conscientes. Por exemplo, muitos sonhos parecem desafiar o ego onírico com várias tarefas, cuja realização poderá alterar a estrutura do ego vígil, uma vez que a identidade do ego onírico é com maior frequência uma identidade parcial do ego vígil. Dentro da estrutura do sonho, os eventos são vivenciados pelo ego onírico como interações com situações "exteriores"; mas os eventos exteriores do sonho podem refletir diretamente complexos que estão envolvidos na estrutura e no funcionamento cotidiano do ego vígil. As mudanças nas relações com essas situações oníricas podem ser vivenciadas pelo ego vígil como uma mudança na sua própria atitude ou estado de ânimo. Marie-Louise von Franz dá um exemplo particularmente claro desse tipo de compensação com um de seus próprios sonhos. Após um dia em que alimentou a sensação de proximidade da morte, ela sonhou que um jovem romântico — uma figura de *ánimus* — havia morrido.⁵

No curso usual da análise junguiana, os sonhos são frequentemente usados como ponto de referência para a interação no processo analítico. Analista e analisando são aliados na tentativa de compreender a "mensagem" do sonho em relação ao ego do analisando. Por vezes, os sonhos indicam que a atenção deve ser dirigida para a transferência-contratransferência, a constelação típica de interação na situação analítica. Como não existe uma posição privilegiada da qual se possa conhecer a "verdade" da psique de uma outra pessoa, analista e analisando estão empenhados num empreendimento exploratório que envolve uma confiança básica entre eles. Se um sonho se concentra nessa relação, ela deverá ser examinada analiticamente.

Na interpretação dos sonhos, é importante não pensar nunca que o sonho se esgotou. Na melhor das hipóteses, podemos encontrar

um significado útil e corrente para o sonho, mas até mesmo tal significado pode ser alterado à luz dos sonhos subsequentes, pois uma interpretação de sonhos envolve um diálogo contínuo entre o ego e o inconsciente, um diálogo que se estende indefinidamente e cujo tema pode mudar tanto de foco quanto de nível de referência.

Mesmo quando os sonhos não são interpretados, eles parecem às vezes ter um profundo efeito sobre a consciência vígil. Através da observação do impacto de sonhos não analisados, é possível inferir que, mesmo quando não recordados, os sonhos são parte vital da vida total da psique.⁶ Na concepção junguiana, os sonhos estão continuamente funcionando para compensar e complementar (uma forma mais branda de compensação) a visão vígil que o ego tem da realidade. A interpretação de um sonho permite que se preste um pouco de atenção consciente na direção em que o processo de individuação já está se desenvolvendo, embora inconscientemente. Quando bem-sucedida, tal associação de vontade consciente e dinamismo inconsciente promove e favorece o processo de individuação com mais rapidez do que é possível quando os sonhos ficam por examinar.

Um benefício adicional decorrente da interpretação dos sonhos é o fato de o ego reter na memória consciente um resíduo do sonho que permite à pessoa identificar motivos semelhantes na vida cotidiana e assumir uma atitude ou ação apropriadas, resultando em menor necessidade de compensação inconsciente dessa área problemática específica.

Usos não-interpretativos dos sonhos

As personificações em sonhos, incluindo imagens de cenas e objetos inanimados, refletem a estrutura de complexos psicológicos no inconsciente pessoal, que se assentam todos em núcleos arquetípicos na psique objetiva e estão submetidos à força centralizadora e individuante do Si-mesmo ou arquétipo central. Esses complexos que são objetivados e simbolicamente representados em sonho (in-

cluindo a constelação particular do ego onírico) refletem a atividade autônoma do Si-mesmo em relação ao ego (tanto o ego vigo quanto o ego onírico). Por conseguinte, é possível discernir, mesmo tenuemente, o que o Si-mesmo está fazendo com os complexos que englobam o ego e outros conteúdos da psique. Tais observações podem ser usadas de um modo não-interpretativo, o que, de fato, é seu uso mais habitual em terapias não-junguianas.

Os motivos de um sonho podem referir-se ao presente ou ao passado e indicar pessoas reais, vivas ou mortas, ou figuras totalmente desconhecidas na vida vigo. As pessoas não conhecidas na vida vigo provavelmente constituem partes personificadas da própria psique do indivíduo que com elas sonhou. Pela cuidadosa atenção a esses detalhes, é possível inferir que partes da psique e partes da experiência passada do ego estão consteladas na mente, por ocasião do sonho. A atenção psicoterapêutica a essas áreas, mesmo sem uma interpretação formal do sonho, pode conduzir o processo terapêutico na mesma direção do fluxo natural de individuação.

Quando os complexos são representados, como nas técnicas gestálticas, a energia psíquica adicional se focaliza neles e o resultado mais provável é um recrudescimento da percepção consciente. Entretanto, essas representações não são iguais ao uso do sonho na interpretação junguiana, dado que o foco em tais representações incide sobre o complexo que é constelado e não sobre o uso desse complexo na estrutura total do sonho.

Quando o clínico adquiriu proficiência no uso da interpretação dos sonhos, eles podem servir como fator adicional na avaliação diagnóstica e prognóstica, assim como sutil indicador quanto à oportunidade de instituir ou alterar medicação, considerar a hospitalização e variar a frequência das sessões psicoterapêuticas. Um jovem esquizofrênico seriamente doente, por exemplo, sonhou com frequência que seu automóvel começava rodando para trás, desgovernado e sem possibilidade de controle; esses sonhos ocorreram justamente antes de o paciente desenvolver uma exacerbação de seus sintomas psicóticos, o que exigiu um aumento de medicação. Em inúmeros casos, o inverso parecia verdadeiro: ele sonhava então com êxitos marcados ou com o absoluto domínio da situação (como derrotar facilmente o mitoló-

gico Minotauro), quando estava iniciando uma fase de melhora. Certa vez, ele sonhou que um acrobata de circo possuía todas as peças de uma bomba atômica, exceto a que o ego onírico guardava. Na época, isso parecia representar uma "explosão" do seu processo psicótico que foi evitada, paralelamente a seus esforços reparadores conscientes. (Muitos anos depois, e após muitos terapeutas, esse jovem cometeu suicídio; seus últimos sonhos não chegaram ao meu conhecimento.)

Os sonhos podem ser considerados como referência ao material examinado na hora analítica em que eles foram relatados ou na sessão de terapia de grupo em que foram mencionados, ou à situação específica da vida do indivíduo que teve o sonho, na época em que o teve. Relacionar cuidadosamente as imagens oníricas ao contexto do ego vigil ao tempo do sonho minimiza o mais sério erro no uso clínico dos sonhos: o terapeuta projetar no sonho seus próprios pensamentos acerca do paciente, em vez de usar o sonho como uma mensagem corretiva, oriunda do inconsciente do paciente.

Interpretação dos sonhos e técnicas imaginativas

A psicoterapia moderna faz uso de numerosas técnicas imaginativas além da interpretação dos sonhos. As técnicas imaginativas são representações planejadas para utilizar a imaginação humana, frequentemente conceituada como atividade aumentada do hemisfério cerebral direito, a fim de modificar suposições e identidades inadequadas, subjacentes à infelicidade neurótica. Referi-me a essas técnicas imaginativas como *representações*, na acepção teatral da palavra (*enactments*), para diferenciá-las da *passagem a atos* (*acting-out*), que é a estruturação inconsciente (e, de modo geral, indesejável) da experiência, de acordo com conflitos não-reconhecidos, inconscientes.⁷

A interpretação dos sonhos e as técnicas imaginativas parecem influenciar o padrão de complexos na mente, tal como ocorre com as

experiências emocionais na vida cotidiana e em psicoterapia. O trabalho com sonhos é talvez a abordagem mais direta e natural para se alterar complexos, enquanto que a segunda mais direta é o método de imaginação ativa de Jung, no qual o conteúdo inconsciente é encorajado a "vir à tona", ao mesmo tempo que o ego mantém seu papel vigo de mediador da pressão conflitante dos opostos constelados na psique.

Outras técnicas imaginativas incluem a produção de imagens hipnoanalíticas, pintura e modelagem de imagens oriundas do inconsciente, uso da areia para construir cenas com pequenas figuras num tabuleiro, psicodrama, imaginação guiada e práticas de meditação em que o livre fluxo das imagens mentais é permitido. O material resultante tanto se assemelha ao que se manifesta em sonhos que a compreensão do uso clínico dos sonhos deve constituir uma disciplina fundamental para o uso de todas as demais técnicas imaginativas em psicoterapia.

Identidade do ego e a estrutura dos complexos

A maior parte do uso clínico dos sonhos tem a finalidade de auxiliar o indivíduo que sonha a ver com clareza as várias formas de sua própria estrutura da personalidade, que, via de regra, estão inconscientes e simplesmente são transferidos a atos no mundo, causando com frequência a infelicidade neurótica que motiva uma pessoa a buscar ajuda profissional. Esse trabalho do terapeuta é essencialmente semelhante à atividade natural e espontânea dos sonhos, pois eles já estão tentando conduzir a pessoa para fora de sua neurose e encaminhá-la para o processo de individuação. Os sonhos não são sonhados para serem analisados e compreendidos, mas uma compreensão deles nos diz onde o inconsciente já está tentando alterar a imagem do ego na direção da saúde e da individuação.

Entretanto, saúde e individuação nem sempre estão alinhadas;

o que é "saúdável" para uma imagem do ego dominante, num determinado estágio da vida, pode ser decididamente "não-saúdável" para uma imagem nascente do ego, no estágio seguinte da vida. Psicologicamente, tal como em outras áreas da vida, o bom é inimigo do melhor. A individuação é um conceito mais amplo e mais complexo do que "saúde". A individuação é um processo dinâmico; envolve uma mudança constante e finalmente leva à aceitação da finitude da vida e inevitabilidade da morte.

As mudanças no estado de ânimo podem ser visualizadas como mudanças na estrutura dos complexos subjacentes à imagem do ego. Em certo grau, o ego é capaz de realizar tais alterações, como quando nos recordamos de importantes prioridades pessoais numa situação de ambivalência. Isso possivelmente não será mais sério do que recordar a intenção de perder peso, quando defronte de um cardápio de atraentes sobremesas. Ao lidar com questões mais importantes, que requerem níveis mais profundos de mudança de identidade, entretanto, as alterações necessárias não se situam dentro da esfera da escolha consciente do ego. Nesse nível, o ego deve simplesmente fazer o que pode e depois aguardar a ação da função transcendente, a capacidade de produção de símbolos da psique, que está apta a alterar o conflito dos opostos através da criação de uma solução simbólica que relativiza ambos os opostos conflitantes num quadro mais amplo de referência significativa.

O trabalho clínico com sonhos envolve ajudar o ego a fazer o que esteja ao seu alcance. Embora as necessárias transformações subjacentes possam, por vezes, ser observadas em imagens oníricas, não é possível ordenar-lhes para que afluam, à vontade do paciente ou do analista. A resposta ao insistente (e compreensível) apelo do paciente para que lhe seja dito "o que fazer" é fazer o que puder, acompanhando o mais estreitamente possível as formas em que o conflito se apresenta, causando todo o impacto que puder sobre a situação... e depois esperar, vigiar e confiar. O apoio a esse processo constitui um importante ingrediente na transformação da psique. A situação analítica (e a pessoa do analista) pode ser o único *terreno* de que o paciente dispõe, um lugar seguro durante o inquietante

movimento de uma antiga imagem do ego para uma nascente e mais abrangente.

O ponto crucial a recordar é que a própria imagem do ego pode ser alterada, dependendo do complexo (ou combinação de complexos) que o ego usa para uma identidade dominante. Isso é muito fácil de ser visto em projeções da sombra, quando o ego se sente "justificado" em não gostar ativamente de alguém (usualmente do mesmo sexo do ego) que consubstancia qualidades (para todos menos para a pessoa que faz a projeção) presentes na imagem do ego do paciente. Se tal projeção da sombra é, de fato, uma parte integrante da própria estrutura de caráter da pessoa, os sonhos mostram frequentemente o ego onírico envolvido nessa atividade ou atitude da sombra.

Se a sombra não é projetada mas transferida a atos pelo ego, poderá ocorrer um curioso tipo de sonho, quando a sombra está sendo integrada ou dissociada da imagem do ego dominante. Alcoólatras que deixaram de beber, por exemplo, não raras vezes sonham com bebidas alcoólicas pouco depois de terem parado de beber em suas vidas cotidianas. O mesmo tipo de sonho pode ser observado em fumantes que abandonaram o cigarro. Tais sonhos, simples em estrutura, sugerem que o padrão de identidade do ego em que a atividade da sombra estava implantada ainda persiste, embora o ego já não se identifique com ele. (Ver esses sonhos, de maneira simplista, como realização de desejo, corre o risco de atolar o ego em atitudes e padrões de comportamento passados, em vez de encorajar seu movimento no sentido de afastá-lo deles.)

Sonhos mais complexos ilustram o mesmo princípio. Um homem de meia-idade que, em certa altura da vida, desejava ser ministro protestante, mas que depois fora muito bem-sucedido numa carreira de todo diversa, levava uma vida sexual excessivamente ativa, de qualidade contrafóbica. Embora separado da esposa (com quem ainda mantinha relações sexuais), mantinha um regular encontro semanal com uma jovem casada e, em outros momentos livres, ia a um bar local para contatos sexuais casuais com uma variedade de outras mulheres. Durante sua febril atividade sexual, seus sonhos mostraram-no indo à igreja e recebendo a comunhão! Sua sombra continha o que previamente fora um valor positivo — seu compro-

misso e interesse religiosos — que tinha sido dissociado, talvez por causa de uma divisão fundamental e extrema entre sexualidade e religiosidade.

Esse exemplo serve também para enfatizar que, em si mesma, a sombra não é positiva nem negativa. A sombra é simplesmente uma imagem do alter-ego, que personifica os conteúdos que não foram atribuídos à personalidade consciente. A sombra pode parecer negativa do ponto de vista da imagem do ego dominante, por causa da dissociação e parcial repressão do ego, mas seu conteúdo real pode ser positivo ou negativo, dependendo do estado da presente imagem do ego.

Uma estrutura complexa que está ligada à identidade do ego é com frequência bipolar ou até mais complicada. Um complexo bipolar relativamente simples tem dois padrões (ou complexos) de identidade dispostos de modo particular. Um pólo é muitas vezes atribuído ao ego como padrão de identidade, ao passo que o pólo coordenado oposto ou é reprimido na sombra (com manifestações ocasionais) ou é projetado numa pessoa do meio circundante, via de regra, um membro chegado da família, o que determinará um padrão não-pessoal de relacionamento entre o ego e a pessoa em quem o padrão oposto é projetado. Isso constitui, essencialmente, uma estrutura de relação impessoal, que interfere na individuação da pessoa que inconscientemente realiza a projeção e, ao mesmo tempo, inibe o estabelecimento de uma estável relação pessoal com a pessoa sobre quem a projeção recai.

Outro exemplo de estrutura bipolar é o padrão de dominação/submissão, onde o pólo da relação é considerado dominante e o outro, submisso. Nas relações impessoais baseadas em tal padrão, a maioria das interações entre as duas pessoas na relação se enquadra da seguinte forma: uma será submissa, a outra, dominante. Mas há, com frequência, provas sintomáticas da inversão do padrão. Por exemplo, um bem-sucedido homem de negócios, que tomou conta de tudo à sua volta durante décadas, se aposentou e descobriu que tinha um medo irracional de uma doença súbita, com a qual se sentiria impotente e dependente. O exame revelou que o medo da morte não era o principal componente. O que, na verdade, ele temia era a experiência da identi-

dade oposta (dependente e submissa) evitada desde muito jovem através do trabalho compulsivo e do cuidado pelos outros.

Uma dinâmica semelhante está subentendida na situação não comum em que um piloto ou comissário de bordo de um avião comercial receia voar *como passageiro*. No caso do comissário de bordo, não está em causa ter o "controle" do avião quando está trabalhando, mas o significado simbólico de controle está claramente presente. Existem casos ainda mais frequentes de pessoas que temem viajar de automóvel como passageiros, embora se sintam perfeitamente à vontade quando elas próprias o conduzem. Conheço pelo menos um caso inverso: uma mulher extremamente dominadora e controladora, a ponto de ser arrogante, que não é capaz de reunir coragem para guiar um carro e deve ser conduzida por um motorista, mesmo para fazer pequenas saídas de compras.

É possível visualizar, ainda que de maneira aproximada, o movimento do ego através dos vários padrões de identidade, descrevendo os complexos no inconsciente pessoal como dispostos numa "rede" irregular, com certos grupos de complexos que se aglomeram em padrões, embora cada grupo esteja em contato com todos os outros complexos componentes da rede. Se o núcleo arquetípico do ego, baseado no Si-mesmo, for visualizado como um ralo de luz, os complexos iluminados pela "luz" seriam a identidade corrente do ego. A área iluminada sempre deixa no escuro uma parte da rede. Essa parte não iluminada abrange vários padrões estruturais não-identificados com o ego: a sombra, a *ânima* etc. Se a "luz" do ego for deslocada, ela muda não só o "conteúdo" do ego, mas também o padrão das relações associadas a esse conteúdo. Na consciência comum, uma pessoa ignora que a "luz" do ego é móvel, considerando simplesmente que a área iluminada "é" o ego.

Essa imagem metafórica da rede e luz requer maior desenvolvimento, pois a rede não é uma estrutura fixa. De fato, quando o ego "ilumina" uma área, ele então está apto a introduzir alterações na rede de complexos nessa área. Como os complexos estão todos num campo interligado, qualquer alteração num deles afetará a estrutura de todos os outros, em maior ou menor grau. O ego não só vivencia passivamente a "rede" mas, além disso, participa de forma ativa

na criação (ou dissolução) da estrutura dos complexos "iluminados".

A situação se torna ainda mais complicada e misteriosa quando nos apercebemos de que o ego não é a única força capaz de influenciar a estrutura dos complexos. Eles também podem ser alterados pela atividade do Si-mesmo, tanto direta (como na constelação de um determinado contexto onírico) quanto indiretamente, quando o Si-mesmo guia o ego para enfrentar certos conflitos ou fases de crescimento que o ego tentou evitar. Portanto, ego e Si-mesmo influenciam, ambos, a estrutura dos complexos em que o ego se apóia para adquirir seu próprio senso de identidade. Também é importante recordar que o ego se baseia no arquétipo do Si-mesmo e, assim, em certo sentido, é o intermediário ou agente do Si-mesmo no mundo da consciência.

Compreender o processo cambiante das estruturas de identidade é extremamente útil no uso clínico dos sonhos. As questões mais teóricas e profundas que os sonhos envolvem não têm de ser entendidas para que se realize um bom trabalho clínico com a interpretação dos sonhos. Essas questões mais amplas incluem primordialmente questões epistemológicas acerca da natureza do conhecimento, questões religiosas sobre a natureza do conhecedor em relação ao mistério envolvente da existência e a faixa intermediária de estruturas de implementação (motivos arquetípicos), refletidas em mitos, contos de fadas e folclore. Esses últimos constituem um campo fértil para o estudo puro do simbolismo arquetípico, mas devem ser usados com cautela na interpretação de qualquer situação clínica particular, pois a complexidade de uma pessoa individual é maior do que a complexidade de qualquer mito.

A ABORDAGEM JUNGUIANA DOS SONHOS

Há três etapas principais na abordagem junguiana da interpretação dos sonhos:

- 1) uma compreensão clara dos detalhes exatos do sonho;
- 2) a reunião de associações e ampliações em ordem progressiva, em um ou mais de três níveis: pessoal, cultural, arquetípico e
- 3) a colocação do sonho ampliado no contexto da situação vital e do processo de individuação da pessoa que teve o sonho.

Como já assinalamos, existem muitos usos não-interpretativos dos sonhos — como as representações gestálticas dos vários motivos oníricos — que podem levar a uma compreensão dos complexos simbolizados no sonho, mas não esclarecem necessariamente o significado do próprio sonho, que deverá sempre ser visto contra o pano de fundo da vida da pessoa que o sonhou.

Um claro entendimento dos exatos detalhes do sonho recordado é essencial para minimizar os perigos de reducionismo. Se um analisando meramente informa: "Sonhei com trabalho", ficamos sem saber se o sonho na realidade se ocupou da situação de um trabalho cotidiano ou se, talvez, está usando eventos cotidianos para simbolizar processos mais intrapsíquicos. "Sonhei com trabalho" é como dizer que a tragédia *Hamlet* trata das "relações de família". Sem uma acurada atenção às relações internas das imagens do sonho (sobretudo numa série de sonhos), o analista estará correndo o perigo de projetar sua própria teoria no material do paciente. Se o analista

acredita que as relações interpessoais são de primordial importância, é muitíssimo fácil “ver” figuras oníricas como referentes a pessoas no mundo exterior. Analogamente, a excessiva ênfase sobre a relação de transferência-contratransferência (distorções do relacionamento analista-paciente baseadas na dinâmica inconsciente de ambos) pode fazer com que inúmeros sonhos sejam interpretados em termos da situação analítica. Uma forma de reducionismo a que os junguianos estão especialmente expostos é o que poderemos chamar de *reducionismo arquetípico*. Uma vez que todos os complexos são construídos a partir de um núcleo arquetípico, é *sempre* possível superampliar um motivo onírico no sentido de um significado arquetípico, com o concomitante perigo de serem substituídas pelas (frequentemente fascinantes) ampliações arquetípicas, as tensões do processo de individuação na própria vida da pessoa que tem o sonho.

As perguntas necessárias à plena elucidação de um sonho são semelhantes às usadas para esclarecer qualquer situação no discurso ordinário ou numa anamnese bem-feita. Se um paciente fala ao médico de uma dor, por exemplo, há muitos detalhes adicionais a esclarecer: A dor é constante ou intermitente? Se é intermitente, qual é a frequência da repetição? É uma dor aguda ou imprecisa? Ocorre em lugar determinado ou em vários? Se em vários, parece começar num ponto e irradiar-se para outros? O que aumenta a dor? O que a alivia? Interrompe o sono do paciente? e assim por diante.

Suponhamos que o analisando descreva a imagem de uma tartaruga num sonho. Qual é o tamanho da tartaruga? Sua cor? Está quieta, adormecida ou ativa? Existem muitas características incomuns? Eu mesmo tenho tido sonhos com tartarugas de cinquenta metros de diâmetro ou outras tão pequenas que não excedem a alguns centímetros. Mas a pequena tartaruga era capaz de pular um metro no ar e de engolir um bom pedaço de rosbife, de uma só vez! Uma tartaruga *não* é apenas uma tartaruga!

Ampliação de imagens

A ampliação de uma imagem onírica é análoga ao processo de “descascar” as três camadas de um complexo. Em primeiro lugar,

encontramos as associações pessoais — onde apareceu a imagem na vida do paciente, o que ele pensa dela, o que sente a seu respeito etc. Essas associações revelam a natureza do complexo quando de seu desenvolvimento em torno do núcleo arquetípico. Uma pessoa conhecida do paciente poderá aparecer no sonho, por exemplo, suscitando então a pergunta: A imagem do sonho deve ser aceita *objetivamente* (referindo-se à pessoa real no mundo exterior) ou *subjetivamente* (usando a outra pessoa a fim de personificar um parte da própria psique do paciente)? Na prática, pessoas, lugares ou eventos conhecidos têm grandes probabilidades de conter um significado objetivo, mas também podem referir-se a realidades intrapsíquicas do indivíduo que tem o sonho, especialmente quando acompanhadas de um pronunciado tom emocional. Embora seja aconselhável ter sempre ambas as possibilidades em mente, no trabalho clínico com o sonho, a partir de um ponto de vista junguiano, a ênfase recai usualmente sobre o significado intrapsíquico das imagens oníricas.

A "camada intermédia" de um complexo contém imagens mais culturais e transpessoais, como a convenção da luz vermelha do semáforo para significar *Pare*; do branco como a cor nupcial; do Presidente representando o centro governante de um país etc. As ampliações culturais são, com frequência, conscientemente conhecidas da pessoa que sonha, mas podem não ser mencionadas espontaneamente. Se a pessoa que sonha manifesta sua concordância, quando uma possível ampliação cultural é oferecida pelo analista, podemos considerá-la, com segurança, uma parte potencial do complexo subentendido na imagem onírica.

O terceiro nível de ampliação, o arquetípico, é um aditamento caracteristicamente junguiano ao campo geral da interpretação dos sonhos. Os arquétipos, em si mesmos, não são visíveis, sendo apenas tendências para estruturar a experiência de determinadas maneiras. Qualquer imagem estruturada por um arquétipo converte-se numa imagem desse arquétipo (embora transmitindo sempre menos do que a potencialidade total do arquétipo). As imagens arquetípicas em sonhos não são, via de regra, reconhecidas, porque o analista poderá ignorar a significação mitológica ou arquetípica de certo motivo, e porque, já que qualquer experiência humana que se repete com

assiduidade pode ser arquetípica, muitos elementos arquetípicos são por demais corriqueiros para atrair a atenção. As imagens arquetípicas são aquelas que provaram ser suficientemente significativas para um grande número de pessoas, durante um longo período de tempo, de modo a se tornarem parte aceita de algum vasto sistema simbólico — freqüentemente descrito num conto tradicional, conto de fadas, mitologema ou sistema religioso, vivo ou arcaico. Portanto, as psiques de muitas pessoas “filtraram” uma imagem arquetípica.

Em minha opinião, não é necessário interpretar no nível arquetípico para se realizar, geralmente, uma boa interpretação dos sonhos num contexto clínico. Entretanto, ocorrem com freqüência casos em que uma interpretação arquetípica é muito mais significativa do que outra num nível mais pessoal. A compreensão das imagens arquetípicas desconhecidas da mente consciente da pessoa que tem o sonho poderá abrir uma importante janela teórica para a natureza mais profunda da psique e fornecer, também, uma perspectiva saudável para os nossos dramas pessoais cotidianos.

Contexto do sonho

O sonho deve ser interpretado no contexto da vida corrente da pessoa que o tem. Achava Jung que, na maioria dos casos, os sonhos eram compensatórios para a visão consciente do ego, oferecendo um contraponto (com freqüência, um ponto de vista mais abrangente) para a atitude da identidade do ego dominante. O ego tem sempre uma visão limitada da realidade, ao passo que o sonho manifesta uma tendência para a ampliação do ego (embora a ampliação final possa requerer, temporariamente, uma percepção mais restrita ou concentrada). Situar o sonho no contexto da vida da pessoa que o tem não favorece qualquer leitura fácil do sonho como pista para a ação futura. Do mesmo modo, aceitar o sonho como confirmação da atual posição consciente da pessoa é demasiado fácil, na maioria dos casos, para fornecer a informação compensatória que o sonho contém. Regra geral, se já

sabemos o que o sonho parece estar dizendo, então deixamos escapar seu significado.

Quando a interpretação dos sonhos constitui parte rotineira da psicoterapia, um contexto também se desenvolve numa série de sonhos, de modo que podemos relacionar uma imagem de um sonho atual com uma imagem semelhante de sonhos passados. As imagens afins, mas diferentes, podem ser consideradas visões distintas do mesmo complexo, fornecendo freqüentemente pistas adicionais para o significado subjacente.

Existem outras máximas da interpretação de sonhos, mas os três movimentos básicos acima descritos constituem a essência. Nosso exame subsequente de exemplos específicos de sonhos, assim como a experiência do próprio terapeuta, contribuirão para ampliar a compreensão de como esses princípios são aplicados na prática. Alguns sonhos se ajustam facilmente numa estrutura dramática clássica: situação, complicação, clímax e desfecho. Em tais sonhos, é muitas vezes possível descobrir conexões inesperadas entre uma cena e outra, de modo que o que se segue é, num certo sentido, "causado" pela ação do ego onírico na cena precedente. É especialmente importante observar a atividade (ou ausência dela) do ego onírico, sugerindo amiúde paralelos imediatos com a vida vígil. Em geral, a atividade onírica, que ocorre sem a participação do ego onírico (ou com o ego onírico como um observador de fora, passivo), tende a estar também "de fora" — isto é, inconsciente — na vida vígil da pessoa que sonha. Outras máximas serão discutidas nos capítulos seguintes.

OS SONHOS COMO INSTRUMENTOS DE DIAGNÓSTICO

Sonhos iniciais em análise

No encontro inicial com um provável analisando, os sonhos podem oferecer informações tanto para o diagnóstico quanto para o prognóstico. Se bem que a interpretação dos sonhos nunca possa substituir uma detalhada entrevista clínica e um exame das condições mentais, os sonhos podem ser de grande ajuda, se forem adequadamente integrados com o restante material clínico.

O interrogatório acerca dos sonhos recentes ou significativos enquadra-se naturalmente numa entrevista inicial, quando são formuladas perguntas que permitem observações acerca do funcionamento intelectual do paciente: fluxo de pensamento; capacidade para sintetizar; orientação quanto ao tempo, lugar e situação; memória recente e remota; capacidade de julgamento em situações reais e hipotéticas; nível, congruência e tipo de reação afetiva ou emocional; aspectos opcionais mas interessantes do funcionamento mental como os que são revelados pela interpretação de provérbios. Os novos pacientes se mostram amiúde satisfeitos quando indagados a respeito de seus sonhos, dado que, na opinião popular, a interpretação dos sonhos é vista como parte natural da prática psicanalítica (*psicanálise* numa acepção geral, não simplesmente a psicanálise freudiana). De fato, o público está em geral muito interessado no significado dos sonhos e até muitos psicólogos de profundidade estão despreparados para corresponder a esse interesse.

Sonhos recentes, sobretudo os ocorridos após a sessão inicial ter sido marcada, mas antes de ela ter acontecido, podem revelar aspectos do atual funcionamento inconsciente do paciente. Os sonhos que ocorrem no começo da análise apontam, por vezes, para o resultado a longo prazo do problema que se apresenta. Um homem com longa prática de "travestismo", por exemplo, sonhou, no começo da análise, que estava vestido com roupa de mulher, cruzando o pátio de estacionamento de carros de um hotel, quando as roupas começaram a se soltar pelo caminho, sem que isso lhe causasse alarme. Esse fato prenunciou um bem-sucedido tratamento do travestismo (que não tinha elementos de homossexualidade) num período comparativamente curto de terapia (embora, é claro, houvesse períodos de crise e dificuldades durante o tratamento).

Um outro homem com problemas de identidade sexual teve dois sonhos iniciais que indicaram a resolução final de sua ansiedade. Ele agia homossexual e bissexualmente, mas preferia ser exclusivamente heterossexual. Sua atividade homossexual, assim como sua ansiedade e escasso amor-próprio, pareciam estar claramente relacionados a problemas edípiacos; em termos mais psicodinâmicos, ele estava procurando um relacionamento masculino a fim de compensar o que sentia ser um pai emocionalmente ausente. Seus dois sonhos iniciais mostraram que o inconsciente estava preparado para ver o problema encaminhado para uma solução feliz:

Sonho 1:

Eu estava numa gruta ou "esconderijo sexual", sórdido, repelente. Terminei o drinque de alguém de maneira ritualista. A cena muda e estou numa árvore enorme com numerosos ramos. Não posso descer. Há outras pessoas em volta e um rádio está tocando. Dou-me finalmente conta de que ninguém me ajudará a descer e que devo saltar. No entanto, gritei por ajuda e dois homens vieram e colocaram a prancha de uma ponte, encostando-a ao galho onde eu estava pendurado.

Sonho 2 (duas noites depois):

Eu estava com um homem num prédio de Honolulu. Descemos ao porão onde havia um banho-turco e ficamos ali chapinhando em piscinas diferentes. Depois, sentamo-nos em cadeiras com cintos de segurança,

como nas montanhas-russas da Disneylândia. Ele sabia como colocar o cinto, mas eu não havia lido as instruções. No entanto, consegui colocá-lo ao final da corrida. As cadeiras entravam e saíam da água durante a corrida.

Em ambos os sonhos iniciais, podemos discernir o motivo de chegar com segurança ao chão (Sonho 1) ou, ao final da corrida (Sonho 2) sem acidentes sérios, mas com alguma tensão e ansiedade. No primeiro sonho, a ajuda só se materializa quando o ego onírico aceita a responsabilidade e decide saltar, se necessário. No segundo, o paciente não é tão perfeito quanto seu amigo mas, de qualquer modo, consegue terminar a corrida sã e salvo. Ambos os sonhos sugerem um “bom” desfecho, em termos da consolidação de sua identidade masculina. Algumas semanas depois, ele iniciava um caso satisfatório com uma mulher, com a diminuição de seus contatos e pensamentos homossexuais; simultaneamente, começou a se sentir apto a expressar uma posição mais independente em relação aos pais.

Esses dois sonhos são aqui apresentados somente por suas implicações prognósticas, embora também existam claramente muitas outras descrições úteis de ambos. Estar “no alto de uma árvore”, por exemplo, sugere uma situação difícil, refletindo rituais de iniciação xamanísticos, que eram, por vezes, descritos se desenrolando numa árvore; e, no nível arquetípico, aponta para o tema da árvore do mundo ou *axis mundi* — um símbolo frequente do processo de centralização da psique individual.

Imagens relacionadas numa série onífrica

O progresso na dissolução de um padrão neurótico pode ser frequentemente acompanhado em sonhos que se estendem por um período de tratamento de meses ou até anos. Uma mulher com acentuados distúrbios no começo da vida familiar mostrou tais mudanças.

Quando criança, ela havia sido a principal fonte de apoio emocional para um pai alcoólico. Se não tentasse cuidar dele, sentir-se-ia culpada. Sua mãe era uma eficiente profissional liberal que alimentava "elevados" padrões de realização para a menina, mas lhe fornecia escassa aprovação emocional. Quando recorreu à psicoterapia por problemas em seu casamento, essa paciente se decidiu pelo divórcio, mas depois teve uma relação sexual com seu antigo terapeuta, com quem se casou mais tarde, para acabar experimentando uma recorrência da insensibilidade sexual que sentira em seu primeiro casamento. As tentativas de relações sexuais deixavam-na com frequência furiosa. Recorreu, então, ao tratamento junguiano. Em psicoterapia de grupo e análise individual, ela se mostrou solícita e intelectualmente arguta, embora persistentes problemas psicossomáticos (sempre relacionados com fatores emocionais) exigissem várias hospitalizações.

Um incidente muito revelador aconteceu numa das primeiras sessões de terapia de grupo: como habitualmente, ela estava sendo muito solícita e perspicaz em suas intervenções (tal como em sua relação com o pai), mas quando um membro do sexo masculino do grupo se recusou a ajudá-la, ela explodiu num súbito acesso de cólera, revelando pela primeira vez sua ira subjacente (relacionada com sua depressão). Por essa época, ela sonhou:

Uma cadela com dois filhotes crescidos pendentes de suas tetas está se arrastando rua abaixo. Um dos filhotes desprende-se e é atropelado por um carro. Ele explode como uma bomba.

A impressionante imagem de um cachorrinho explodindo tornou-se um símbolo para o seu problema de dependência e para a cólera inconsciente que lhe estava associada. Muitas situações da vida vígil puderam ser relacionadas com sua identificação inconsciente, ou com a pessoa desgastada por ter de cuidar de outros (a mãe auto-sacrificada), ou com a ira explosiva que se desenvolveu em virtude de sua própria dependência (o cachorrinho explosivo) — em ambos os casos, porque as necessidades de dependência nunca foram plenamente satisfeitas e porque a impediam de realizar sua própria maturidade e independência adulta.

Após seu segundo divórcio, ela continuou em análise mas, por algum tempo, evitou qualquer relacionamento pessoal com homens. Durante esse período, sonhou o seguinte:

Eu estava numa câmara egípcia, como numa pirâmide. Numa área elevada, um altar ou catafalco, uma princesa egípcia estava em trabalho de parto, prestes a dar à luz um filho. Na base desse altar, eu estava sendo violada por [uma figura paterna] que me sujeitava numa posição sempre que eu tentava escapar. Eu ansiava para que a mulher desse à luz, na esperança de que o marido da princesa surgisse, visse o estupro e me salvasse.

Esse sonho deixava claro que o complexo paterno estava muito mais ativo em sua psicologia do que a sua relação conflitada com a mãe. Mostrou também a possibilidade de nova vida (o nascimento incipiente), sugerindo uma oportunidade não iniciada pelo ego, mas que poderia redundar no resgate da paciente do padrão inconsciente simbolizado no sonho pelo incesto com o pai.

Significativamente, pouco depois desse sonho, a mulher estabeleceu relações sexuais com o homem cuja esposa havia aparecido no sonho como a princesa egípcia — uma projeção bastante óbvia do salvador interno da paciente num homem real. Após um breve período de felicidade, esse relacionamento terminou e ela ficou seriamente deprimida, o que sabia não estar por completo relacionado com a situação triangular externa. Algum tempo depois, ela sonhou:

Eu estava dando um presente a minha mãe e ela reagiu como sempre fazia na realidade... não gostava nunca de qualquer coisa que eu lhe desse. Nunca pude agradar-lhe. Depois, percebi a razão de ela não se mostrar satisfeita: estava morta! No quarto, estava o médico de uma novela que eu costumava ver na televisão, pela época do meu primeiro casamento, quando meus filhos ainda eram pequenos. Na história, era um médico muito bom e prestativo.

Embora esse sonho parecesse indicar uma nova consciência associada à "morte" do complexo materno, houve poucas mudanças imediatas em sua depressão clínica. Ela lutava com a ideia de mudar para outra cidade, a fim de se livrar do homem que ainda perturbava seus pensamentos. Nesse momento, sonhou o que provaria ser uma

indicação de um momento crucial em sua neurose. Estivera muito deprimida no dia anterior ao sonho e também sofria com seus problemas psicossomáticos. Na manhã seguinte ao sonho, descreveu-se como "hipomaniaca", feliz e (o mais importante) sem o desconforto psicossomático que usualmente a afligia. Eis o seu sonho:

Estou num quarto com minha mãe [que estava morta no sonho anterior e também de fato]. Estou implorando a um homem que tenha relações sexuais comigo. Ele se mostra relutante, mas acaba por concordar porque, diz ele: "É a última vez." A cena muda e vejo uma poça de sangue com alguma coisa nela, que é um bebê morto ou um cachorro morto. É uma visão horrível mas, de certo modo, está certo, porque teria morrido de qualquer maneira.

Ela ter perdido sexo ao homem mostrou o *desejo* previamente irreconhecido, oculto sob o que tinha sido vivenciado apenas como estupro. Sua associação com o "bebê ou cachorro" foi em relação ao sonho anterior do cachorrinho que explode. A sensação de que o complexo paterno subjacente em seus problemas neuróticos estava se dissolvendo, refletiu-se nas palavras do homem do sonho: "É a última vez." O desaparecimento abrupto de seus difíceis sintomas psicossomáticos reforçou a interpretação do sonho como indicativo de uma real mudança no padrão de complexos, o padrão de relações com o objeto que parecia ser o esquema de suas duas identidades neuróticas básicas — como a pessoa que cuida de outras, ou (como aqui) a que se sente dependente de outras. A presença de sua mãe sugere também o envolvimento do complexo materno, mas esse problema não é o foco ativo do sonho, como tampouco era o foco no sonho da princesa egípcia. Percebe-se que a morte do "bebê ou cachorro" está ligada à "última vez", como seria o caso se fosse um cachorro, associado ao cachorrinho explosivo que representava seu problema de dependência.

A incerteza sobre se era um bebê (o que poderia indicar a morte de possibilidades humanas reais) ou um cachorro (sugerindo o sacrifício de um instinto animal que poderia reaparecer mais tarde em forma humana) foi evidentemente resolvida por um sonho que ocorreu na noite seguinte:

Sonhei a noite toda com duas coisas, que ficaram entrando e saindo de minha consciência durante a noite inteira. Uma era uma barata morta e esborrachada que tinha patas em toda a volta do corpo. [Um desenho do que tinha visto se assemelhava a um desenho infantil do disco do Sol com raios.] Ao lado da barata estava um rato morto que tinha sido cuidadosamente embrulhado num pequeno lençol. O rato tinha grandes olhos azuis e penetrantes, quase como uma pessoa.

Sua associação com a barata era com uma das coisas mais repugnantes do mundo: "uma gigantesca barata de Houston". Notou que o desenho tinha um "excesso de patas". A forma da barata lembrou-lhe também um "cachorrinho de pano" que lhe era familiar em sua adolescência (quando ocorreu grande parte da relação tensa com seu pai). Recordava-se de ter em sua cama um cachorrinho de pano, com o "pêlo" distribuído radialmente como as patas da barata. Essas associações, somadas às outras imagens no sonho, sugeriam que, no sonho anterior, se tratava de um cachorro morto, não de um bebê. O raciocínio é o seguinte: se a psique da paciente é afetada pelos mesmos complexos constelados em ambos os sonhos, o que se mostrou como morto num sonho deve ser mostrado como morto num outro, embora a mudança de imagens possa expressar uma nuance do complexo representado pelas diferentes imagens; como as coisas "mortas" no segundo sonho são claramente não-humanas (embora o rato tenha olhos que parecem humanos), é provável que o sonho precedente mostrasse a morte de um cachorro, em vez da morte de um potencial humano que seria com mais lógica simbolizado por um bebê morto.

Essa série de sonhos ilustra um certo número de importantes pontos na interpretação clínica dos sonhos. Em primeiro lugar, a sequência de imagens oníricas relacionadas permite um certo sentido de aperfeiçoamento prognóstico e alguma compreensão das imagens que, de outro modo, talvez fossem mais ambíguas. Em segundo lugar, as imagens numa série de sonhos são semelhantes mas não idênticas — o "cachorro", o "bebê ou cachorro", a "barata" esborrachada e o "rato morto" — mostrando que as diferentes imagens podem representar o mesmo complexo subjacente. (Na realidade, o rato morto,

com olhos que pareciam humanos, também podia estar associado a um sonho anterior em que o ego onírico cozinhou "um grande peixe com olhos humanos", que parecia ter conotações eucarísticas, implicando um auto-sacrifício a serviço de outros.)

Em terceiro lugar, a mudança na natureza ou teor dos sonhos coincide com o aumento de atividade por parte do ego onírico. Embora não invariavelmente (nem constituindo qualquer "regra" para a interpretação dos sonhos), parece que a resolução das estruturas oníricas consteladas segue-se com frequência a uma ação do ego onírico, mesmo que a "ação" no sonho seja simplesmente uma mudança de atitude e não qualquer atividade física. Finalmente, em quarto lugar, essa série de sonhos ilustra como o ego onírico pode se envolver cada vez mais na estrutura do complexo neurótico descrito nos sonhos: no sonho do cachorrinho que explode, o ego onírico é apenas um observador passivo; no sonho da princesa egípcia, o ego onírico deseja atuar, mas não pode; no sonho em que implora a um homem que tenha intercuro sexual com ela, o ego onírico está finalmente ativo. Poderá ter sido essa atividade que "causou" o anúncio pelo homem de que "é a última vez", e que "causou" a morte da barata e do rato? (Isto é simplesmente levantar a questão de causa e efeito em sonhos, para a qual não existem ainda respostas definitivas.)

A extensa série de sonhos dessa mulher (série da qual os aqui apresentados foram intuitivamente escolhidos) pode ser mais bem encarada como a representação de uma estrutura duradoura de complexos de uma forma dominação-submissão sexualizada. O ego onírico (e o ego vígil) identificaram-se, em vários momentos, com um pólo ou outro do padrão. À medida que a paciente progredia para a melhora clínica básica, a série terminou não com outra oscilação entre os pólos desse padrão, mas com a "morte" do próprio padrão, o que assinalou psicologicamente a despotencialização do complexo subjacente.

Diagnóstico diferencial

Os sonhos iniciais podem ajudar na diferenciação de vários diagnósticos, como os de neurose de ansiedade ou neurose depressiva.

Os sonhos também podem ser úteis para estabelecer distinções entre neurose, psicose e problemas caracterológicos ou orgânicos, que podem se apresentar com uma sintomatologia parcialmente sobreposta ou coincidente. Os termos diagnósticos podem ser enunciados de modo diferente em vários sistemas de diagnosticar (como o *Diagnostic and Statistical Manual II* ou *III* da American Psychiatric Association), mas as síndromes clínicas básicas mantêm-se relativamente constantes. Os padrões neuróticos básicos se apresentam como misturas de ansiedade e depressão, com vários graus de dissociação.

Depressão

Embora existam numerosas teorias de depressão, desde as puramente psicogênicas às orgânicas, em geral é verdadeiro que a depressão psicogênica está, de algum modo, relacionada com a cólera a que não é dada suficiente expressão na consciência. A cólera se manifesta tipicamente em relação a alguma pessoa do meio circundante, presente ou passada, e se volta secundariamente contra a própria imagem do ego, resultando em depressão. Essa clássica dinâmica psicológica pode ser muitas vezes vista com excepcional clareza em sonhos e pode servir como indicador diagnóstico.

O que seria vivenciado pelo ego vigoil como depressão é suscetível de se mostrar no sonho como agressão contra o ego onírico por uma outra figura. No caso da mulher, cujos sonhos foram discutidos na seção anterior, a depressão começou a se dissipar quando ela era o agressor sexual no sonho do "bebê ou cachorro" morto, mas no sonho da princesa egípcia (quando ela ainda estava deprimida), a paciente estava firmemente presa num amplexo sexual indesejado, por parte de uma figura paterna agressiva.

Uma outra mulher que vivenciou conscientemente um misto de cólera e depressão, suscitado pelo envolvimento do marido com outra mulher, tinha sonhos de ser ameaçada por vários insetos e répteis, mas quando assumiu uma posição mais peremptória em relação à situação exterior, sua depressão começou a desaparecer. A mudança pôde ser acompanhada através de mudanças nos sonhos.

Num sonho inicial, ela estava sozinha no deserto à noite, cercada por cactos e répteis com medo de se mexer; num sonho que teve algumas semanas depois, ela estava passeando pela vereda de um campus universitário (algo a aprender?), onde havia muitas serpentes venenosas em redor, mas não realmente nas veredas; havia outras pessoas por perto e era dia em vez de noite. Os elementos agressivos, não-humanos, dos primeiros sonhos, podem ser vistos como sua própria agressão inexpressa, indicando a necessidade de afirmar seus verdadeiros sentimentos. Quando assim procedeu, suas imagens oníricas tornaram-se menos ameaçadoras.

Ansiedade

Um número de clássicos sonhos de ansiedade pode ser observado em muitos pacientes. Existem três tipos principais que merecem atenção: (1) sonhos de não estar preparado para um exame; (2) sonhos de perseguição por alguma pessoa ou criatura ameaçadora; (3) sonhos sugerindo perigo físico para o ego onírico, tais como queda, ou ameaçados por eventos naturais — terremotos, inundações e maremotos, incêndios florestais etc. — onde não existe qualquer motivo malévolo em relação ao ego onírico. A ansiedade pode, é claro, adotar muitas outras formas em sonhos, mas esses três padrões são os que mais frequentemente aparecem.

Os sonhos com exame possuem uma forma típica. O ego onírico dá-se conta de que foi marcada a data de um exame, usualmente um exame final num curso universitário ou colegial e, por alguma razão, a pessoa não está preparada, esqueceu de estudar para o exame, não frequentou as aulas do curso ou não sabe onde será realizada a prova. O ego onírico também pode estar atrasado para o exame. Tais sonhos são mais estruturados (e mais frequentes em minha experiência) do que os sonhos mais primitivos de perseguição e queda. Como os exames representam uma avaliação por padrões coletivos, eles apontam para a ansiedade da *persona* — ansiedade sobre como o indivíduo se apresenta aos olhos dos outros ou medo de não estar à altura de um papel social: "Será ele um bom músico?" "Poderá realmente desempenhar bem suas tarefas?" etc.

Os sonhos com perseguição indicam ansiedade de natureza mais primitiva, embora não sejam tão desestruturados quanto os sonhos de queda ou de catástrofe natural, assim como terremotos ou o fim do mundo. É importante ver *o que é* que está perseguindo o ego onírico. É uma pessoa (do sexo masculino ou feminino)? É um animal, um monstro, um "astronauta"? É o ego onírico perseguido por uma única "coisa" ou por coisa coletiva, como uma multidão enfurecida? Por vezes, há mudanças muito reveladoras na pessoa ou coisa que persegue. A princípio, ela poderá parecer assustadora, mas, à medida que se aproxima, é possível que não haja indicação alguma de agressão para justificar o medo sentido pelo ego onírico. Um homem sonhou que havia um monstro enorme na escuridão, avançando para o ego onírico que estava parado sob o foco de luz projetado por um candeeiro de rua. Mas quando o "monstro" ficou realmente iluminado, era apenas um rato. Talvez no escuro *fosse* um monstro, mas, ao se aproximar da "luz" da consciência que rodeava o ego onírico, se modificou. Os complexos relacionados com o ego (onírico ou vígil) não se comportam da mesma maneira que os complexos desligados do ego e, portanto, inconscientes.

Uma mulher sonhou que, quando abria a torneira em seu banheiro, dela saía um jacaré enfurecido. Ele a perseguia pela casa toda, mas quando conseguia abrir a porta da frente e enxotá-lo para fora com uma vassoura, o jacaré se transformava num dócil cachorrinho à luz do Sol (consciência). Uma outra mulher sonhou que abriu a cortina da janela e encontrou uma enorme aranha cobrindo inteiramente a vidraça e aterrorizando o ego onírico. Entretanto, a aranha se moveu lentamente e desceu para o jardim da frente da casa (um outro símbolo de consciência), onde se converteu também num cachorrinho que era dócil e brincalhão.

A transformação de imagens oníricas assustadoras é semelhante ao que comumente ocorre em histórias de fadas: a rã converte-se num príncipe, a fera num bonito homem etc. Essas transformações, sobretudo as de um animal ou coisa que se transforma numa pessoa, parecem retratar o desejo dos conteúdos inconscientes de se tornarem conscientes e participarem da vida do ego; isso aparece nos sonhos como uma transformação de sua natureza primitiva e um movimento em direção ao reino humano.

A "coisa" aterradora e desconhecida que persegue o ego onírico pode ser uma ameaça para o ego onírico mas não para o processo de individuação em que o ego está inserido. Examine-se o sonho para verificar se existe qualquer indicação manifesta de que a "coisa" perseguidora está tentando realmente fazer mal ao ego onírico. Ela poderá simplesmente representar um aspecto inconsciente do indivíduo que tem o sonho e que está tentando estabelecer contato com o ego, embora possa se tornar mais agressivo e assustador se o ego onírico resistir ao contato. Recorde-se que os conteúdos ou qualidades da sombra quase sempre aparecem à imagem do ego dominante como severas ameaças, ainda que potencialmente valiosas para o ego na fase seguinte de individuação.

Por exemplo, uma mulher, que tinha trabalhado por muitos anos com um grave complexo materno, de caráter negativo, sonhou o seguinte:

Eu estava adormecida em minha cama, mas parecia estar numa casa mais velha do que a minha, construída nos anos 20 ou 30. Escutei uma batida forte na porta da frente e fiquei aterrorizada, porque meu marido se encontrava fora da cidade e eu estava sozinha com as crianças. Percebi que tinha de me levantar para ver quem era. Vi o flash de uma lanterna percorrendo o pátio dos fundos e fiquei muito assustada. Apertei o botão do sistema de alarme que soou, mas não houve resposta. Teria sido cortada? De novo a batida forte na porta e percebi que não havia outro remédio senão ir ver quem estava chamando. Eu estava com medo mas fui até a porta: era a polícia. Eles tinham vindo dizer-me que houvera um desastre durante o vôo em que estava meu marido. Era possível que não houvesse sobreviventes. Compreendi quanto o amava e até que ponto estava preocupada com a segurança dele.

A coisa que tentava penetrar na "casa" dela era assustadora e a mulher sentiu que essa coisa tentava infligir-lhe dano. Mas, quando foi realmente enfrentada no sonho, trouxe-lhe à mente um sentimento compensatório de amor e preocupação pelo marido — uma indicação de que ela estivera algo inconsciente da profundidade de seus sentimentos para com ele. A mulher despertou, viu que o marido estava

dormindo a seu lado, mas o efeito do sonho foi tão profundo que, por alguns minutos, ela hesitou em tocá-lo, com receio de que ele pudesse *não* estar ali. Durante horas, ela sentiu o impacto do sonho e seu persistente significado causou uma profunda mudança em sua percepção consciente do verdadeiro amor que tinha ao marido, que ela era propensa a considerar axiomático em meio a suas apreensões neuróticas.

É evidente que o *perigo físico* para o ego onírico não é perigoso para o ego vígil, exceto quando a emoção associada a tal sonho pode impor um esforço exagerado ao aparelho cardiovascular durante o sono. O tipo mais comum de sonho de ansiedade associado a um perigo físico real ao ego onírico é o sonho com queda. Parece não existir qualquer base para a crença popular de que ocorrerá a morte física real se a pessoa "bate no fundo" durante tal sonho. Raramente uma pessoa sonha completar a queda batendo no chão mas, se o sonho continua, ocorre usualmente alguma mudança na situação ou no estado do ego onírico; ela pode verificar que está ilesa, ou que sua queda foi de pouca altura, ou poderá estar "morta" no sonho, mas observando o corpo, e assim por diante.

O desfecho mais comum de tais sonhos é o ego onírico "emergir" na identidade do ego vígil durante a queda. Essa mudança do ego onírico para o ego desperto é uma freqüente lise ou desfecho dos sonhos e deve ser assinalada quando ocorre. Esse despertar, evidentemente prematuro em termos da ação do sonho, pode ser considerado uma fuga à ansiedade, mas, por vezes, também comporta um significado simbólico: "Acorde para isso!" Esse sentido de "acordar" dir-se-ia ser parte da finalidade do sonho em que a mulher foi informada pela polícia de que seu marido talvez estivesse morto e despertada para uma percepção consciente mais profunda de seus sentimentos positivos em relação a ele.

É importante olhar além da mera presença de perigo físico para o ego onírico e fazer alguma avaliação de seu significado dentro do sonho, que variará de acordo com o contexto. Um homem sonhou que uma lança foi arremessada contra ele, não o atingindo por um triz, e que ele a agarrou, entregando-a ao "cavaleiro mongol" que a lançara; seu motivo era apaziguar o atacante, mas seu ato serviu apenas para

inflamar a cólera do atacante. Esse sonho aponta para um motivo não infrequente: o ego onírico é estimulado para ser ativo em sua própria defesa. A figura "atacante" pode ser interpretada como querendo uma reação mais agressiva por parte do ego onírico. O mesmo motivo é sugerido por um sonho em que um tridente é arremessado contra o ego onírico por uma sinistra e irada figura feminina; entretanto, o ego onírico percebe que a sinistra mulher deu-lhe desse modo uma arma para que se opusesse a ela; o que ele faz, libertando numerosos animais "mortos" que voltam à vida.

A agressão contra o ego onírico pode estar, pois, a serviço de uma finalidade mais profunda — o processo de individuação — que diz respeito ao padrão total de desenvolvimento pessoal durante a vida inteira e se relaciona com qualquer imagem do ego dominante em qualquer fase da vida, à luz desse processo subjacente em curso. Em virtude do processo de individuação, a que os sonhos parecem estar profundamente ligados, a ação num sonho pode parecer que se opõe ao ego onírico, quando sua verdadeira finalidade é ampliar ou transformar o ego em relação ao Si-mesmo.

Os sonhos de graves desastres naturais, como terremotos, mostram mais uma mudança de *background* do estado do ego do que uma força dirigida contra o próprio ego onírico. É teoricamente possível que tais sonhos, em nível objetivo, representem uma mudança iminente na situação coletiva, como Jung encontrou sonhos que pareciam prenunciar a Primeira Guerra Mundial. Isso é improvável, contudo, como o próprio Jung sublinhou em sua entrevista a John Freeman na BBC, porque hoje todas as pessoas estão perfeitamente côncias da possibilidade de calamidades mundiais, naturais ou provocadas pelo homem; tais imagens não compensam claramente uma expectativa coletiva consciente de paz e progresso.⁸

Os sonhos de desastres apontam, antes, para uma mudança potencialmente abrupta e possivelmente violenta no *background* tácito da imagem do ego que dominou a consciência. Eles indicam a potencialidade de uma importante mudança na estrutura da imagem do ego. Tais mudanças, se terapêuticamente contidas, podem ser transformadas; se acontecem sem contenção, podem pressagiar um severo curso clínico de depressão, ansiedade e até psicose.

Quando se considera um possível diagnóstico de esquizofrenia ou algum outro processo psicótico, os sonhos podem se revestir de valor para o diagnóstico e para o acompanhamento do curso da doença. Por vezes, os sonhos podem ser de alguma ajuda para determinar quando é aconselhável aumentar a medicação ou, talvez, considerar outros meios de maior apoio para o ego assediado, como a hospitalização. A arte de ler sonhos dessa maneira não é fácil de se transmitir, porquanto não parece haver qualquer indicação clara que esteja invariavelmente presente. As pistas que porventura existam são, com frequência, contextuais para o indivíduo particular que tem o sonho, significativas na série de sonhos desse indivíduo, mas dificilmente generalizáveis para outros. O indicador é amídeo, por exemplo, não o motivo de perigo para o ego onírico do indivíduo, mas simplesmente o aparecimento no sonho do que se poderia chamar uma imagem bizarra. Um animal perambulando sem pele, por exemplo, ou uma pessoa louca ameaçando explodir o mundo podem revelar um agravamento potencial da condição clínica. Entretanto, essas imagens devem ser sempre contrabalançadas com a força do ego. A psicose ocorre quando a pressão dos processos inconscientes sobrepuja o ego; isso pode acontecer mediante um surto da pressão inconsciente ou por um decréscimo da força usual do ego, em virtude de estresses excessivos ou de fatores físicos, tais como o efeito de drogas psicodélicas.

Diz-se-ia haver necessidade de se pesquisar o uso de imagens oníricas para avaliar a estabilidade do ego e a pressão psicótica; tais estudos exigiriam cuidadosas comparações numa população bem-definida, durante um extenso período de observação. Semelhante pesquisa não seria fácil nem pouco dispendiosa, mas poderia aumentar a nossa compreensão clínica do impacto psicológico da medicação antipsicótica. Também poderia fornecer algumas respostas às cruciais indagações sobre a interação mente/cérebro em relação à estabilidade da personalidade.

Problemas físicos

Nada tem de simples, em absoluto, a elaboração de diagnósticos orgânicos a partir de material onírico, embora existam muitos exemplos impressionantes de tais predições: o sonho de uma "explosão" interna precedendo a ruptura de um aneurisma da aorta, o aparecimento de figuras oníricas com moléstia de vesícula biliar antes de essa doença sequer ser suspeitada na pessoa que teve o sonho etc. Em retrospecto, é fácil ver que os sonhos podem estar indicando um problema orgânico mas, do ponto de vista do prognóstico, isso é difícil por causa da multiplicidade dos fatores a considerar. Normalmente os sonhos parecem ser compensatórios da posição consciente do ego vígil. Fazem isso a serviço do processo de individuação, cujos propósitos e interesses não são necessariamente os mesmos do ego vígil, uma vez que a individuação serve mais à integridade potencial da personalidade do que à perfeição de qualquer configuração particular do ego. A doença física pode ser uma preocupação absorvente do ego consciente, mas não parece ser de igual interesse para o Si-mesmo, originador de sonhos.

Os sonhos parecem estabelecer uma distinção entre a personalidade e o corpo, estando o ego onírico, aparentemente, mais associado à personalidade do que ao corpo. Quando indicadores de condições físicas concretas são representados num sonho, não costumam se apresentar como uma doença da imagem do ego dentro do sonho; pelo contrário, é mais provável que se mostrem em outras figuras que não o ego onírico, talvez uma imagem que representa o corpo orgânico — um animal, a mãe pessoal (a origem do corpo físico) ou outras representações de vida orgânica.

Sonhos com morte

Intimamente relacionado com a questão de representação da doença orgânica está o motivo de morte num sonho. Sonhar que

se pode morrer, ou mesmo que se está morto, não é particularmente raro. Os pacientes podem recordar tais sonhos com ansiedade, temendo que o sonho seja um indicador da aproximação da morte. Mas os sonhos de morte são, em essência, sonhos de transformação da imagem do ego. À medida que o ego consciente se identifica com uma determinada imagem do ego, qualquer coisa que ameace a continuidade dessa imagem parecerá uma ameaça de morte física, pois o ego também está intimamente identificado com a imagem do corpo — embora o freqüente motivo onírico de olharmos *para* nós mesmos demonstre claramente a dissociabilidade do ego onírico da imagem do corpo.

A morte num sonho é muito diferente do significado de morte no contexto vígil ordinário. As imagens oníricas são representações de complexos ou de arquétipos. Inúmeras imagens podem estar associadas ao mesmo complexo ou arquétipo. Tais imagens não “morrem”. Uma imagem se transforma em outra; uma transformação que freqüentemente pode ser acompanhada numa série de sonhos. A sequência onírica examinada anteriormente — envolvendo o “cachorrinho que explode”, o “cachorro ou bebê” e o “rato com olhos humanos” — ilustra a transformação gradual de uma imagem onírica ao longo do tempo.

As pessoas que estão realmente se acercando da morte orgânica têm sonhos que surpreendentemente não diferem de outros sonhos premonitórios de alguma mudança significativa, como os sonhos de viagem ou os sonhos de casamento. Tais sonhos podem encorajar o ego vígil a se concentrar em preocupações e responsabilidades conscientes, mais do que na morte iminente do corpo físico. A observação e pesquisa a respeito dos sonhos de morte é insuficiente para que se possa fazer qualquer enunciado definitivo de uma teoria. Parece, entretanto, que os sonhos se preocupam muito menos com a morte do corpo do que com o processo de individuação, uma vez que consideram o fim próximo da vida, do mesmo modo que outras mudanças importantes no transcorrer dela. Isso sugere que a personalidade individual sobrevive à morte física? Significará que a morte física é de pouco mais interesse para o Si-mesmo do que as mudanças significativas do ego durante a vida? Essas são perguntas sérias para a ciência em geral e, em particular, para a parapsicologia e a psicologia de profundidade.

Princípios a Recordar

1. Os mesmos complexos podem ser personificados por numerosas imagens diferentes.
2. Acompanhando uma série de sonhos e procurando dentro deles uma estrutura afim, mas variável, é possível notar intuitivamente:
 - a) nuances cambiantes de um complexo em relação a outros complexos no mesmo padrão de identidade e
 - b) aperfeiçoamento (ou agravamento) prognóstico do padrão de identidade, como o de natureza dominação-submissão.
3. Os sonhos no início da análise podem indicar um elemento diagnóstico e prognóstico a ser considerado na avaliação clínica inicial.

QUESTÕES DE TÉCNICA

Existe uma verdade básica acerca da técnica: a técnica correta nas mãos da pessoa errada não funcionará, ao passo que a técnica errada nas mãos da pessoa certa *funcionará*. O uso bem-sucedido da análise dos sonhos em psicoterapia não é apenas uma questão de perícia técnica. *Nenhuma* técnica é inteiramente adequada, pois a equação pessoal analista/analizando é mais importante. É dentro dessa relação que se deve realizar todo o trabalho com os sonhos ou outra terapia. A relação terapêutica é o *temenos* (a fronteira sagrada, o *vas* ou *krazer* alquímico), onde ocorre o processo de transformação.

Transferência e contratransferência

A análise é um processo que não pode ser inteiramente racional; logo, é semelhante em alguns aspectos a outros desempenhos especializados, como a produção de música, arte ou poesia. As regras que governam tais produções não são de todo específicas, mas servem como máximas ou lembretes gerais das diretrizes que devem ser respeitadas.

Talvez a principal responsabilidade do analista ou terapeuta seja manter o que poderíamos chamar de *campo transformativo*, no qual a transformação da psique tem maiores possibilidades de ocorrer. Surpreendentemente, a transformação pode ocorrer no

analisando (o intuito usual) ou no analista – ou em ambos! É impossível construir uma situação interpessoal em que as influências corram numa única direção. O ponto de vista inicial de Freud era de que o analista podia ser inteiramente objetivo, servindo como uma virtual “tela branca”, na qual o analisando projetava sua própria psicologia e revivia seu processo neurótico dentro das fronteiras curativas da psicanálise. Entretanto, não tardou em ficar evidente que, além das distorções de transferência do analista pelo paciente, havia também as distorções do paciente pelo analista – a chamada contra-transferência.

As concepções de Jung sobre o assunto claramente levam em conta essa qualidade de “campo”. Em *A Psicologia da Transferência*, Jung mostra que analista e analisando estão ambos envolvidos num processo que não pode ser inteiramente consciente e pode ser transformador para ambos os parceiros.⁹ Além disso, ele vê a transferência e a contratransferência como formas específicas de projeção, o que acontece automaticamente em qualquer relação.

Não obstante, a situação analítica tem por objetivo maximizar o campo transformativo para o paciente, ao mesmo tempo que minimiza a contratransferência perturbadora do analista. O material do paciente é discutido em grande profundidade, historicamente e à luz dos sonhos atuais, ao passo que o analista faz relativamente poucos comentários pessoais, muito embora seja impossível para o analista ser a clássica tela em branco. Além disso, o analista treinado passou por um extenso período de análise pessoal e está presumivelmente mais ciente da possibilidade de projeção de seus próprios complexos no analisando.

De que modo os sonhos penetram no campo transformativo da relação analítica? Na maioria dos casos, o analisando sonha, leva o sonho ao analista e, juntos, eles procuram o significado do sonho na vida do paciente. Assim, analista e analisando são colegas na exploração do material inconsciente do analisando, relacionando-o com o processo de individuação em curso. Há momentos, entretanto, em que trabalhar com sonhos pode gerar tensões nesse padrão usual. Isso acontece regularmente nos seguintes casos:

- 1) O analisando identifica o analista com uma figura num de seus sonhos.
- 2) O analista aparece em pessoa no sonho do analisando.
- 3) O analisando aparece num sonho do analista.
- 4) Existem sonhos sexuais, do analisando ou do analista, acerca da outra pessoa.

Existem outras possibilidades, é claro, mas essas quatro suscitam as principais questões de técnica envolvidas na relação entre os sonhos e o campo transformativo da análise. Considerando-as mais cuidadosamente teremos a seguir:

1) *O analisando identifica o analista com uma figura de seus sonhos*, muito embora a figura não seja manifestamente o analista. Já que na teoria jungulana as ações e as pessoas dos sonhos não são consideradas disfarces da realidade (como na concepção de Freud), é uma questão de interpretação dizer que uma figura num sonho é "realmente" alguém conhecido do analisando na vida vígil. Como veremos em breve, mesmo que o analista na realidade apareça, *ainda* é importante considerar se o sonho está falando de modo objetivo ou subjetivo. A interpretação abusiva de figuras oníricas como referentes do analista pode até ampliar a transferência a um grau desnecessariamente perigoso, sobretudo quando os sonhos possuem um caráter erótico. Em geral é preferível manter a posição de que o analista deve ser claramente mostrado no sonho, caso o sonho se tenha referido à pessoa real do analista. Outras figuras revelarão a estrutura dos complexos constelados no paciente, e essas figuras, é claro, *podem* influenciar a transferência, mas não necessariamente. A excessiva identificação de imagens oníricas com pessoas reais constitui-se num *reduccionismo interpessoal*; exerce pressão indevida sobre a esfera interpessoal de significado, atribuindo desse modo grande ênfase aos aspectos de transferência da situação terapêutica.

2) *O analista aparece em sua própria forma num sonho do paciente*. Em tais casos, é mais provável que o sonho esteja falando de uma situação objetiva, que envolve a pessoa do analista, embora isso não seja absolutamente certo; o analista pode servir como função simbólica, representando uma parte da própria psique do paciente (o "analista interior"), que se baseia na interação com o analista;

uma representação que ocorre com maior frequência após terem acontecido mudanças significativas no caráter da neurose. Com sonhos desse tipo, existe uma responsabilidade adicional para o analista: a de avaliar objetivamente sua relação com o paciente, incluindo reações de contra-transferência, uma vez que o sonho do paciente poderá estar se referindo a um de seus aspectos inconscientes.

3) *O paciente aparece num sonho do analista.* Isso deve fazer com que o analista considere seriamente a possibilidade de distorções de contra-transferência que impeçam o processo terapêutico. O analisando no sonho pode personificar um dos complexos do analista que foi constelado em sua vida pessoal ou dentro da situação analítica. No mínimo, tal sonho indica uma necessidade de modificar a percepção consciente do analista a respeito do paciente. Jung menciona um sonho em que ele viu uma paciente como uma pessoa muito mais importante, por suas próprias qualidades, do que a avaliara conscientemente ser; uma simples correção ou compensação da subavaliação que havia feito dela no nível consciente.¹⁰

Deverá ser tal sonho discutido com o analisando? De acordo com a minha própria experiência, a resposta é geralmente "não", embora invariavelmente não seja este (como ocorre com todas as máximas) o caminho correto. Quando discutimos o sonho de uma pessoa com essa mesma pessoa na vida vígil, há o perigo de que a pessoa sobre quem se sonhou considere o sonho "mais profundo" ou "mais verdadeiro" do que a posição conscientemente declarada de quem teve o sonho. É como oferecer um produto inconsciente, que pode não ser compreendido por completo pela pessoa que teve o sonho, como uma tela de projeção para a pessoa a quem se conta o que se sonhou. Como o paciente não tem o mesmo treinamento ou experiência do analista, é provável que ocorram distorções inconscientes de sua percepção sobre o analista, aumentando ainda mais a possibilidade de dificuldades na transferência-contratransferência. A mesma regra se aplica em geral quando são compartilhados sonhos de um amigo com um amigo na vida vígil, embora também nesse caso haja exceções.

O analista deve entender, até onde lhe for possível, o significado de seu sonho com o paciente e relacionar-se com ele a partir de uma

crescente consciência do que está acontecendo com eles. Assim, o ego do analista assume a responsabilidade pelo sonho e seu significado. Se o sonho for particularmente enigmático, o analista deve combinar uma hora de supervisão com um colega.

4) *Sonhos sexuais do analista ou do analisando a respeito do outro.* É especialmente importante trabalhar esses sonhos com a técnica analítica apropriada, uma vez que a sexualização da transferência-contratransferência pode acarretar complicações desnecessárias, sobretudo quando (o que é raro) é passada ao ato. A ocorrência de sonhos sexuais de uma parte ou outra não deve causar surpresa, dado que sentimentos sexuais são naturais em qualquer relação, especialmente se houver profundidade emocional. Em suas "Conferências de Tavistock", Jung sugere que os sonhos sexuais de um paciente com o analista constituem uma tentativa de eliminação da distância emocional entre eles.¹¹ Diz-se-ia que isso é verdadeiro em se tratando de atração sexual em geral: sugere um valor potencial numa área desconhecida do relacionamento, um valor que ainda não é consciente nem pode ainda ser claramente especificado, embora sua presença seja anunciada através da atração sexual. Os sonhos sexuais também podem indicar que um processo transformativo está começando no inconsciente (do analisando, do analista ou de ambos), de um modo muito semelhante ao dos desenhos alquímicos que Jung usou para ilustrar seu ensaio sobre transferência. (O inconsciente recorre freqüentemente a imagens sexuais para simbolizar processos não-físicos de união e transformação, embora o ego vígil seja propenso a interpretar literalmente tais sonhos.)

A título de exemplo, um analista sonhou que teve intercurso sexual com uma atraente paciente. O sonho ocorreu três dias antes de essa mulher relatar um sonho análogo. Não existia conhecimento consciente do interesse sexual por ambas as partes, nem houve quaisquer comentários ou iniciativas de flerte ou sedução de uma ou outra parte. O tema não se repetiu em sonhos subsequentes da analisanda nem do analista. Os sonhos sexuais paralelos pareciam indicar uma nova fase de análise, quando prevaleceu um tom mais transformativo, e a analisanda adquiriu uma nova perspectiva sobre os padrões neuróticos de sua vida, que incluíam casos sexuais repetitivos e compulsivos.

Medicação em análise

Se o analista é médico, os sonhos podem indicar quando iniciar ou suspender o uso de drogas psicotrópicas como tratamento coadjuvante para facilitar o processo analítico. Os analistas não-médicos terão, é claro, questões semelhantes e poderão solicitar uma consulta acerca do uso de medicação. Existem puristas que se opõem ao uso de qualquer medicação durante o trabalho analítico, mas esta posição está ficando cada vez menos sustentável. O objetivo geral da análise é ajudar o ego a estabelecer um relacionamento responsável com o processo transformativo e individuativo de sua própria psique. Criteriosamente usada, a medicação tanto pode ser uma ajuda quanto um estorvo para tal objetivo. Se a medicação é usada *em vez do* trabalho analítico, torna-se um impedimento. Se for usada judiciosamente, de modo a permitir que o ego trabalhe mais eficazmente na análise, então, poderá constituir uma parte útil do processo transformativo.

Um paciente que tem excessiva (ou escassa) ansiedade não pode ser suficientemente ponderado para se movimentar com eficácia na análise. Pode ser valioso o uso de uma ou mais medicações tranquilizantes. Do mesmo modo, se o paciente está tão deprimido que nada para ele parece ter valor, incluindo a análise, o uso de medicação antidepressiva pode ser um auxiliar essencial. A finalidade de qualquer uso de medicação é deslocar o ego do paciente para a faixa intermédia de pressão afetiva, a faixa em que tanto a ansiedade quanto a depressão não são tão esmagadoras que interfiram no trabalho da terapia de *insight*. Se o paciente não está *suficientemente* ansioso ou deprimido, a análise também pode ficar à deriva, sem um propósito; mas, nesses casos, não existe medicação para deslocar o ego para a faixa intermédia e o movimento deve ser iniciado por processos inconscientes (frequentemente um sonho), ou pelo analista que, através da interpretação ou exortação, desperte no paciente um grau adequado de afeto. Por vezes, a adição de terapia de grupo simultânea suscitará as reações afetivas que faltam à situação analítica individual.

Os sonhos podem indicar quando a medicação se faz necessária ou quando pode ser interrompida com segurança, embora não se deva

confiar neles como único critério. Um jovem em processo esquizofrênico, por exemplo (como se discutia anteriormente), tinha períodos de exacerbação em que era necessário aumentar a dosagem de sua medicação antipsicótica, a fim de evitar a necessidade de reinternação hospitalar. Numerosos motivos repetitivos eram observados em seus sonhos imediatamente antes de se iniciar uma fase regressiva. Esses motivos incluíam um carro rodando para trás, desgovernado, animais sem pele e figuras oníricas destrutivas propensas ao assassinato e até à destruição do mundo inteiro. Quando esses motivos apareciam, sua medicação era aumentada, evitando frequentemente um período de recaída.

Uma pessoa que está deprimida pode continuar informando um estado de pressão mesmo quando há um progresso subjacente; isso constitui, ao que tudo indica, uma defesa contra o reatamento das responsabilidades associadas à renúncia ao papel de doente. Se os sonhos assumem uma aparência mais normal, poderá ser seguro começar por retirar a medicação, vigiando com cuidado qualquer agravamento da condição clínica. A "normalidade" dos sonhos é melhor ajuizada, cotejando-os com o que se conhece dos sonhos do paciente antes da ocorrência da depressão mas alguns motivos bastante comuns que podem oferecer uma indicação de melhora são: (a) a ausência de símbolos de agressão contra o ego onírico e (b) a ausência de símbolos referentes a períodos do passado em que os conflitos neuróticos foram formados ou intensificados.

Análise redutiva e análise prospectiva

Análise redutiva é o termo sugerido por Jung para a tradicional ênfase primária da psicanálise freudiana: redução do conflito corrente às suas supostas origens na vida pretérita do paciente. Esse trabalho redutivo tende a localizar a causa suficiente da neurose num evento passado, incluindo a atitude passada relativa ao evento. Jung nunca abandonou a análise redutiva e considerava ser ela a ênfase apropriada

(em qualquer idade) quando havia indicadores claros de que um importante componente da dificuldade neurótica podia estar localizado em complexos baseados na experiência passada. Jung simplesmente relativizou a análise redutiva, demonstrando-lhe o uso especializado em vez de tratá-la como o único ou necessário caminho para o alívio de todo o sofrimento neurótico. Em contraste com a análise redutiva, a análise prospectiva se assenta numa orientação mais teleológica, investigando *para onde* o processo vital está caminhando, em vez de atentar para os obstáculos que encontrou no passado.

Na prática analítica, existem importantes ocasiões tanto para a análise redutiva quanto para a prospectiva. Os sonhos podem ser um indicador extremamente sensível de quanto enfatizar um tipo ou outro de trabalho.

A indicação primordial de que a análise redutiva é requerida ocorre nas ampliações pessoais de motivos oníricos, tanto de personagens como de cenário. Um homem com uma história de depressões bastante periódicas, todas deflagradas por fatores psicodinâmicos associados a mudanças ambientais, tendia a sonhar com sua infância numa pobre granja, sempre que uma depressão se aproximava. Em outras ocasiões, quando se sentia mais estável, tais motivos eram raros em seus sonhos. Esses motivos indicaram a necessidade de tratar seus complexos por análise redutiva. Um outro homem, que começava a elaborar uma severa e persistente neurose, teve uma série de sonhos localizados nas vizinhanças do lar de sua infância, sonhos simbólicos de fixação numa experiência incipiente do mundo, ocorrida por volta dos três anos de idade. Nesses sonhos, havia primeiro imagens de intrusões tipo Máfia no sistema judicial de uma cidade inexistente, perto da casa de sua infância; depois, sonhos de sair diretamente de casa por avião (uma impossibilidade física) e, finalmente, uma imagem mais simbólica de figuras subterrâneas, tais como zumbis emergindo de onde estavam sepultados (indicando possivelmente que tinham sido enterrados no inconsciente). Depois dessa série de sonhos, ele começou assumindo uma atitude diferente em relação ao caráter regressivo de suas ligações neuróticas, prenunciando um período de progresso marcado pelo declínio de sua depressão neurótica.

Inversamente, quando as imagens do passado estão ausentes dos sonhos, parece menos importante nos concentrarmos numa análise redutiva. Os progressos podem ocorrer mais rapidamente a partir de um foco sobre os estados afetivos comuns e seus aspectos neuróticos. Esse trabalho pode se concentrar em qualquer aspecto do funcionamento do paciente que esteja afetivamente carregado: a transferência-contratransferência, o envolvimento com a família ou amigos comuns, estresse no ambiente de trabalho, relações observadas na terapia de grupo etc.

O valor dos sonhos torna-se particularmente evidente quando se trabalha com problemas afetivos correntes, pois em todas essas áreas que *não sejam* os sonhos é importante subtrair a realidade externa das descrições do paciente. Por exemplo, se existe uma acentuada dificuldade afetiva com alguém para quem o paciente trabalha, o analista deve admitir que a dificuldade se baseia mais na natureza concreta da outra pessoa do que nas suas distorções, que têm como causa a percepção neurótica do paciente. Até mesmo na avaliação de situações afetivas no campo da transferência-contratransferência, poderá ser difícil para o analista ser suficientemente objetivo a seu próprio respeito, a ponto de reconhecer as contribuições de sua própria contratransferência para a dificuldade. Em sonhos, entretanto, estamos aptos a iniciar a investigação com dados que *já* são simbólicos. Uma vez que o ego não produz o sonho, as distorções do ego não precisam ser levadas em conta, embora se deva, assim mesmo, atentar para questões de interpretação objetiva ou subjetiva do sonho.

O ego afetado e os sonhos

Em seu estudo sobre associação de palavras, que precedeu seu primeiro encontro com Freud, Jung definiu claramente a natureza de um *complexo* e a do *ego afetado*. Complexo é um grupo de idéias e imagens relacionadas entre si ou afins, reunidas por um tono emo-

cional comum e baseadas num núcleo arquetípico.¹² Ao examinar os efeitos agudos do complexo sobre a consciência, Jung definiu o ego afetado como uma modificação do ego resultante de sua ligação com um complexo fortemente tonificado.¹³

A energia associada a um complexo fortemente carregado no inconsciente pessoal modifica a capacidade do ego para manter seu sentido usual de realidade, resultando num estado de afecção do ego. O ego experimenta uma perda de sua habitual objetividade, sente o influxo do afeto associado ao complexo e pode ter dificuldade em manter as fronteiras usuais da identidade pessoal.

A criação de um estado de ego afetado é característica da maioria dos sonhos. Os sonhos possuem ordinariamente uma estrutura semelhante à de um drama teatral, com um problema inicial (incluindo o cenário e o elenco de personagens), alguma reação do ego onírico (incluindo a não-ação e as reações emocionais) e um desfecho. É importante investigar cuidadosamente as reações emocionais (ou ausência delas) do ego onírico, uma vez que elas, assim como as ações, fazem parte da resposta do ego onírico aos complexos constelados, simbolizados nas outras figuras do sonho.

Se o ego onírico está envolvido numa situação muito dramática no sonho, mas não mostra a reação emocional apropriada caso a situação fosse em estado vígil, então o sonho pode estar indicando uma ausência patológica de percepção emocional com essa particular construção do ego. Um aspecto especialmente sutil do uso clínico dos sonhos é a interpretação da receptividade emocional (ou sua ausência) do ego onírico em relação às cenas subsequentes do sonho. Considere-se um exemplo hipotético em que o ego onírico é atacado por uma outra figura, mas se recusa a se defender, tentando fazer amizade com o atacante. Isso mostra uma certa atitude do ego em face de um conteúdo agressivo da psique. O que acontece em seguida poderá mostrar o que a psique inconsciente "pensa" de tal atitude do ego. Não seria surpresa se o ataque fosse renovado com maior energia, sugerindo que o produtor do sonho deseja que o ego onírico se torne mais ativo em sua própria defesa.

Um outro desenvolvimento que ocorre com frequência dentro de um sonho é quando o ego onírico não reage adequadamente

a algum desafio no sonho (aferido pelo que seria apropriado na mesma situação na vida vígil), e a cena muda logo para um desafio mais sério. Por exemplo, o ego onírico defronta-se com uma cena de guerra civil em que um soldado do lado contrário está atirando contra o ego onírico, que se refugia numa gruta para evitar o conflito; depois a cena muda para outra em que o ego onírico está dentro da água e vê se aproximarem velozmente as barbatanas dorsais de tubarões. Essa sequência sugere que uma ameaça mais séria e mais primitiva (os tubarões atacantes) aparecerá, caso o ego onírico tente evitar uma confrontação no nível mais humano.

Via de regra, nos sonhos, parece que, quanto mais próximo um conflito estiver de um confronto pessoal no nível humano, mais provavelmente se estará chegando a um ponto de resolução possível. Numa série de sonhos é possível, por vezes, acompanhar tal evolução numa clara progressão desde uma luta contra forças primitivas, como animais ferozes, seres espaciais ou grandes cenas impessoais de batalha, mudando para um conflito mais local, como uma guerra civil, que indica uma unidade potencial dos dois lados conflitantes da psique e, finalmente, um conflito não-letal, apresentado como algo que está contido dentro de regras que se aplicam a ambas as partes — por exemplo, uma competição de atletismo ou um jogo de futebol entre duas equipes.

Embora devamos ser cautelosos na formulação de generalizações, é pelo menos verdadeiro afirmar que os motivos de conflito em sonhos estão freqüentemente associados à diferenciação entre o ego e o inconsciente, ao passo que as imagens mais desenvolvidas de individuação — como as imagens alquímicas da *conjunctio* que costumam ser representadas graficamente como união sexual ou casamento — ocorrem depois de se ter alcançado a autonomia do ego.

O ego afetado numa imagem onírica se correlaciona, por vezes, com um estado afetivo observado no ego vígil. Quando essa ligação é evidente, a imagem onírica do ego serve como uma forma estenográfica de referência ao estado problemático do ego. Assim, analistas e analisandos desenvolvem com freqüência uma espécie de linguagem privada, que usa as imagens oníricas — “Você está agindo como fez no caso do cavaleiro mongol” ou “É de novo o seu ego da

guerra civil?" O uso de imagens oníricas para comunicação em outras áreas da vida do paciente é uma parte muito valiosa da arte analítica, se bem que, como todas as técnicas, não se deva abusar dela.

Esse uso da atividade curativa básica da análise pode ser descrito como ajuda para que o paciente vivencie *simultaneamente* vários estados de perturbação do ego afetado, com uma percepção consciente das fronteiras que contém e protegem a relação analítica, baseada com ênfase na realidade do relacionamento consciente entre o analista e o analisando, embora possam existir entre eles conflitos inconscientes potencialmente perturbadores. O analista tem a responsabilidade de manter o *temeros* da análise (o lugar, o ambiente, a atitude prestativa etc.) e de ajudar o paciente a vivenciar dentro dessa fronteira segura os estados perturbadores do ego afetado que têm interferência neurótica no processo vital.

Interpretação retardada e não-interpretação

Quando o analista se familiariza com o uso dos sonhos na prática clínica, podem surgir alguns problemas específicos. Alguns pacientes podem usar uma superabundância de sonhos a fim de desviarem o processo analítico das áreas que necessitam de atenção urgente. Entretanto, os próprios sonhos mostrarão com frequência uma resistência a tal digressão, se forem integral e honestamente relatados.

Ocasionalmente, um analisando poderá apresentar tantos sonhos que será impossível trabalhar com todos eles. Faz-se então necessário um processo seletivo. O analista poderá pedir que o paciente selecione o sonho de maior carga afetiva (onde um ego afetado está mais fortemente constelado). Tal sonho é amiúde aquele que o paciente menos deseja discutir, uma vez que pode conter dolorosos elementos de sombra ou problemas de transferência. Se o paciente apresenta todos os sonhos por escrito, é muitas vezes possível ao analista examinar atentamente os relatos e assinalar os motivos que são semelhantes

a sonhos significativos já examinados na análise; esses podem ser escolhidos para um trabalho mais intensivo. Alguns sonhos podem ser postos de lado e reservados para possível consideração em data posterior. Sempre que existe um estado concreto do ego afetado significativo, o exame do material associado a tal estado terá apropriadamente precedência sobre a interpretação dos sonhos. Esse estado pode surgir no campo da transferência-contratransferência, nas relações cotidianas do paciente, no trabalho ou em qualquer outro lugar.

Via de regra, a análise deve se concentrar no estado mais carregado do ego afetado, quer na vida vígil ou indicado num sonho. Se o ego afetado em exame ocorre num sonho, mas não na vida vígil, a representação do sonho pode evocá-lo para a análise numa situação imediata. Um certo número de técnicas pode ser utilizado para tal fim: a muito conhecida técnica gestáltica de pedir à pessoa para "ser" a imagem do ego onírico, falando na primeira pessoa como se a ação estivesse acontecendo no presente; as técnicas hipnoanalíticas e de imaginação ativa; a psicoterapia de grupo com certo uso de técnicas de psicodrama; o simples recurso de pedir ao paciente que volte a contar o sonho do ponto de vista de um dos outros personagens e não o do ego onírico. Qualquer dessas técnicas pode evocar um ressurgimento do estado do ego afetado e permitir a elaboração terapêutica do complexo até sua resolução final.

Quando não interpretar um sonho é uma questão sutil de técnica analítica. De um modo geral, existem dois importantes indicadores para se considerar a não-interpretação de um sonho. O primeiro é quando o sonho mostra algo acerca do paciente que o analista acredita ser verdadeiro, com base em outras observações, mas que o paciente parece estar totalmente despreparado para reconhecer. Esta é a situação clássica em psicanálise — o analista conhece algo a respeito do paciente que este ainda não está pronto para enfrentar. Na hipnoanálise, a ausência de *insight* é superada, por vezes, por amnésia temporária, com instruções de que este material será recordado "a seu tempo", quando o ego estiver pronto para assimilá-lo.

O segundo indicador para se retardar a interpretação de um sonho é a situação em que o ego vígil necessita da experiência afetiva do sonho mais do que de qualquer compreensão analítica dele. Tais

casos são raros, mas importantes e ocorrem mais frequentemente quando existe uma necessidade acentuada de reparação de uma imagem do ego danificada, muitas vezes devido a um baixo sentido de valor pessoal, datado da infância. Por exemplo, uma mulher que passou por uma experiência de severa privação emocional com sua mãe, teve um sonho com a Virgem Maria, que lhe dava a sensação de ser amada e cuidada por Maria. O sonho parecia ser uma tentativa para fazer o ego onírico vivenciar o aspecto maternal e carinhoso do arquétipo da mãe, o lado do arquétipo insuficientemente evocado e realizado pela mãe pessoal (talvez por causa de seus próprios conflitos neuróticos). Na época do sonho, a paciente se encontrava numa situação instável, com grave depressão, e tinha pouco apoio emocional de sua família. O sonho não foi interpretado porque o analista sentiu estar a paciente, naquela ocasião, necessitando mais do sentimento de ser afetivamente assistida de modo carinhoso. Posteriormente, esse sonho foi associado a outros sonhos de figuras maternas e fez parte da discussão analítica de sua série de sonhos em curso.

Terapia de grupo concomitante à terapia individual

Alguns analistas junguianos se opõem a misturar análise individual e análise de grupo, ou opõem-se até, em princípio, ao tratamento de grupo, mas outros (incluindo eu próprio) com frequência consideram a combinação de um trabalho individual e de grupo mais útil do que uma ou outra abordagem isolada. Um processo de grupo tende a evocar estados de ego afetado numa situação imediata, tal como ocorre nos sonhos. Além disso, há uma constelação diferente da *persona* e da pessoa num ambiente de grupo. Muitos pacientes sentem que a aceitação do analista oferece pouco alívio para a culpa opressiva, porque o analista é "especial", ele "compreende, mas os outros, não". Um ambiente de grupo parece constelar o senso arquetípico de uma sociedade ou família; por conseguinte, a aceitação *por* um grupo promove frequentemente um sentimento maior de auto-aceitabilidade no paciente.

A boa técnica analítica requer que qualquer decisão sobre o começo ou término de um envolvimento em terapia de grupo seja considerada com o mesmo cuidado que as questões de começo ou término da análise individual. Os sonhos, via de regra, são de grande ajuda na tomada de tais decisões. Da mesma maneira que, ao se decidir acerca de qualquer mudança importante, tal como parar a análise, é comumente aconselhável chegar à melhor conclusão possível com base numa deliberação consciente, adiando, depois, a implementação da decisão até que se disponha de tempo para observar a reação (se houver alguma) no material onírico. Assumir uma posição consciente, mesmo que seja mais adiante revista, oferece um ponto de referência na consciência, para contrabalançar os sonhos.

Os sonhos podem indicar a necessidade de um maior envolvimento no processo de grupo e, de fato, fornecem usualmente essa indicação, mostrando com frequência que alguma atividade importante no sonho ocorre na presença de membros do grupo. Por vezes, entretanto, os sonhos mostram que o analisando deve se abster de ingressar num grupo, talvez porque haja trabalho mais premente a realizar numa base individual. Um desses sonhos mostrou que um vizinho desejava que o ego onírico derrubasse uma grande cerca, mas o ego onírico se recusou a fazê-lo e decidiu construir mais cercas ainda. O ego onírico descobriu, *então*, que existia uma vasta área inexplorada, com muitas edificações, atrás da área que ficava nos fundos de seu prédio, área a que se juntavam ainda outras áreas cultivadas.

Quando um membro de um grupo terapêutico sonha com outro, é frequentemente proveitoso levar o sonho para um trabalho adicional no ambiente de grupo. Uma mulher, que tinha acabado de entrar num grupo de terapia teve uma reação violenta em relação a uma outra mulher que estava no mesmo grupo há algum tempo. Ela achava que a outra mulher era "a queridinha do grupo", ao passo que ela própria seria criticada por quase tudo. Sua reação, discutida numa sessão analítica individual, parecia indicar um sério problema de rivalidade entre irmãos, que não se evidenciara anteriormente. Ela teve então um sonho em que sentia grande amizade pela outra mulher de seu grupo de terapia, um sonho que com clareza parecia compensar

sua reação consciente. Ela decidiu compartilhar o sonho com o grupo e compreendeu rapidamente, com apropriado *insight* emocional, que alimentava um sentimento de parentesco com a mulher que, inicialmente, lhe inspirava antipatia e medo.

Pontos a Recordar

1. O processo analítico ocorre dentro do campo transformativo da transferência-contratransferência.
2. É impossível que os processos inconscientes do analista não sejam envolvidos, mas devem constituir fator pequeno em comparação com os do analisando.
3. Os sonhos em que o analisando sonha claramente com o analista (ou vice-versa) devem ser tratados com especial cuidado, sobretudo se contiverem elementos fortemente eróticos.
4. Os sonhos podem fornecer pistas para a necessidade de análise redutiva ou prospectiva, o uso de medicação e outras alternativas clínicas, mas devem ser unicamente parte do processo de decisão.
5. A interpretação dos sonhos não é sempre o foco primário da análise.
6. Em geral, deve-se acompanhar o material associado ao mais forte estado do ego afetado do analisando.
7. O campo transformativo de análise consiste na experiência de estados do ego afetado, dentro do seguro *temenos* da análise. A manutenção da segurança do *temenos*, quando ameaçada de perturbação, tem precedência sobre a interpretação dos sonhos e outros aspectos do trabalho analítico.
8. O significado de um sonho nunca se esgota, mesmo que pareça completamente compreendido. Um sentimento de humildade é vital na interpretação dos sonhos.

IMAGENS DO EGO E COMPLEXOS EM SONHOS

As mudanças ocorridas no ego onírico e a imagem do ego no sonho oferecem muitos indicadores para o curso clínico da análise junguiana. É importante recordar, uma vez mais, que o sonho deve ser cuidadosamente ampliado e depois colocado no contexto da vida atual e da fase de individuação do paciente.

Os conceitos estruturais básicos da psicologia analítica já foram examinados — as estruturas de identidade do ego e da sombra e as estruturas relacionais da *persona* e da *anima/animus*. As imagens oníricas podem, com frequência, se referir a esses conceitos estruturais, mas seria um erro pensar que tal identificação é de algum modo suficiente, para o uso clínico de um sonho. O sonho é mais sutil do que qualquer modelo teórico da psique, que não deve ser tratada desse modo redutivo. Não obstante, quando empregados com adequada reserva e respeito ao movimento dos sonhos, os conceitos estruturais de Jung podem ser um meio sumamente útil de orientação psicológica, tanto para o analista quanto para o paciente, e uma ajuda na compreensão da tarefa a realizar de imediato.

Identificação de complexos

Os complexos podem ser facilmente identificados em muitos sonhos, mas estes fornecem mais informação do que a mera identificação dos complexos; eles mostram também *o que a psique está*

fazendo com os complexos constelados. Qualquer estímulo não-estruturado a que uma pessoa faz livre associação revelará quais complexos são constelados nesse dado momento. Jung notou isso em seu trabalho com a experiência da associação de palavras; sua objeção à técnica freudiana da livre-associação centraliza-se simplesmente no fato de que ela leva aos complexos mas não revela a relação deles com as imagens oníricas que eram o começo da cadeia associada. Como Jung não acreditava na ideia de um significado oculto ou "latente" do sonho por trás do sonho manifesto (que ele considerava simbólico mas não disfarçado), obviamente não procurou ver por trás do "disfarce" das imagens oníricas; pelo contrário, essas imagens eram ampliadas nos níveis pessoal, cultural e arquetípico, a fim de revelarem seu significado através de outras imagens que se encontram naturalmente associadas a elas na mente do paciente.

Além de identificar complexos, um sonho pode assinalar a inesperada ligação deles com outros complexos. Por exemplo: uma jovem mulher, recentemente divorciada, teve o seguinte sonho:

Estou na casa do meu ex-marido, a minha antiga casa. É tarde da noite. Estou na minha antiga cama quando ouço vozes lá fora. Vejo meu ex-marido e sua nova amiga. Pensei ter-lhe dito que estava na casa, para que ele não viesse enquanto eu aí ficasse. Eles sobem a escada para ir para a cama juntos e entram no quarto dele. Dou-me conta, para minha surpresa, de que estou realmente no meu antigo quarto, na casa de meus pais, e de que meu ex-marido e sua amiga entraram no quarto de dormir de meus pais.

O sonho sobressaltou a paciente por sua sugestão de que seus sentimentos em relação ao ex-marido tinham implicações edipianas, que o colocavam no lugar de seu pai. A surpresa foi ainda maior porque ela se apercebeu de que tal vinculação inconsciente podia explicar sua aversão sexual pelo ex-marido, uma atitude que contribuía para o seu divórcio.

Outra paciente descobriu uma ligação semelhante entre uma situação atual e sentimentos passados com respeito à mãe (contidos no complexo materno), em dois sonhos na mesma noite, enquanto

ela estava resolvendo um sério problema ligado a escrúpulos, que dominara sua vida por vários anos. Note-se que a ligação com o complexo materno não é evidente no primeiro sonho; mas, quando esse sonho é cotejado com o segundo, tal complexo torna-se claramente visível:

Sonho 1:

Eu estava muito assustada, num socaleco de terreno, junto com três ou quatro pessoas. Escorreguei e caí por terra, uns oito ou dez metros mais abaixo. Quando bati no chão, deixei-me ficar onde estava para me certificar de que estava tudo bem, mas esperava que as pessoas não pensassem que eu estivesse apenas tentando chamar a atenção.

Sonho 2:

Eu estava no telhado da casa de minha mãe. Havia aí outras pessoas. Eu tinha medo de saltar. Ninguém parecia interessado.

Os dois sonhos têm uma imagem inicial semelhante, embora ligeiramente diversa, o que serve para ligá-los ao mesmo padrão de complexos, ainda que mostrem ângulos um tanto diferentes da sua estrutura. O socaleco de terreno do primeiro sonho é análogo ao telhado da casa da mãe no segundo sonho. No primeiro sonho, há uma queda não-intencional, seguida de um estado de ego em que a legítima preocupação do ego onírico com a própria saúde é posta de lado a favor do pensamento neurótico de que isso não pareceria correto: "Eu esperava que as pessoas não pensassem que eu estivesse apenas tentando chamar a atenção." No segundo sonho, ela não cai, enquanto que as outras pessoas não se mostram preocupadas com sua precária posição; sua localização "no telhado da casa de minha mãe" indica que a dificuldade atual surge mais num complexo parental do que numa preocupação consciente em ser escrupulosa. Em certo sentido, o sentimento de que é "excessivamente pecaminosa" é compensado (ou mostrado a uma luz mais verdadeira) por estar de forma inadequada "numa situação excessivamente elevada" e num lugar perigoso — o socaleco ou o telhado. Ela ligou a preocupação com a família com seu desapontamento pela pouca manifestação de atenção ao

filho recém-nascido, em contraste com a atenção, que achava ter sido pródiga, ao primeiro filho de sua irmã.

Mudanças estruturais: limites e fronteiras

As mudanças de uma identidade do ego para outra podem ser simbolizadas em sonhos, assumindo frequentemente a forma de travessia de um limite ou fronteira, ou do cruzamento de um curso de água sobre uma ponte. Tais imagens mostram dois estados contrastantes de ser, bem como a capacidade do ego para se deslocar de um para o outro, como base para sua identidade. Isso está em contraste com os movimentos mais neuróticos de uma identidade para outra, *dentro* de um padrão neurótico estável. É claro que, se o padrão estável é neurótico, uma mudança de identidade inteiramente fora do padrão se traduz como melhora clínica, embora um movimento de identidade que se distancia de *qualquer* padrão familiar cause ansiedade até que o novo padrão se estabilize.

Um homem falou com aspereza a uma mulher em sua sessão de terapia de grupo; ele não costumava agir dessa maneira, pois usualmente escondia seus sentimentos negativos, mantendo, assim, sua sombra encoberta, mas também impedia seu ingresso na consciência para uma possível integração. Ele sentia-se mal por expressar seus sentimentos negativos e era tentado a se retirar para o velho padrão de guardar as coisas para si mesmo e, desse modo, imobilizar-se num estado neurótico e inalterável. Imediatamente após a experiência da terapia de grupo, ele sonhou:

Estou numa fronteira, algo como o muro de Berlim, mas na Polónia. Eu estava do lado livre mas, por alguma razão, queria entrar no lado não-livre da fronteira, onde poderia ser preso e impossibilitado de regressar. Eu tinha de ser cauteloso. Não havia ninguém à minha volta e estava assustado.

Além de se referir à sua tendência de atravessar para uma identidade "não-livre", por causa do sentimento de culpa, o sonho o levou a refletir sobre um impulso para iniciar um romance com uma mulher que conhecera antes de seu casamento. Os aspectos "livre" versus "não-livre" de sua personalidade podiam ser correlacionados com seu problema neurótico básico e sua manifestação em muitas áreas da vida.

Estruturas relacionais e estruturas de identidade

As estruturas psicológicas identificadas por Jung podem ser um instrumento útil na compreensão dos sonhos: *persona*, sombra, *anima* e *animus*, Si-mesmo, outras imagens arquetípicas e, é claro, as várias formas e papéis do ego. Elas não são usadas com frequência ao se falar com os pacientes acerca de sonhos, a menos que o paciente as apresente, mas são úteis como orientação para o terapeuta. Seu excessivo uso em discussões comuns com o analisando gera o grave risco de se promover a compreensão intelectual às custas do real *insight* emocional e da genuína transformação. Quando o analisando é também um analista em treinamento, a identificação dos componentes estruturais em seu material pode constituir um útil recurso didático, mas só deve ser feita depois de consumada a compreensão afetiva.

A *persona*

Os papéis da *persona* muitas vezes são concebidos como "máscaras" e recebem um significado negativo, em contraste com a personalidade "verdadeira" vivenciada pelo ego ("Quero apenas ser eu-mesmo"); entretanto, esse é um entendimento errôneo da função da *persona*. A *persona* é simplesmente a estrutura de relacionamento com a situação consciente coletiva, análoga ao conceito de papel

em teoria social. Usualmente o ego sabe que pode se identificar e deixar de se identificar com os papéis da *persona*, ao passo que em geral ignora poder também identificar-se ou não com as identidades da sombra, que parecem constituir uma parte do ego, mas são inaceitáveis. A *persona* parece opcional, a sombra parece compulsiva, embora ambas sejam simplesmente papéis da identidade do ego que se mantêm em diferentes níveis de tensão, no relacionamento com outros componentes estruturais da psique.

Em sonhos, os aspectos da *persona* frequentemente são mostrados por roupas (que podem ser vestidas ou despidas) e por papéis, tal como participar de uma representação teatral. A identificação com a *persona* pode levar o ego a sentir que está vazio e "morto", sem um papel a desempenhar. Isso ficou evidenciado, de modo flagrante, no sonho de um oficial do exército que se viu fora do palco e morto em seu uniforme, enquanto todos os outros que haviam estado no palco se encaminhavam para outras partes de suas vidas. Inversamente, a ausência de roupas adequadas ou estar nu num ambiente social é um motivo onírico que parece indicar uma *persona* inadequada.

Quando funciona bem, a *persona* simplesmente facilita a atividade do ego na interação social. A *persona* é também um veículo para a transformação do ego: o conteúdo inconsciente pode ser primeiramente vivenciado através de um papel de *persona* e, mais tarde, integrado ao ego como parte de sua própria identidade funcional tácita. Se tomarmos um exemplo bastante simples, como aprender a tocar piano, esse movimento da *persona* para a estrutura tácita do ego é muito claro. Em primeiro lugar, a pessoa pratica ao piano, exercendo grande esforço e, depois, em dado momento, a habilidade se torna automática e inconsciente, embora possa ser relembrada para reexame consciente, se surgir alguma dificuldade.

Quando a pessoa é identificada num sonho, ela deve, portanto, ser vista em relação às outras estruturas representadas no sonho e na perspectiva do movimento onírico global. A *persona* não é, em si mesma, positiva ou negativa.

A sombra

As imagens da sombra também parecem conter certo sentido negativo, embora, como foi mencionado antes, isso possa também ser uma ilusão baseada na dissociação original entre o conteúdo da sombra e o ego imaturo da infância. A criança tem pouco da autonomia do adulto e pode dissociar uma parte perfeitamente boa do ego para inseri-la na estrutura da sombra, em conformidade com uma situação familiar ou social que é, em si mesma, neurótica (ou que expressa apenas uma situação transitória da realidade da família). Se a identidade da sombra não for posteriormente levada à consciência para revisão, os traços da sombra não serão facilmente acessíveis ao funcionamento normal do ego. Qualquer tipo de psicoterapia está, em certa medida, envolvido no encaminhamento da sombra para a consciência e na tomada de uma decisão mais adulta quanto à conveniência de sua inclusão na identidade do ego dominante. Se a integração da sombra não for realizada, seu conteúdo tende a ser projetado em outros (usualmente do mesmo sexo do ego) e oferece obstáculos irracionais ao bom funcionamento interpessoal.

O sonho de um médico que tinha muitos problemas imaturos mostrou qualidades de sombra e *persona*, assim como o relacionamento entre esses dois componentes de sua psique:

Eu era um agente secreto [identidade oculta] contra a Gestapo alemã [símbolo de uma sombra coletiva]. O uniforme que eu vestia tinha botões inadequados [problema de *persona*]. Três ou quatro homens tentavam me ajudar a encontrar os botões certos para o uniforme [possivelmente partes prestativas da sombra].

No dia que precedeu a esse sonho, esse homem assistira a um programa de televisão acerca de uma caçada a nazistas foragidos. Ele considerava os membros da Gestapo "pessoas malévolas, desajustadas, loucas, autoritárias, rígidas, dogmáticas e repressivas". Essas associações descreveram, em certo grau, sua própria sombra, mas também expressaram seu medo de lidar com esse material. O sonho mostrou que a *persona* inadequada (o uniforme não totalmente

correto) e a natureza difícil dos problemas da sombra estavam relacionados.

A sombra pode conter qualidades que precisam ser integradas, em favor de uma estrutura mais abrangente do ego. Isso é frequentemente observado em sonhos com uma figura de sombra agressiva, que se faz necessária para compensar um ego vígil manifestamente passivo, embora a configuração inversa também possa ser vista — uma figura da sombra de natureza mais dócil ou complacente do que o ego vígil.

Anima/animus

A *ânima* ou *ânimus* tem primordialmente a função de ampliar a esfera pessoal, que inclui o “espaço” interior do ego, da *persona* e da sombra, assim como o da *ânima* e do *ânimus*. Isso muitas vezes é realizado através da projeção numa figura do sexo oposto no mundo exterior, mas também pode ocorrer através da mediação dessa figura em sonhos e fantasias. Os contos de fadas constituem uma rica fonte de imagens de *ânima* e *ânimus*. A dependência excessiva da atividade da *ânima* (num homem) ou do *ânimus* (numa mulher) empobrece o ego. Na vida vígil, a presença da *ânima* ou do *ânimus* é usualmente evidente quando se alimenta uma emoção ou um pensamento com alguma tenacidade emocional, mas de maneira impessoal. Sentimentos e opiniões que se expressam em termos de “tem de ser” ou “deve ser” — baseados em regras coletivas e generalizadas de comportamento aceitável ou estereótipos masculinos e femininos — provêm com frequência das partes inconscientes da *persona* ou da *ânima/ânimus*. Isso pode ser reconhecido com precisão porque a qualidade do sentimento ou da opinião é impessoal e pode ser dirigido a outra pessoa, mas não existe discriminação entre a realidade dessa outra pessoa e a fantasia projetada do que ela “deve” ser.

No processo de retirar projeções da *ânima* ou do *ânimus*, o ego pessoal é ampliado, aumentando a extensão da consciência. Quando não é retirada a projeção sobre, por exemplo, uma pessoa amada, isso pode redundar em relacionamento amargurado e superficial —

a pessoa anteriormente amada não corresponde às expectativas ou se descobre que ela não é a pessoa prometida pela projeção. Se a projeção é retirada e seu conteúdo passa a fazer parte do mundo subjetivo do ego projetante, poderá ainda haver lugar para um bom relacionamento pessoal com a pessoa que foi antes vista predominantemente em termos da projeção.

Os sonhos de duas mulheres mostram uma excessiva dependência do *animus*, em vez de desenvolverem a força necessária, no próprio ego. A primeira mulher sonhou que estava descendo por uma longa escada numa aula de balé, usando certos passos coreográficos. Um homem veio ajudar. Ele carregou-a escada abaixo, enquanto ela tentava movimentar os pés como se estivesse realmente dançando, degrau após degrau. A paciente contou: "Era um esforço enorme para movimentar os pés tão rapidamente, já que os degraus eram muitos e minúsculos; e não estou certa se respeitei sempre a cadência enquanto era carregada para baixo."

A segunda mulher sonhou que estava pescando num bote junto com o pai, quando algo foi apanhado na linha. Embora a linha fosse a dela, seu pai enrolou o carretel para içar o peixe, parecendo usar toda a sua força. Durante algum tempo, ela resistiu ao pensamento de que estava por demais dependente da figura do pai como *animus*, concentrando-se mais na interpretação de que o sonho mostrava que seu pai estava, "enfim", fazendo algo por ela. Essa paciente era uma mulher excepcionalmente inteligente e criativa — isto é, as aptidões estavam presentes, mas inconscientes (no *animus*), não integradas na estrutura funcional tácita do ego.

Na concepção clássica, como sublinhamos antes, a *anima* tende a estar associada ao sentimento inconsciente de um homem, enquanto o *animus* é identificado com o pensamento subdesenvolvido de uma mulher. Essas generalizações sintéticas talvez fossem verdadeiras para a cultura européia tradicional, com que Jung esteve em contato durante seus anos de formação, mas podem ser decididamente inverídicas para qualquer caso individual, em que a configuração da *anima* ou do *animus* é determinada pela estrutura organizacional da esfera pessoal e pelo conteúdo atribuído à *persona* e à sombra, durante o período de crescimento do indivíduo.

Um homem que iniciava nova fase do desenvolvimento da *ânima*, quando seus sentimentos idealizados de mulheres eram pouco projetados em mulheres reais de seu meio ambiente, sonhou ter surpreendido num rápido relance uma mulher fantasmagórica, rindo e cantando, enquanto caminhava por um corredor em direção a um jardim. Isso parecia mostrar a *ânima* como separável de suas projeções e, em certo sentido, ligada ao passado (como um fantasma).

Embora *ânima* e *ânimus* sejam realmente não-sexuais na identidade do gênero do ego, existem por certo casos clínicos em que *ânima* e *ânimus* são contaminados pela sombra e, assim, o sexo da *ânima* ou do *ânimus* é ainda mais incerto. Caso exista confusão na identidade do papel sexual do ego, pode haver um reflexo dessa confusão nas imagens oníricas da sombra, da *ânima* ou do *ânimus*. Cumpre recordar também que esses termos estruturais são, em certa medida, generalizações: os sonhos e as imagens oníricas são mais complexos do que os conceitos.

O Si-mesmo e o eixo ego-Si-mesmo

O Si-mesmo, centro regulador da psique, também pode aparecer em sonhos, a par de outras imagens arquetípicas. As aparições do Si-mesmo, o núcleo arquetípico do ego, indicam freqüentemente uma necessidade de estabilização do ego, dado que tende a existir uma relação recíproca entre a estabilidade do ego e a manifestação do Si-mesmo numa forma estável. Se o ego está confuso e em desordem, o mais provável é que o Si-mesmo se apresente numa forma muito ordenada, como uma mandala. Psicologicamente falando, uma imagem de mandala é a que enfatiza a totalidade de algo e costumeiramente mostra, com grande clareza, uma periferia e um centro. Em sua acepção histórica, o termo mandala se refere a certos símbolos de meditação muito estruturados, usados no budismo, e que consistem freqüentemente numa cidade quadrangular ou circular de quatro portas, com uma imagem central (o foco da meditação) e imagens secundárias à sua volta.

Nos sonhos, as imagens do Si-mesmo podem ser mais imprecisas, como um edifício que circunda um pátio central com uma fonte, ou como dois grandes edifícios unidos por uma ala central comum. O Si-mesmo pode aparecer como uma voz, assim como a "voz de Deus", que parece vir de "todas as partes" e, em geral, possui um sentido de indiscutível integridade e correção, parecendo simplesmente afirmar as coisas como na realidade elas são, sem lugar para discordâncias. Um exemplo clássico é o sonho a que já nos referimos, consistindo inteiramente numa só frase — uma voz peremptória que dizia: "Não estás levando a tua verdadeira vida!"

É impossível organizar uma lista de possíveis imagens do Si-mesmo, uma vez que, virtualmente, *qualquer* imagem que apareça com suficiente dignidade e significado pode conter a força desse arquétipo central. Além disso, é importante distinguir entre o arquétipo do Si-mesmo e qualquer imagem arquetípica particular do Si-mesmo que se apresente em sonhos. Como arquétipo, o Si-mesmo é o centro ordenador da psique como um todo, um todo maior do que o ego, mas com ele relacionado de modo extremamente íntimo. O Si-mesmo como totalidade da psique é o campo generativo do processo de individuação. Mas também é o padrão arquetípico em que se baseia o desenvolvimento do ego. Conceptualmente, a qualidade centralizadora de toda a psique é o Si-mesmo, ao passo que a qualidade centralizadora da consciência (e da esfera pessoal) é o ego. Quando falamos do Si-mesmo em sonhos, estamos na realidade considerando-o uma imagem arquetípica da boa ordem da psique como um todo. No sonho, qualquer imagem arquetípica do Si-mesmo é uma imagem dessa totalidade, tal como é percebida do ponto de vista de um determinado ego onírico. Quando o conteúdo do ego muda, o mesmo pode ocorrer à imagem do Si-mesmo, embora a relação entre eles sempre continue a ser a do centro da consciência (ego) com o centro da psique (Si-mesmo).

O *eixo ego-Si-mesmo* é uma expressão por vezes usada para descrever a relação entre o ego e o Si-mesmo. Há certas objeções a essa expressão, principalmente ao aspecto estático implícito na palavra "eixo". A relação real entre ego e Si-mesmo é mais inconstante e variada. Pessoalmente, prefiro a expressão *expiração ego-Si-mesmo*

(do latim *spirare*, respirar, exalar), que enfatiza o fluxo, semelhante ao movimento respiratório, alternado entre o ego e o Si-mesmo.

Em sua autobiografia, Jung relata dois de seus sonhos, para ilustrar a relação essencialmente enigmática entre o ego e o Si-mesmo. Num dos sonhos, Jung apercebeu-se de que estava sendo projetado por um disco voador, não o inverso. No segundo, Jung sentiu ser ele próprio uma figura onírica no sonho de um meditativo loque, que também tinha o rosto de Jung. "Eu sabia que, quando ele despertasse, eu deixaria de existir."¹⁴

Esse movimento, ou movimento potencial, entre o ego e o Si-mesmo pode ser visto nos sonhos que enfatizam a imagem onírica sendo observada por (ou dependente de) algo maior e mais poderoso do que ela própria. Por exemplo, um homem na casa dos quarenta sonhou que estava num pequeno barco fazendo um cruzeiro e, no meio da baderna com seus amigos, caiu ao mar. Quando começou a nadar de volta para o barco, este converteu-se num enorme transatlântico. Então parou porque ouviu um som estranho. Percebeu que se tratava de uma grande baleia, a uns vinte ou trinta metros abaixo da superfície da água. Por um momento, "viu-se" na superfície do oceano, como se ele mesmo fosse a baleia. Sua forma superficial parecia ser "não mais do que a de uma barata-d'água". Ficou atento, como se algo de grave pudesse acontecer, mas não havia medo, e a grande baleia não era particularmente ameaçadora.

Neste sonho, a identidade de um ego um tanto adolescente (excursão com amigos baderneiros num pequeno barco) ao entrar em contato com o inconsciente (oceano), torna-se de súbito consciente de que é, em certo sentido, o objeto de um sujeito que lhe é superior (a baleia). Ao mesmo tempo, o antigo veículo do ego onírico (o pequeno barco) transforma-se num grande transatlântico. Portanto, a imagem do ego em contato com a água se sente como que estando situada entre dois pontos de vista maiores do que ela própria – a baleia no oceano e o transatlântico, construído pelo homem, na superfície. A atitude adolescente (*puer*) está sendo delicadamente compensada e algo pasmoso mas não ameaçador parece prestes a acontecer.

Ampliação arquetípica

As imagens arquetípicas em sonhos indicam muitas vezes uma mudança de rumo no desenvolvimento do ego ou compensam uma estrutura do ego formada de modo inadequado. Como existe um núcleo arquetípico por trás de todo e qualquer complexo, é sempre possível ampliar qualquer motivo na direção de seus alicerces arquetípicos. A ampliação arquetípica, entretanto, deve ser usada como comedimento no contexto clínico. Um indesejável e até perigoso efeito colateral da excessiva ampliação arquetípica é o fascínio por imagens inconscientes e seus significados arquetípicos. Esse fascínio pode nos afastar do processo de individuação, o qual requer que se encontre um significado pessoal entre as muitas possibilidades arquetípicas oferecidas tanto no inconsciente quanto no mundo coletivo exterior. (Com efeito, algumas pessoas apresentam-se orgulhosamente para análise junguiana, acreditando que seu já íntimo contato vígil com o que Jung chamou arquétipos é uma "qualificação" eminente, só se apercebendo mais tarde — se é que o fazem — de que esse é o mais sério problema delas. Uma totalidade *indiferenciada* é ainda inconsciente.)

Como questão de ordem prática, o analista só está apto a interpretar as imagens arquetípicas que podem ser identificadas como tais. Isso depende, em grande parte, de uma vasta familiaridade com a mitologia, o folclore e a religião, que são os repositórios de imagens significativas, que foram suficientemente expressivas para uma longa sucessão de pessoas para serem transmitidas durante extensos períodos de tempo e inseridas em tradições escritas.

Por vezes, existem imagens oníricas que só podem ser ampliadas significativamente com associações arquetípicas.¹⁵ Com maior frequência, as imagens arquetípicas são muito evidentes nas formas culturais familiares. No sonho seguinte, por exemplo, há um certo número de imagens e motivos que podem ser considerados a partir de uma perspectiva arquetípica: tartaruga (símbolo de totalidade, fundação do mundo); ovo (símbolo de origem, o ovo cósmico); o misterioso movimento de "um" para "dois"; a conexão de filhote e mãe; e a voz misteriosa que diz verdades indiscutíveis.

Vi uma refulgente carapaça de tartaruga na praia. Havia perto um ovo de pássaro e também ele era brilhante como a carapaça da tartaruga. Uma voz desencarnada falou: "Parece um ovo, mas, se o colocares em tua mão, serão dois ovos." A voz soava em tom peremptório, como se fosse um deus falando. Apanhei o ovo, que misteriosamente eram dois ovos. A voz disse que ambos chocariam, e que haveria um pássaro-mãe e um filhote, e que este encontraria seu caminho para a mãe. Então vi o filhote caminhando aos tropeções na praia na direção da mãe.

Apesar das muitas possibilidades arquetípicas para ampliação, esse sonho foi inserido na série de sonhos em que ocorreu, sem qualquer ênfase especial. Poderia ter sido interpretado em termos do desenvolvimento arquetípico da relação mãe-filho (um ovo transforma-se em dois, um é o filho, o outro é a mãe) com infinito número de adornos extraídos da religião e da mitologia. Mas o efeito do próprio sonho foi suficiente para encaminhar a mulher que o teve no sentido da resolução de uma profunda dificuldade com a imagem da mãe, modificando seu relacionamento com a mãe pessoal (que se tornou menos problemático) e seu relacionamento com seu próprio papel de mãe de seus filhos (que também melhorou). Dentro de pouco tempo, houve um outro sonho que mostrava que ela devia retirar rapidamente os "andaimes" desnecessários em torno de um edifício, a fim de impedir uma perigosa explosão. Ao analista, isso pareceu confirmar sua decisão de não ampliar o sonho anterior, considerando que a finalidade ou mensagem do sonho era melhor tratada em nível mais pessoal e, em todo caso, já tinha sido ouvida.

TEMAS ONÍRICOS COMUNS

É impossível apresentar uma lista enciclopédica de motivos oníricos e seus significados usuais. A tentativa de sua elaboração significaria caminhar na direção de um "livro de receitas" de interpretação de sonhos, o que seria tão enganoso quanto impróprio.

Todas as imagens oníricas são contextuais. A mesma imagem pode significar coisas diferentes em sonhos diferentes da mesma pessoa, e isso ocorre, por certo, quando a mesma imagem é sonhada por pessoas distintas. O terapeuta experiente sabe que qualquer discussão de motivos oníricos não pode, em princípio, ser exaustiva, mas serve apenas para exemplificar um estilo e as possibilidades de interpretação, que *podem* ser úteis em contextos inteiramente diversos. A análise e a supervisão pessoais dos próprios casos de um psicoterapeuta por um hábil intérprete de sonhos com um *background* em psicologia de profundidade continuam sendo os métodos mais diretos e práticos para se aprender como trabalhar clinicamente com os sonhos.

Os exemplos aqui apresentados devem ser considerados, portanto, apenas como ilustrações de casos específicos que podem fornecer pistas para outros casos, que diferem sempre em seus detalhes e significados particulares.¹⁶

Incesto

O aparecimento do incesto em sonhos não é necessariamente um sinal negativo. Antes de cruzar o Rubicão e marchar sobre Roma,

César teve um sonho de incesto com sua mãe, um sonho que foi interpretado (corretamente, segundo todas as probabilidades) como indicativo de que a "Mãe" Roma o receberia com alegria e não resistiria. No antigo Egito, o incesto entre irmãos régios era considerado apropriado, quando não requerido, refletindo o incesto irmão-irmã inerente ao mito arquetípico de Ísis e Osíris. O incesto num sonho pode representar um contato do ego onírico com o significado arquetípico personificado por um dos pais ou irmãos, um contato suscetível de resultar em algum distanciamento excepcional dos pontos de fixação nas áreas pessoais da psique. Analogamente, o incesto com um irmão do mesmo sexo indica freqüentemente a necessidade, por parte da pessoa que tem o sonho, de assimilar qualidades inconscientes da sombra — ou de mostrar que isso já está acontecendo.

No lado negativo, os motivos de incesto envolvendo os pais podem sugerir que a imagem materna ou paterna está subentendida em complexos mais pessoais e interfere na realização da *conjunctio*, o emparelhamento equilibrado de elementos masculinos e femininos, freqüentemente expresso em imagens sexuais. Por exemplo, um homem que tivera dificuldades em muitas relações com mulheres desde seu divórcio de uma esposa fria e controladora, sonhou ter encontrado sua própria mãe quando ela tinha uns 50 anos de idade (ele, nessa época, estava na casa dos cinquenta). Beijou a mãe e, ao fazê-lo, sentiu a vagina dela vibrando de energia sexual. Isso não o embaraçou no sonho mas, quando acordou, sentiu-se perturbado.

Esse sonho ajudou a identificar um elemento incestuoso em suas relações com as mulheres; além disso, foi uma ajuda para o reconhecimento da divisão madona/prostituta em sua psique, baseada parcialmente na superidealização de sua mãe, a quem ele considerava assexuada.

Luto

Os processos de luto parecem se manifestar naturalmente nos sonhos. Numa perda sem complicações, o ente querido morto

pode aparecer como se estivesse vivo, decrescendo gradualmente a frequência dos sonhos (e seu significado simbólico muitas vezes aumentando), à medida que o processo de luto caminha para uma conclusão saudável, via de regra de seis a oito meses após a morte. Nos casos de luto prolongado e patológico, quando o sobrevivente é incapaz ou reluta em aceitar a morte da pessoa amada, as imagens do sonho mostram amiúde o falecido numa luz negativa, ou como se estivesse tentando abandonar o ego onírico.

Por exemplo, uma mulher com sérias dificuldades parentais passou por um prolongado e difícil período de luto após o suicídio do marido, a única pessoa a quem ela se sentira emocionalmente ligada. Muitos sonhos mostraram que ele estava realmente morto, que ela não deveria tentar segui-lo na morte, que não havia lugar para ela ser sepultada ao lado dele etc. Um dos últimos desses sonhos, vários anos após a morte do marido, ocorreu depois mesmo de ela ter voltado a se casar (sem muito êxito).

Nesse sonho, ela estava divorciada de seu falecido marido, que tinha outra esposa. O ego onírico queria um filho, mas seu marido fizera uma vasectomia (o que ele não fizera na vida real). Ele foi então desfazê-la mas, de qualquer modo, fizeram nova vasectomia. Então, o ego onírico quis uma vasectomia mas o cirurgião observou-lhe que ela não tinha testículos. Ela e o marido concordaram que a praia onde estavam não era tão atraente quanto aquela onde haviam passado a lua-de-mel. Uma grande onda, da altura de dois andares, estava se aproximando e nela vinha uma coisa "de pele vermelha" como "o interior de um corpo feminino", o que lembrou o ego onírico de um sonho de há muito tempo atrás acerca de uma criatura marinha.

O sonho contém numerosos motivos que indicam ser fantasioso e mesmo perigoso esse apego obstinado ao casamento: o marido está divorciado e voltou a se casar, há a possibilidade de filhos (novos desenvolvimentos entre eles), há uma onda ameaçadora (conteúdo inconsciente) etc.

As casas comumente aparecem nos sonhos como imagens da psique. Muitas vezes existem quartos desconhecidos na casa, indicando áreas escondidas ou inexploradas da estrutura potencial do ego do paciente. As distinções entre as partes de uma casa podem ser simbolicamente importantes: o porão, o sótão, o telhado, as varandas, os quartos de dormir etc. As cozinhas, por exemplo, são o lugar de transformação de alimento cru em pratos cozidos; nos sonhos, elas têm por vezes o caráter do laboratório alquímico, o lugar das mais profundas transformações. Os banheiros, nos sonhos, podem se referir à "eliminação" ou à dificuldade em "soltar". Às vezes, o mero cenário de uma ação onírica numa certa casa do passado permite inferências quanto à origem dos complexos envolvidos.

A própria casa pode simbolizar as várias partes da estrutura do ego, como no sonho de um homem que começou a experimentar um sentimento de liberdade, à medida que se dissipava sua excessiva e neurótica autocritica:

Eu estava procurando uma casa. O cenário era como o oeste do Texas, com vastos horizontes e um céu sem fim. Era um belo dia. Entrei numa casa que estava no meio de uma área de vários hectares. Era uma casa usada, confortável, com piscina. Circulei pela casa, observando-a.

Na mesma sessão em que relatou esse sonho, descreveu uma mudança de sentimento em sua vida cotidiana. Embora a mudança não fosse espontaneamente associada ao sonho, tinha quase o mesmo tom afetivo, sugerindo que a estrutura tácita do ego, tal como é refletida no sonho, também estava sendo vivenciada num estado emocional mais descontraído em sua vida comum. Ele se descreveu como mais estável, menos agressivo sexualmente e em relação a outros assuntos, não lhe desagradando tanto sua esposa e sentindo que quase já não estava funcionando mais na base do que pensava que os outros queriam dele. Também sentiu uma mudança em suas relações com as outras pessoas, porque "já não tenho de *provar* algo".

Automóveis

Automóveis e outros meios de transporte e viagem são outras imagens que parecem indicar a estrutura do ego ou o modo como o ego se movimenta através das várias atividades da vida. A diferença entre caminhar e andar de automóvel é uma significativa mudança simbólica, tal como é a distinção entre o próprio carro de uma pessoa e a natureza coletiva de um ônibus. Os trens, em contraste com automóveis e ônibus, estão colocados em trilhos fixos, sem a opção de se movimentarem mais ou menos à vontade; por conseguinte, tendem a ser associados a atividades compulsivas ou habituais. Estreitamente relacionadas com os automóveis estão as ruas e rodovias, onde as distinções devem ser assinaladas no que toca às dimensões delas, à direção do movimento do ego onírico, se no sentido do tráfego ou contra o seu fluxo, às dificuldades de encontrar a entrada para uma artéria desejada, bem como meios-fios, valetas, buracos no pavimento etc.

A natureza contextual dos símbolos oníricos em nenhuma parte é mais evidente do que em todas essas variações sobre o tema de transporte. O automóvel pode até simbolizar o amor-próprio (um ponto que os publicitários não desprezaram). Por exemplo, uma mulher jovem sonhou:

Enquanto guiava num parque de estacionamento subterrâneo, bati na lateral de um outro carro. Então saí e comprei um carro *realmente* pequeno. Depois, percebi que não *queria* abandonar meu velho carro.

Ao discutir o sonho, ela ligou, de uma maneira pouco eficaz, as imagens a um modo habitual de enfrentar o estresse. Quando sentia que tinha cometido um erro, queria "fugir ou reabilitar-se". "Não aceito muito a mim mesma", admitiu ela. O sonho parecia uma oportunidade para compreender que a auto-rejeição por erros e acidentes não era necessária.

O importante significado simbólico de um automóvel no sonho depende de ele pertencer (ou ter pertencido no passado) à pessoa

que tem o sonho ou ser de outrem. Uma significação semelhante prende-se à posição que o ego onírico ocupa dentro do automóvel. A posição mais apropriada seria geralmente o assento do motorista, de onde a pessoa está apta a determinar o rumo, a velocidade e a direção do movimento. Se o ego onírico não é mostrado na posição de condutor, é importante notar quem está no controle do carro (por vezes não há ninguém). Onde se senta o ego onírico? Atrás do motorista? No banco da frente, mas ao lado do motorista? Em algum outro lugar? Entre outras figuras? Fora do carro? Recorde-se de que o Si-mesmo, ao produzir o sonho, coloca o ego onírico numa posição particular na cena de abertura, o que permite adquirir uma substancial quantidade de informações a partir de uma questão simples, como a disposição inicial dos assentos dentro de um automóvel.

Nunca se enfatizará demais a importância simbólica de tais detalhes, que parecem insignificantes nos sonhos. Os pacientes, com frequência, não relatam espontaneamente tais detalhes, assemelhando-se a memória do sonho mais a como ele "deve" parecer do que à descrição do modo como realmente se apresentou ao ego onírico. A investigação cuidadosa é sempre importante, mas deixar o paciente preencher no sonho detalhes sobre o que "provavelmente" havia nele, seria como preencher um relatório de laboratório médico com o que "provavelmente deveria" aparecer, quando não existem dados. Os sonhos são tão singulares, tão individuais, em sua relação com o ego vígil, que é preferível saber claramente que não se dispõe de dados acerca de um determinado motivo do que pensar que se possui uma imagem verdadeira proveniente do sonho, quando se trata na realidade de uma interpolação do ego vígil da pessoa que sonhou. Os pacientes que, inquietos, acrescentam tais detalhes "prováveis" estão tentando ser úteis, mas não avaliam a sutil especificidade do sonho.

Álcool e drogas

Imagens de uso de álcool e drogas aparecem em sonhos, em especial quando existe algum problema com eles em estado vígil.

A viciação química é notoriamente difícil de ser tratada por meios psicológicos e costuma requerer técnicas mais "primitivas", como a pressão e o apoio de grupo. (Lamentavelmente, tais abordagens são com frequência bem-sucedidas em termos do vício, mas interferem numa compreensão mais sutil dos processos psicológicos, como se todos os problemas de uma pessoa pudessem ser resolvidos mediante a abstenção do álcool ou das drogas.) Mas quando os sonhos são acompanhados de perto, é por vezes possível discernir o inconsciente pronto para uma mudança no padrão de viciação — sugerindo, apoiando ou até pressionando — antes de serem tomadas quaisquer medidas pelo ego vígil.

Um homem que tinha sido alcoólatra por muitos anos e abandonara a bebida, decidiu permitir-se um ocasional e "inofensivo" copo de vinho com amigos. Seus sonhos em duas dessas ocasiões desaprovaram claramente, tal como o fizeram quando ele se permitiu tomar remédio contra a dor, que não lhe fora receitado. Um outro homem, cujo consumo de álcool aumentara lenta e insidiosamente, sonhou, quase um ano antes de ele ter decidido enfrentar a possibilidade do alcoolismo, que tal iniciativa era imprescindível, já que o motivo, a perda de seu automóvel, estava associado à ingestão de álcool. Ainda mais tarde, com o problema do álcool ainda por resolver, ele sonhou que seu dedo anular e a aliança de casamento nele enfiada tinham encolhido para metade do tamanho; o que ele interpretou como mostrando-lhe "não ser ele o homem que devia ser". Na mesma série de sonhos, uma mulher negra tentou agradar-lhe sexualmente a fim de lhe vender por \$ 6.85, 1/2 litro de leite que não precisava de refrigeração, o que ele sentiu que poderia se referir a litros de uísque. A mulher no sonho não tinha qualquer interesse real nele, mas apenas o de lhe vender o leite a um preço evidentemente excessivo.

Uma mulher que fazia corajosa tentativa para abster-se do álcool relatou dois sonhos na mesma noite, sonhos que ela associou à sua luta contra a bebida. No primeiro sonho, ela perdeu sua bolsa (identidade feminina), submersa em água (inconsciente), mas voltou a encontrá-la e tudo estava intacto, embora molhado. Relacionou o "molhado" com a "secagem" do álcool. No segundo sonho, estava

perdida num subúrbio, mas sabia ser capaz de encontrar o caminho para casa — também um bom sinal prognóstico do bem-sucedido desfecho de sua resolução de não beber.

Um exemplo impressionante é o caso de um homem de trinta e poucos anos, cujo uso de maconha embotara seu raciocínio e punha em perigo seu casamento. Pouco depois de iniciar a análise, teve uma série de sonhos em que multidões erguiam grandes cartazes e até faixas, proclamando: NÃO FUME MACONHA.

Morte

A morte em sonhos — incluindo homicídio e a perda de parentes — deve ser considerada com cuidado no contexto, pois a morte de figuras oníricas raramente se refere à morte real; aponta, isto sim, para o profundo processo arquetípico de transformação.

Um homem que se debatia com notáveis problemas edipianos era incapaz de marcar encontros satisfatórios com mulheres, embora não tivesse dificuldade alguma em tratar responsável e autoritariamente suas relações de negócios. Quando começou a melhorar, manifestou-se particularmente orgulhoso de uma situação em que ele e seu irmão estiveram com duas mulheres. O irmão foi para um quarto com uma delas, mas o analisando, embora se sentisse pressionado a fazê-lo, não quis de fato ter intercurso com a mulher que estava com ele. Pôde francamente confiar-lhe seus sentimentos, uma vitória para ele em termos de afirmação da sua independência quanto à crença "machista" coletiva de que os homens são sempre sexualmente agressivos, uma suposta norma que ele, em todo caso, honrara mais em fantasia do que na realidade.

À medida que vivenciava uma sensação de liberdade em relação aos papéis edipianos compulsivos, teve dois sonhos separados em que assassinava seus pais. Ora, parricídio e matricídio são crimes verdadeiramente repulsivos mas, no contexto de sonhos que ocorrem no seio de um processo dinâmico, podem simbolizar uma alteração

nas imagens parentais internas, como parecia ser o caso. O primeiro sonho mostra, de um modo bastante dramático, como uma imagem que é "morta" num sonho pode reaparecer em estado transformado:

Matei meu pai, que estava me ameaçando. Mantive-o debaixo de água até se afogar. Mais tarde, no sonho, ele ainda estava vivo, mas já não constituía uma ameaça para mim. Depois, conviveu comigo de maneira solícita.

A figura no sonho não se parecia com seu pai real, uma pista para a sua identificação como personificação de um complexo pessoal. Em associações, ele descreveu seu pai como um homem que era "carente de emoções, de mentalidade fechada, mas estável". No segundo sonho, ele matou a mãe; porém, quando acordou, "não se recordou" de nenhum detalhe.

Em geral, a morte de imagens parentais em sonhos aponta para uma mudança radical na estrutura edipiana de complexos que interferem regularmente com a realização de uma firme postura pessoal. Quando o próprio ego onírico "mata", isso pode mostrar o grau em que a pessoa está ativamente envolvida em seu próprio processo.

Serpentes

As serpentes aparecem em sonhos nas variadas formas que exemplificam os inúmeros significados arquetípicos que podem ser veiculados por um único tipo de imagem. As serpentes evidentemente pode ser atribuído um significado fálico (ou serem até literalmente associadas ao pênis), mas isso é apenas uma parte de sua força simbólica. Jung considerou que as serpentes podiam, por vezes, representar o sistema nervoso autônomo, uma noção deveras interessante à luz das recentes pesquisas cerebrais que se referem ao núcleo do tronco cerebral humano como o "cérebro-réptil" (em contraste com o mais elaborado cérebro mamífero e a expansão exclusivamente humana do córtex cerebral).

Com frequência, as serpentes parecem representar apenas a energia instintiva, sobretudo quando estão presentes em grande número, como no sonho anteriormente mencionado de serpentes coleando pelas calçadas do campus de uma universidade, mas não pelas ruas, que eram seguras. A serpente também pode estar associada à sabedoria; à cura de doenças (como no bastão de Asclépio, o emblema dos médicos); a venenos e perigos; ao ato de se provar a si mesmo (como nos cultos que envolvem a manipulação de serpentes); ou mesmo como uma prefiguração de um valor muito mais elevado – tal como a serpente de bronze que, no Antigo Testamento, foi alçada no deserto e vista como uma prefiguração do Cristo.

Esses múltiplos significados possíveis (e há muitos outros) mostram a riqueza e a natureza multifacetada das imagens arquetípicas. Em qualquer caso particular, é importante descobrir um significado mais individualizado, mais pessoal, a partir das associações do próprio paciente; isso evita o reducionismo arquetípico de se ler arbitrariamente apenas um dos possíveis significados (ou de se ler um número exagerado de significados) da imagem onírica.

Um sacerdote, por exemplo, sonhou que visitava um museu e viu uma serpente embalsamada num ambiente natural simulado. A cena mudou depois e ele estava segurando uma cobra cascavel por baixo da cabeça, de modo que ela não pudesse mordê-lo. Mas o réptil contorcia-se e revolia-se, assustando-o, e ele o soltou – um ato de pânico que aumentou o perigo real da situação. Essas duas cenas já sugerem um conflito com o que é simbolizado, seja o que for, pela serpente, porque mostram o mesmo conteúdo a uma distância segura do ego onírico (a serpente embalsamada no museu) e a uma distância mais perto e mais assustadora (quando ele está segurando uma cobra viva). Sua associação pessoal foi com uma riúta [uma pequena cobra africana inofensiva] que era o seu “animal de estimação” quando tinha uns 18 anos de idade. Isso acarretou uma série de associações acerca da masturbação, sugerindo que a serpente, neste caso, seria mais adequadamente tomada em seu significado fálico, mas com forte ambivalência acerca da sexualidade.

O mesmo paciente teve dificuldade em lidar com uma caixa de serpentes de borracha, quando trabalhou numa projeção com

tabuleiro de arca. Recordou que tivera de abster-se da prática de masturbação durante dois meses, antes de se permitir contar a alguém que desejava abraçar a carreira sacerdotal, e absteve-se durante um ano inteiro antes de um exame decisivo no seminário. Recordou que seu pai lhe falara da abstinência da masturbação como uma "virtude angélica". Certa vez, contou a seu superior no noviciado, com medo e tremendo, que se masturbara no chuveiro (o superior respondera-lhe simplesmente: "Esqueça").

Podemos ver neste caso que o sonho da serpente trouxe para o primeiro plano conflitos que, em grande parte, eram gerados internamente. Em análise, o sonho não foi interpretado em toda a sua extensão, mas usado como trampolim para a discussão de seus persistentes conflitos sexuais.

A MOLDURA DO SONHO

Na maioria dos sonhos, a moldura do sonho não entra em questão. Via de regra, o sonho constitui, obviamente, um tipo de experiência e a vida vígil outro, de modo que o sonho é simplesmente recordado, analisado e colocado no contexto vígil como uma compensação do inconsciente para a atitude vígil. Por vezes, entretanto, o próprio sonho suscita a questão da moldura correta para o seu entendimento. Isso ocorre em dois casos principais: (1) o sonho-dentro-de-um-sonho e (2) quando se sonha com coisas "exatamente" como elas se apresentam na realidade. A questão também é suscitada por referências, em sonhos, ao tempo e ao espaço e por fenômenos sincrônicos.

O sonho-dentro-de-um-sonho

Num sonho-dentro-de-um-sonho, como sonhar que se está sonhando, um "despertar" pode ocorrer dentro do sonho. O caso mais complexo que observei foi um sonho em que o ego onírico "acordou" para um "estado vígil", para se encontrar (ego onírico número dois) ainda no sonho, do qual acordou para um outro "estado vígil" (ego onírico número três) e daí então para a verdadeira vida vígil.

O sonho-dentro-de-um-sonho mostra, na estrutura tácita do

ego, mudanças que são mais complexas do que o usual. Cada "ego vígil" que está dentro do estado adormecido e onírico mostra, ao que parece, uma possível integração que pode ser realizada pelo indivíduo sem chegar inteiramente a estabelecer um relacionamento direto entre o ego onírico e o ego vígil. É como uma máscara sobre uma máscara, de modo que o primeiro desvendamento não revela o verdadeiro ego. A teoria freudiana clássica considerou que os sonhos estavam disfarçados, sendo que um sonho de um sonho poderia ser logicamente aceito como uma versão não-disfarçada do sonho "latente" encoberto; essa interpretação obedeceria às regras da estrutura gramatical, em que um duplo enunciado negativo se converte numa asserção positiva. Não existe qualquer "fórmula" junguiana similar para tratar do sonho-dentro-de-um-sonho, mas tais mudanças dentro de um sonho podem ser encaradas como movimentos de várias organizações do ego, algumas das quais reivindicam para si mesmas o *status* de plena consciência vígil, embora a complicada estrutura onírica revele serem elas apenas integrações parciais.

Em certa medida, o sonho-dentro-de-um-sonho é a mais complicada forma da mudança freqüente de cena para cena dentro de um único sonho. No sonho-dentro-de-um-sonho é como se a ação mudasse de um "palco" inteiro para um outro, de modo que o primeiro sonho parece ter acontecido num palco menor que está contido no palco maior do sonho seguinte. Entretanto, na usual fenomenologia dos sonhos, as mudanças de cenas ocorrem no mesmo "palco".

A interpretação dessa complicada estrutura onírica deve ser empreendida com cuidado e jamais uma abordagem rígida será adequada. Tais sonhos tendem a exemplificar uma verdade raramente apreciada: o processo de individuação, em sua fina estrutura, assemelha-se à criação de um "novo mundo", não apenas uma revisão do ego dentro do antigo mundo existente. Não é somente o ego que muda — toda a estrutura do "mundo" se altera, incluindo o papel de outras pessoas significativas. Essa é a razão pela qual, quando um cônjuge se submete à análise, o outro costuma ficar temeroso de que isso signifique o fim da relação — o que pode acontecer se houver movimento numa pessoa e não na outra, ou se a pessoa em análise identifica erroneamente o antigo mundo com o cônjuge, solução

psicologicamente mais simples (mas em geral menos valiosa) do que o surgimento de um mundo mais vasto no qual o velho mundo está contido e relativizado.

Sonhos com a realidade tal como ela é

A moldura do sonho também é posta em questão quando uma pessoa sonha sobre a realidade "exatamente como ela é". Se o sonho é de uma situação traumática real, claro que a duplicação exata é suscetível de ser realizada com a finalidade de um domínio final daquilo que oprimiu o ego no evento traumático original. Entretanto, os sonhos usuais da realidade tal como ela é não surgem em ligação com eventos traumáticos e, portanto, requerem alguma outra explicação.

Com frequência, a descrição do sonho é errônea e numa investigação cuidadosa existem elementos simbólicos significativamente diferentes da realidade da vida vígil do indivíduo. O "sonho" também poderá não ser na verdade um sonho, pois existem níveis de consciência durante o sono em que os sonhos se assemelham mais de perto a pensamentos vígeis. O movimento dentro dessa espécie de "pensar-sonhar" ocorre provavelmente com uma mudança do sono REM para outras fases. Alguns relatos de mentação em estados meditativos caracterizados pelas ondas teta no eletroencefalograma assemelham-se a esses devaneios; isso pode ser uma explicação para os chamados *sonhos lúcidos*, nos quais o ego onírico sabe presumivelmente que está sonhando e tem algum controle sobre o conteúdo do sonho (um estado que, entretanto, ainda não vi convincentemente demonstrado).

Um possível significado simbólico de um sonho que parece ser uma reprodução exata da situação vígil é que o inconsciente pretende que essa situação seja considerada *como se fosse* um sonho. A própria situação vígil poderá então ser vista numa perspectiva mais simbólica; em termos de compensação, isso significaria colocar a situação real

num contexto mais amplo do que a sua natureza cotidiana evocaria usualmente.

Referências temporais e espaciais

É incomum um sonho indicar diretamente que a ação ocorre no passado ou no futuro. O sonho simplesmente desenrola-se como se fosse no tempo presente. Com base no conteúdo do sonho, entretanto, geralmente é possível colocá-lo numa determinada moldura temporal. Um ambiente ou uma pessoa do passado incluído na ação presente mostra com frequência a necessidade de explorar um certo segmento da experiência pretérita do paciente. Inversamente, imagens do futuro podem ser representadas por imagens de um outro mundo, de uma outra dimensão ou de um lugar exótico.

O sonho com pessoas cultural ou tecnologicamente avançadas do espaço exterior poderá indicar o surgimento potencial de conteúdos do inconsciente (espaço exterior) e simbolizar desenvolvimentos futuros do próprio ego do indivíduo. (Em sua tese de doutoramento, Jung assinalou que as várias figuras que aparecem no estado mediúnico poderiam ser prefigurações de possíveis desenvolvimentos futuros da personalidade do médium.)¹⁷

Por exemplo: um homem sonhou que o que lhe tinha parecido ser um fenômeno natural no céu era, na realidade, uma espaçonave que pousara. O ego onírico fazia parte da delegação de boas-vindas na terra e caminhava com os homens vindos do espaço. Passaram por um grande computador e o ego onírico percebeu que o "nosso computador estava falando com o computador deles". A cena parecia toda ela amistosa e cordial. No contexto, esse sonho sugeriu que a reorganização psicológica que estava ocorrendo não proveio de sua assimilação do passado mas de pressão interior de possibilidades futuras.

Por vezes, é claro, os seres ou coisas do "espaço exterior" podem parecer maléficos ou ser mais primitivos – dentro do contexto

do sonho — caso em que o analista e o analisando deveriam acautelarse para a possibilidade da erupção potencial de impulsos arcaicos.

Fenômenos sincronísticos

Sincronicidade foi o termo usado por Jung para descrever a ocorrência quase simultânea, no tempo, de dois eventos, um interior e um exterior, que parecem ter o mesmo significado.¹⁸ Jung deu como exemplo um besouro que voou para dentro do gabinete justamente quando ele estava discutindo o sonho recente de um paciente com um escaravelho. Os fenômenos sincronísticos enquadram-se na mesma categoria dos eventos estudados pelos parapsicólogos sob nomes tais como telepatia, clarividência, psicocinese etc.

Em sua coleção de eventos parapsicológicos ou eventos *psi* espontaneamente relatados, Louise Rhine descobriu que a maior categoria estava associada à atividade onírica, como os sonhos do futuro (sonhos precognitivos) ou sonhos que continham informações desconhecidas do ego vígil (sonhos precognitivos ou telepáticos).¹⁹ Isso, por certo, é compatível com a generalizada crença popular de que os sonhos podem predizer o futuro ou fornecer informações desconhecidas da personalidade vígil do indivíduo que os tem. As melhores provas experimentais sobre fenômenos *psi* em sonhos estão contidas nos estudos de laboratório relatados por Ullman, Krippner e Vaughn em *Dream Telepathy*.²⁰

Quando os sonhos ou eventos sincronísticos ocorrem em psicoterapia, eles requerem conhecimento e tratamento especiais, pois é fácil tais eventos suscitarem na mente do paciente a idéia de que o analista está de algum modo envolvido neles (a sombra xamanista do terapeuta). Também é importante que o analista possua alguma compreensão dos possíveis significados dos fenômenos sincronísticos. Embora muitos terapeutas e analistas simplesmente ignorem tais eventos, considerando-os como mera casualidade ou acaso, eles podem ser muito úteis quando tratados com seriedade.

Em nível teórico, a ocorrência de sonhos sincronísticos é prova evidente de uma estreita ligação entre o inconsciente de uma pessoa e o de outra. Também pode ser tomada como prova de que o inconsciente é menos limitado no tempo e no espaço do que a mente consciente. A própria ocorrência de um sonho sincronístico constitui alguma compensação pelo sonho para o estado limitado do ego consciente, uma vez que o sonho mostra que o ego onírico transcendeu, em certo grau, as limitações usuais do ego vígil. Isso, entretanto, é uma compensação formal baseada em pura sincronicidade e não mostra o significado do conteúdo específico do sonho.

Alguns analisandos têm sonhos frequentes que são verdadeiramente sincronísticos. Nesses casos, há uma tendência (pelo analisando e talvez também pelo analista) para focalizar excessivamente a própria sincronicidade, o aspecto compensatório formal do sonho. Mas, se se trata de um sonho precognitivo, por exemplo, poder-se-ia perguntar por que é precognitivo de um evento e não de um outro? A resposta a essa pergunta deixa muitas vezes claro que a compensação sincronística trata de um material que não seria necessariamente escolhido pelo ego vígil se lhe fosse oferecido o conhecimento do futuro.

Sonhos sincronísticos podem ocorrer quando há necessidade de gerar mais interesse no analista ou no paciente pelo processo de análise. Nessa função, o sonho sincronístico é semelhante, com efeito, à sexualização da transferência-contratransferência. Ele produz mais energia na situação analítica e chama a atenção para a natureza misteriosa da interação, que funciona numa profundidade e complexidade que é rara em relações não-analíticas.

No início de meu treinamento psiquiátrico, quando a psicoterapia ainda era para mim uma arte nova e excitante, houve certo número de surpreendentes eventos sincronísticos que atraíram a minha atenção e me fizeram considerar mais seriamente o significado dessas ocorrências *psí*. Num caso, eu estava recebendo um estudante graduado em psicologia em sua terceira sessão de terapia. Ele relatou um sonho que era longo e complicado, mas terminou com um policial jogando fora um pente vazio de balas e colocando uma nova carga completa em sua arma para continuar atirando contra um ladrão. *Precisamente* nesse ponto da ação, minha caneta esferográfica ficou

sem tinta e eu pedi desculpas, fui buscar outra carga na minha escrivaninha, coloquei-a na caneta e sentei-me de novo para escrever, sem me aperceber da semelhança entre a minha ação e a do sonho. Mas o paciente notou-a! Seu interesse pelo processo analítico aumentou acentuadamente na base dessa estranha ocorrência, embora não fosse seguida por outros eventos análogos.

Num outro caso, que também envolve um estudante graduado em começo de terapia, o paciente nunca ouvira falar de eventos sincronísticos. Eu estivera tentando recordar algo que o meu dentista dos tempos de infância me dissera. Pude recordar tudo, exceto o nome comercial de um produto que ele descrevera. Lembrava-me apenas de que o organismo ativo era *lactobacillus acidophilus*. No caminho para a sessão com o paciente, de manhã cedo, eu ainda me esforçava por recordar o nome comercial desse produto farmacêutico. Mal proferira dez frases em suas livres associações, ele iniciou uma linha inteiramente nova de pensamento e, de súbito, mencionou o nome que eu estivera lutando por encontrar: *lactines granules*. Embora perplexo, nada disse ao paciente, porque não me pareceu ser útil para ele — mas isso teve o efeito de me tornar intensamente atento com esse paciente, de um modo que não tinha estado antes.

Os sonhos sincronísticos podem ocorrer entre *qualquer* duas pessoas e têm significado virtualmente idêntico ao de quando ocorrem em análise — isto é, compensar uma visão demasiado limitada da realidade, acrescentando atenção e energia à situação, além de qualquer significado específico que porventura seja veiculado pela estrutura e o simbolismo dos sonhos. Por vezes, duas pessoas que estão intimamente envolvidas uma com a outra fazem análise com o mesmo analista, oferecendo uma oportunidade incomum para a observação de sonhos paralelos, uma das formas em que os fenômenos sincronísticos aparecem.

Num desses casos, um homem e uma mulher que tinham começado a viver juntos relataram sonhos da mesma noite com motivos de impressionante semelhança. A mulher sonhou que estava com a mãe num amplo saguão de hotel. A dona do hotel entrou com dois animais, um cão pastor alemão e um urso de cor exótica. O urso não era ameaçador mas o ego onírico estava assustado. Ela

hesitava entre estabelecer uma conversação polida com o gerente e expressar o seu medo — um sentimento que não lhe era incomum quando lidava com a mãe.

Nesse meio tempo, seu namorado teve um longo e complicado sonho, que também ocorreu, em parte, num grande e extravagante hotel. Numa cena, um homem passou de motocicleta, com um urso no assento traseiro. O ego onírico queria acercar-se do urso, que mais tarde parecia estar molestando um cão, mas na ocasião, mostrou ser muito amistoso. Ele conheceu o treinador do urso mas não confiou nele. Em outras cenas, o homem que teve o sonho estava preocupado com vários membros da família, incluindo sua ex-mulher, a quem ele achava difícil enfrentar em situações emocionais.

Esses dois sonhos estão resumidos e não é nossa intenção discutir aqui as ricas implicações psicológicas para os dois pacientes, mas sublinhar tão-somente os paralelos sincronísticos: um grande e luxuoso hotel, um parente a quem é difícil expressar sentimentos verdadeiros, o cão e o urso. Esse mesmo casal teve dois outros sonhos paralelos que foram menos impressionantes porque menos simbólicos. Numa ocasião, ambos sonharam com um amigo comum na mesma noite; em outra noite, ela sonhou que o ex-marido estava no quarto com eles, enquanto seu companheiro estava vendo esse homem caminhando perto de uma sinagoga.

É provável que alguns sonhos sincronísticos passem despercebidos porque têm explicações normais ou se apresentam como sonhos usuais. Por exemplo: uma mulher que se sentia particularmente receptiva à percepção extra-sensorial estava debatendo se deveria ou não ir trabalhar, apesar dos sintomas de gripe. Pensou que estava acordada quando, de súbito, pressentiu no quarto a forma de um amigo que morrera em consequência de problemas pulmonares. Ele estava vestido como usualmente em vida e disse à mulher que era uma idiotice ir trabalhar com uma doença que poderia matá-la, como a pneumonia mata a ele. Com base nessa "visão", ela decidiu ficar em casa. Isso foi sincronístico ou foi apenas um sonho ou alucinação hipnagógica que dramatizou um aspecto de seu conflito? Não há como sabê-lo. Ela aceitou isso como uma visitação do espírito do amigo morto e agiu de acordo com o bom conselho que ele lhe deu.

Certa vez, ela precisou falar com o irmão a respeito de importantes assuntos familiares, mas não sabia como comunicar-se com ele, pois o irmão estava numa missão governamental secreta. Dentro de dez minutos, entretanto, ele telefonou-lhe.

Em resumo, os sonhos e eventos sincronísticos, quando são notados, devem ser tratados na mesma base do outro material psico-dinâmico, mas com particular ênfase sobre *por que* o inconsciente usou a sincronicidade e para chamar a atenção para *o quê*. Não se deve "rechaçar" a sincronicidade nem atribuir-lhe valor excessivo, pois isso poderá distorcer a estrutura da análise.

O SIMBOLISMO EM ALQUIMIA

Jung estava sumamente interessado no conteúdo simbólico da alquimia, em decorrência de uma série de sonhos que o levaram a investigar a cultura quinhentista na Europa. Encontrou nos escritos alquímicos uma prefiguração da moderna psicologia de profundidade, embora com escassa diferenciação entre o liberal e o simbólico. Os alquimistas tentavam a transformação da matéria, mas não distinguiram claramente seu trabalho objetivo sobre a matéria, do trabalho subjetivo sobre eles próprios. Eram propensos, portanto, a projetar suas visões pessoais de transformação nos misteriosos processos químicos que viam acontecer no laboratório.

Alguns alquimistas subsequentes, entretanto, pareciam estar conscientes de que sua arte se preocupava primordialmente com a transformação pessoal, sendo a busca não de ouro metálico mas do "ouro" interior; por isso, usaram expressões tais como "o nosso ouro", "a água dos sábios", "o corpo diamantino", "um tesouro difícil de alcançar" etc., para distinguir a imagem interior da substância concreta. Jung concluiu que a psicologia de profundidade parecia não ter tido antecedentes apenas porque a alquimia fora mal-compreendida, descartada como se fosse uma simples nota de rodapé na história da química.

Os processos de alquimia são muitos, embora, tal como são descritos na literatura, não sejam, em absoluto, padronizados em número ou em sequência; cada um tem uma "penumbra" de imagens e operações secundárias que, quando vistas em forma diagramática, parecem um complicado mapa rodoviário com várias cidades rodeadas

por outras cidades e aldeias menores.²¹ Entre as operações componentes, em termos gerais, estão estas sete: solução, coagulação, sublimação, calcinação, putrefação, mortificação e conjunção (*conjunctio*).

Para cada uma dessas operações existem paralelos psicológicos. A calcinação, por exemplo, é um método químico de aquecimento de uma substância para expulsar toda a umidade e produzir, talvez, uma mudança química; psicologicamente, está relacionada com a secagem de complexos inconscientes, "saturados de água". Colocar uma substância em solução, dissolvendo-a quimicamente, é análogo ao processo psicológico de permitir que um conteúdo consciente se "dissolva" no inconsciente. O processo oposto, a coagulação, é quimicamente como a precipitação de uma substância em solução e, psicologicamente, como a formação de um novo complexo de idéias oriundas de uma matriz inconsciente. Uma famosa sentença alquímica, "dissolver e coagular", sugere o processo psicológico repetitivo de perceber que uma "substância" mental consistente — por exemplo, um conflito que parece insolúvel — é realmente capaz de solução apenas para ser logo substituída por outra "substância" que, por sua vez, requer dissolução.

Motivos alquímicos em sonhos

Existem imagens e motivos oníricos que se enquadram claramente no repertório do simbolismo alquímico, e é possível discernir operações alquímicas por trás de muitas outras operações. Os sonhos em que objetos de grande valor intrínseco ou potencial são tratados de um modo casual, por exemplo, sugerem a imagem alquímica da *prima materia* — aquela substância básica e aparentemente sem valor da qual, através de operações alquímicas, é possível produzir o que é de supremo valor, variavelmente designado por pedra filosofal, elixir do sábio, *aqua vitae*, panacéia etc. As imagens oníricas de moedas de ouro encontradas entre as pedras de um riacho, ou espalhadas sem que ninguém as note no parque de estacionamento de um supermercado, são exemplos de metáforas da *prima materia*.

O processo de *calcinatio* pode ser mostrado por figuras que se mantêm incólumes no meio de um fogo; as figuras podem ser humanas ou animais, em casos raros com a aparência da salamandra que reside no fogo (outra imagem alquímica da *prima materia*). Quando as figuras admitem sua presença num incêndio (num sonho, jogando cartas no meio das chamas), isso sugere que a transformação pelo fogo (calor emocional) é necessária, por mais imprópria que possa parecer do ponto de vista do ego onírico — ou por muito dolorosa que seja para o ego vígil. Consideremos o seguinte sonho de um homem:

Uma grande rã estava no fogo. Assemelhava-se ao Yoda do filme *Guerre nas Estrelas*. Eu estava surpreso que ela permanecesse viva por tanto tempo no fogo. Ela olhou para mim. Finalmente, encolheu e ficou negra. Na cena seguinte (talvez um segundo sonho da mesma noite), é como se eu estivesse olhando através dos olhos de um aborígene que segura uma grelha de aço sobre uma fogueira. Sobre a grelha estão um tigre miniatural e um canguru, que lutam entre si e também estão tentando cair fora da grelha. O aborígene empurra-os de novo para cima da grelha. Finalmente, à semelhança da rã, eles encolheram e ficaram carbonizados.

As associações do paciente foram poucas: ele considerou o canguru maternal e tímido e ficou surpreso pelo fato de ele não ter medo do tigre. O sonho mostra a criatura semelhante a uma rã conformando-se com uma experiência da *calcinatio*, que culminava nos dois opostos incompatíveis que devem ser mantidos nessa tensão por uma estrutura primitiva do ego (o aborígene). A transformação do tigre e do canguru em substâncias “superiores” não é mostrada neste sonho mas, num sonho ulterior do mesmo homem, foi indicada uma preparação mais humana para a mudança, envolvendo as imagens da *mortificatio* (agonia mortal):

Eu estava examinando um possível local de construção. Havia bulldozers limpando o terreno. Um grande edifício parecia estar abandonado e seria demolido. Entrei no edifício. Parecia deserto mas, quando cheguei aos fundos da construção, encontrei um velho sacerdote que cuidava de

um certo número de pacientes terminais, os quais morreriam todos. Ele estava certificando-se de que eles morreriam de maneira digna. Foi providenciar para que o edifício não fosse perturbado enquanto todos eles não tivessem saído. Depois, eu estava num helicóptero sobre o local, examinando os planos para a nova construção. Eu podia ver a área inteira do ar.

No princípio desse sonho, ele decidiu fazer uma breve pausa na análise, o que pareceu uma decisão responsável.

O café que se transforma em líquido dourado ao circular através da máquina de filtrar sugere o motivo alquímico da *circulatio*, uma reciclagem contínua da *prima materia*. As operações alquímicas representadas em sonhos ocorrem freqüentemente numa cozinha, ambiente semelhante ao laboratório alquímico.

Conjunctio: imagens de união

As imagens alquímicas mostram várias operações que culminam na *conjunctio*, a união dos opostos; por isso as imagens de *conjunctio* em sonhos parecem clinicamente relacionadas mais de perto com a meta final dos processos alquímicos do que as outras operações.

Nas ilustrações alquímicas de *A Psicologia da Transferência*, Jung escolheu imagens que enfatizam a qualidade humana da *conjunctio*: um rei e uma rainha são literalmente reduzidos a uma única pessoa após a união sexual, mas essa entidade unida está morta e deve ser ressuscitada pelo retorno da alma. Imagens sexuais em sonhos ajustam-se com freqüência a essa operação alquímica da *conjunctio*, sobretudo quando são incestuosas ou com uma figura onírica desconhecida. Podem existir, é claro, sonhos francamente sexuais que são apenas compensatórios para a frustração sexual na vida vígil; o contexto é que o dirá.

Uma forma mais sutil das imagens da *conjunctio* é o motivo de casamento. O ego onírico pode ser apenas um observador no casamento, não uma das figuras principais, mostrando que os opostos

a serem unidos estão fora do ego onírico (embora, talvez, dentro da estrutura do ego vigil). Com efeito, na maioria dos casos, não é o ego onírico que passa pelo que tem sido comparado aos processos alquímicos; é, outrossim, a *prima materia*, a substância sem valor da vida psíquica ordinária, ou o cotidiano da vida exterior real, que é transformado. Num caso, o ego onírico de uma mulher estava simplesmente ajudando uma noiva a se vestir para o casamento. A única imagem incomum era a coroa da noiva, que era de forma cúbica, aberta na frente e atrás e coberta de cetim. Num outro caso, o ego onírico apenas conduziu duas mulheres a um casamento em que eram convidadas, enquanto uma importante transformação ocorria nas imagens que anteriormente haviam assustado o ego onírico no sonho.

O acasalamento sexual de animais em sonhos não produz, por vezes, filhotes, mas mudanças nas próprias figuras acasaladas — não uma imagem “natural”, mas uma que aponta para a transformação de um conflito instintivo dentro do indivíduo que tem o sonho.

Observar o aparecimento de imagens da *conjunctio* numa série de sonhos pode fornecer pistas sobre quando pode ser esperada a reconciliação de um determinado par de opostos incompatíveis. Por vezes, isto se reflete no alívio de um conflito consciente; outras vezes, o resultado no nível da vida consciente pode ser não mais do que uma atenuação da depressão ou ansiedade. De fato, grande parte do trabalho de análise parece consistir em manter uma constante e confiável estrutura abrangente em que as preparações para a *conjunctio* possam ocorrer com segurança.

Os sonhos que não correspondem naturalmente às imagens da alquimia não devem ser forçados a ajustar-se a elas, nem é aconselhável que se force a interpretação de motivos que não são claramente evidentes. (O perigo do reducionismo arquetípico paira constantemente no consultório junguiano.) Existem sempre mais sonhos do que os que são recordados ou levados à análise, e esses também podem estar trabalhando silenciosamente pela mudança. Nunca devemos esquecer que os analistas, em sua grande maioria, são parteiros e facilitadores — observadores de um misterioso processo, e não a origem do processo.

SONHOS E INDIVIDUAÇÃO

A natureza da neurose

A descrição mais comum da neurose é esta: a psique trabalhando contra si mesma, mais como um país em guerra civil do que como um todo unificado. Em certa medida, todos somos neuróticos, no sentido de que poucas vezes estamos “de acordo” conosco. A mera existência de partes da psique, como o ego e a sombra, implica que elas não trabalham necessariamente em uníssono. Mas o excesso de incongruência ou de conflito entre a imagem do ego dominante e outras partes ativas da psique é característico da neurose crônica, uma das condições humanas mais difíceis de alterar.

Os sonhos são compensatórios em todos os estados de funcionamento psicológico — na vida comum (onde compensam o processo de individuação), na psicose (onde tentam produzir um ego estável) e na neurose, onde estão ativos na tarefa de retirar o ego de um desvio ou impasse neurótico e de o colocar na corrente principal da individuação. A individuação ocorre em qualquer estado da psique, quer uma pessoa esteja consciente ou inconsciente, mas é muitíssimo facilitada quando o ego, consciente e intencionalmente, observa os movimentos da psique, assume uma atitude em relação a eles e participa de forma responsável na evolução da psique como um todo.

Nenhuma tarefa vital verdadeira pode ser evitada; ela poderá apenas ser abordada de um modo oblíquo ou substituto. Os sintomas neuróticos são, com frequência, substitutos da experiência vital mais

direta, que é evitada por medo. Uma falta de auto-afirmação normal pode resultar em sintomas neuróticos de ansiedade crônica, de modo que situações normalmente não temíveis passam a suscitar medo — como se a psique produzisse uma superabundância de situações em que o desenvolvimento necessário poderia ocorrer. Uma pessoa que procura motivar-se mais por auto-sugestão do que por crescimento caracterológico poderá constatar que as sugestões fracassaram, resultando em depressão. Se a introversão é necessária, mas evitada, os sintomas psicossomáticos poderão forçar um período de introversão. Esses movimentos da psique são sutis mas não são fracos.

Os neuróticos caracterizam-se por uma adaptação a um mundo que se apresenta muito normal quando visto de fora. Eles usualmente desempenham bastante bem as tarefas básicas da vida, mas às custas de uma excessiva tensão interna. Em certo sentido, a neurotização requer uma estrutura psíquica mais desenvolvida e não se constitui simplesmente em sofrer o conflito com outros no meio ambiente. O neurótico é capaz de internalizar o conflito, criando complexas estruturas intrapsíquicas, que isolam o ego do conflito original mas produzem conflitos substitutos que parecem ser menos significativos apenas até o momento em que são observados analiticamente.

De modo geral, o ego neurótico já é estável e se encontra suficientemente bem formado, embora identificado com imagens egóticas que o resguardam do envolvimento direto no progresso da individuação. Isso está, por vezes, a serviço da manutenção de uma fase particularmente agradável do passado, de modo que o ego está parcialmente fixado através de uma aderência aos prazeres do estado passado. A fixação também pode ocorrer por causa de um severo trauma no passado, tentando o ego reproduzir a situação traumática a fim de poder resolvê-la, ou compensar no presente o trauma do passado: num caso ou noutro, o presente é sacrificado a uma relação dinâmica com o passado. Se essas opções fossem claramente conscientes não haveria problema. O indivíduo poderia simplesmente reconhecer o equívoco e abandonar a tarefa neurótica, ou aceitar uma forma particular da tarefa e dedicar-se a soluções potenciais. Entretanto, como a escolha é inconsciente, o que o ego vivencia é uma curiosa e perversa repetição de eventos; num nível mais profundo, a escolha

é feita pelo próprio ego, mas dissociado da imagem dominante do ego.

Ao longo da vida, o Si-mesmo exerce uma pressão contínua sobre o ego, tanto para que enfrente a realidade como para que participe do processo de individuação. Ele faz isso com ou sem o consentimento voluntário do ego, mas as compensações contra o ego relutante (pesadelos, acidentes, sintomas físicos etc.) costumam ser mais severas do que a relação complementar do inconsciente com um ego que está se esforçando ao máximo para participar conscientemente do processo de individuação.

Como podem os sonhos ajudar?

Uma compreensão dos sonhos revela ao ego padrões repetitivos, padrões em que freqüentemente é possível descobrir repetidos erros apresentados de diferentes maneiras. Quando esses conflitos são vistos com clareza, há a possibilidade de ação mais direta numa direção responsável. Os sonhos estão a serviço da psique como um todo e só secundariamente se opõem a qualquer atitude ou ponto de vista particular do ego. Ao discernir o que os sonhos já estão tentando realizar, o ego vígil é capaz de avaliar sua própria posição e participar, se quiser, dos processos mais profundos. Não que o ego vígil possa simplesmente confiar o curso de sua vida aos sonhos, como se fossem guias (um equívoco muito comum). É absolutamente necessário que o ego vígil conheça sua própria posição a fim de que os sonhos tenham um claro papel compensatório, que é a sua função natural na psique saudável.

Os sonhos que mostram um ego forçado a lidar com situações ameaçadoras são particularmente indicativos de um desenvolvimento neuroticamente retardado. Os sonhos de figuras ameaçadoras que se tornam menos ameaçadoras à medida que se avizinham do ego onírico, por exemplo, assinalam o medo excessivo de enfrentar conteúdos não-integrados da psique. É nessa fase do crescimento do ego que as imagens arquetípicas da luta ou aventura heróica são particularmente aplicáveis, pois o ego imaturo poucas vezes alcança um estado maduro sem enfrentar antes situações terríveis e potencialmente ameaçadoras. Existem muitos paralelos na mitologia e no folclore para esses desenvolvimentos. Os contos de fadas, em particular, parecem constituir

um rico repositório de modos de desenvolvimento do ego e podem ser usados vantajosamente para ampliar sonhos que se ocupam dessa luta. Os contos de fadas também assinalam a multiplicidade de formas de desenvolvimento do ego em homens e mulheres. Existe usualmente uma força terrível e regressiva a ser superada (como um dragão) ou uma imagem parental hostil ou indolente (o velho rei ou a rainha madrasta e ciumenta etc.). Além disso, há as criaturas que ajudam, animais que falam e conhecem mais da sabedoria natural da vida do que o ego. O motivo onírico de um animal prestimoso, capaz de falar, pode indicar que o inconsciente está pronto para ajudar o ego em sua tarefa; tais sonhos parecem constituir sinais prognósticos particularmente positivos.

A própria multiplicidade de motivos dos contos de fadas lembra-nos que existem muitas maneiras diferentes para o desenvolvimento do ego imaturo. Nem tudo são lutas heróicas; ocasionalmente, há um conto de fadas que mostra que o ego é incapaz de realizar qualquer coisa por seus próprios meios, de modo que terá de esperar ajuda de fora. Clinicamente, isso envolveria um papel muito mais ativo e de apoio para o analista ou o grupo terapêutico; mais envolvimento e incentivo seriam necessários antes de se poder esperar que o ego do analisando faça seus primeiros movimentos independentes por conta própria.

Em certo caso, uma mulher que vivera a vida contida em papéis femininos tradicionais teve uma breve, infeliz e inadequada relação com um homem muito mais jovem do que ela, o que a levou à depressão e depois à psicoterapia. Quando começou a melhorar, sonhou com uma estranha flor que também era um animal; e era algo simultaneamente masculino e feminino. O motivo indicou a unificação de opostos (planta/animal, macho/fêmea), o que sugere a influência do Si-mesmo. Ela pintou um quadro a partir do sonho e, desse ponto em diante, iniciou-se o desenvolvimento de uma personalidade mais independente.

Num outro caso, uma mulher que começava a auto-afirmar-se sonhou que estava numa grande sala, na presença de uma outra mulher com problema semelhante. Um homem que, em forma projetada, levava grande parte do potencial latente dela, estava sentado numa mesa, trabalhando. Sua esposa acercou-se, numa atitude furiosa

e ciumenta, e criticou verbalmente o ego onírico de maneira áspera e mordaz. O ego onírico viu um "rei vermelho" à esquerda da cena da confrontação e jogou sobre ele um manto bordado com quatro coelhos. Ela própria era, de algum modo, o manto. O sonho sugere que sua própria independência (o rei) ainda está encoberta por um manto de qualidades leporídeas — talvez a antiga e não inteiramente descartada timidez dos coelhos.

Num terceiro caso, um homem sonha que seu cão de guarda, na realidade morto, está vivo e fala com ele, pedindo-lhe para ser levado para dentro de casa, em vez de ser deixado no pátio. Esse sonho indica que uma função protetora apropriadamente agressiva deseja ser mais integrada. O animal falante mostra esse conteúdo mais perto do ponto de integração egótica; as qualidades do cão só tinham aparecido antes em forma regressiva e destrutiva, irrompendo em momentos inesperados.

A relativização do ego

O movimento para sair da neurose envolve também a relativização de um ego forte. O ego desenvolvido é solicitado a enfrentar de novo a matriz inconsciente, da qual se libertou nas primeiras fases do processo de individuação. Teleologicamente falando, é como se o objetivo do processo global de individuação fosse tornar o inconsciente conhecido e reconhecido como a fonte. No final das contas, o ego é uma excrescência especializada do inconsciente, sendo sua posição como centro do campo consciente análoga à do seu modelo arquetípico, o Si-mesmo, como centro da psique em seu todo. As imagens oníricas que apontam para a necessidade dessa percepção têm menos probabilidades de retratar tarefas heróicas de confrontação, mas podem mostrar a natureza da realidade de um modo surpreendente — incluindo símbolos do Si-mesmo que não parecem estar compensando uma estrutura fraca do ego, mas existir de forma autônoma, sem forte relacionamento dinâmico com os conflitos

neuróticos correntes. Nessa fase, as ampliações podem ser mais apropriadamente encontradas em tradições religiosas do que em contos de fadas, embora todas as “regras”, a esse respeito, devam ser encaradas com certas reservas, porquanto não existe uma divisão clara entre as fases de individuação; além disso, quando falamos de um padrão, aludimos a uma generalidade, ao passo que, em qualquer pessoa, o processo é sempre único e mais problemático.

Por exemplo, uma pessoa sonha com uma cidade semelhante a uma mandala, na qual é possível entrar ou não segundo a escolha do ego. Uma variante desse tema é um edifício de dimensões imensas, frequentemente de formato simétrico. Poderá haver *insights* sobre a natureza viva do mundo, como num sonho em que se vê a grande matriz de um animal com muitas cabeças que vive simplesmente no ar; seu tamanho é assustador mas sua natureza é dócil e não-ameaçadora.

A relativização do ego também pode envolver sonhos impressionantes em que não se faz necessária qualquer ação do ego, em contraste com a atividade heróica frequentemente exigida do ego onírico em fases mais iniciais de diferenciação. Poderão aparecer imagens de iniciação, indicando que o ego está prestes a ingressar numa outra fase de atividade. Os motivos oníricos de “desprendimentos”, referentes a problemas que não foram resolvidos, tendem especialmente a ocorrer quando o tempo disponível para a individuação foi cerceado, como no caso de uma doença que levará à morte.

O ego individuanete

A psicologia junguiana aprecia com extraordinária clareza a natureza relativa do ego.²² Na maioria dos sistemas psicoterapêuticos, o desenvolvimento de um ego forte e independente constitui meta privilegiada, embora temperada com a necessidade de obter relações íntimas e afetuosas. A psicologia junguiana também dá valor a esses propósitos, mas a concepção da individuação como processo vital

básico impede que eles sejam excessivamente enfatizados. Qualquer estado de identidade do ego é visto como algo que se refere ao próprio processo de individuação da pessoa, não importa até que ponto ela seja bem-sucedida em termos de adaptação ao meio ambiente ou aos outros.

A inclinação natural do ego é para ver-se como o centro da psique, embora ele seja apenas o centro do mundo consciente virtual, sempre uma construção particular dentre as muitas possibilidades arquetípicas. O ego é como o monarca hereditário, que é o único governante de um país mas não pode controlar tudo o que acontece dentro de seus domínios nem estar completamente consciente de tudo o que acontece ou poderá acontecer.

O objetivo da análise junguiana não é apenas a construção terapêutica de um ego que funciona adequadamente — embora muitos analisandos prefiram parar por aí, pois nesse ponto sente-se um importante alívio da infelicidade neurótica que leva a maioria das pessoas a recorrer à terapia ou à análise. Mas se o trabalho com o inconsciente for levado além do alívio do sofrimento neurótico, conduzirá de maneira imperceptível à consideração de questões filosóficas, religiosas e éticas em nível muito diferente de sua consideração numa base consciente simplesmente coletiva. Questões que, para um ego meramente forte, seriam simples questão de decisão, podem tornar-se, para o ego individante, sérias preocupações éticas, pois nada está fora do processo de individuação e não existe um quadro de referência claro e feito sob medida para a tomada de decisões. Ao efetuar uma escolha, a pessoa está sempre escolhendo um "eu" entre os muitos "eus" que poderiam ser realizados.

Por exemplo, escolher entre dois empregos pode ser uma questão de preferência consciente. Mas o ego individante estará tomando uma decisão mais importante. Os sonhos podem mostrar isso, como no sonho de um homem que ponderou a aceitação de um emprego que não requeria dele o trato com pessoas e lhe permitia manter seu isolamento neurótico. Após decidir a favor desse emprego "evasivo", sonhou que era atraído para uma mulher que ele sabia estar morta e que foi impedido de acompanhá-la num barco (o barco da morte?) somente pela ação de uma outra figura alheia ao ego onírico. Analo-

gamento, sonhos repetidos de persistentes batidas na porta podem simbolizar conteúdos que foram deixados de fora da vida do paciente e estão insistindo em ser ouvidos, embora se ignore até esse ponto o que eles sejam realmente.

A natureza relativa do ego pode ser vista ao longo do tempo, mas também pode ser apreciada na fina estrutura de relacionamento do ego onírico com o ego vígil. O núcleo arquetípico do ego, o Si-mesmo, possui uma qualidade centralizadora, embora também dissolva formações incompletas a fim de inseri-las numa estrutura mais inclusiva. Esse *background* arquetípico sustenta o sentido de "eu" que o ego tem como o centro da subjetividade. Outros complexos atuam como personalidades parciais e possuem até vontades próprias, independentes do ego, como pode ser visto em muitas situações. Mas somente depois que um conteúdo vivencia uma conexão com o ego é que ele passa a participar no sentido do "eu". Isso é sumamente evidente nas relações do ego com as estruturas de identidade da *persona* e da sombra. Enquanto não estiver integrada no ego, a *persona* é percebida como um papel que pode ser desempenhado ou não. Mas novos conteúdos do ego podem entrar através do papel da *persona*, tornando-se mais tarde parte da própria estrutura do ego. De modo semelhante, a sombra apresenta-se classicamente como projeção não-egótica em alguém do meio circundante; mais tarde, ela deve ser penosamente reabsorvida e vivenciada como parte potencial do "eu".

Os sonhos oferecem campo mais microscópico para a observação da estrutura delicada do complexo do ego. Nas compensações cotidianas de sonhos vê-se a mesma interação de ego e Si-mesmo (como produtor onírico) que pode ser observada em visão macroscópica no transcorrer de décadas e de sucessivas fases da vida. Além de sua utilidade clínica, tal observação da relatividade do ego em sonhos e na vida vígil pode levar a uma apreciação do cuidado e da retidão com que os sonhos compensam o ego vígil. É algo muito parecido a ter um amigo sábio mas imparcial, que sabe coisas a nosso respeito de que podemos suspeitar mas ainda não conhecemos em plena consciência.

O ego onírico e o ego v^ígil

A relação estrutural entre o ego onírico e o ego v^ígil pode ser descrita como semelhante à que predomina dentro de um governo. O ego é o único governante possível, mas pode ser influenciado pelos atos de outras forças que são necessárias ao governo como um todo. O ego v^ígil é o representante responsável por tudo o que é feito em nome da psique individual e está sujeito, inclusive, a prestar legalmente contas à sociedade. Mas no estado onírico o ego v^ígil não está presente em sua complexidade e multiplicidade de níveis. Por outro lado, o ego onírico vê-se investido das mesmas responsabilidades que o ego v^ígil, mas num mundo onírico isso não é de sua própria escolha. No mundo onírico (tal como no mundo v^ígil) surgem pessoas e situações que não são do agrado do ego; as tarefas do sonho não são escolhidas mas *dadas*, tal como o mundo cotidiano possui uma realidade objetiva que se localiza fora do ego.

A situação do ego onírico pode ser considerada análoga a uma estrutura de comissão no governo do ego v^ígil. Este é o presidente ou rei, enquanto que o ego onírico preside a uma *parte* da estrutura que participa do mundo do ego v^ígil. A "comissão", entretanto, não é ilusória mas "apenas um sonho". É uma parte, apenas, de toda a estrutura do ego v^ígil; logo, as ações (ou a ausência delas) do ego onírico podem afetar o mundo do ego v^ígil. As ações que resultam em mudanças estruturais no mundo do ego onírico podem ser herdadas de muitas maneiras pelo ego v^ígil em seu mundo. O modo mais usual de vivenciar tais mudanças consiste em alterações nos estados emocionais do ego v^ígil: um alívio da depressão, um declínio ou aumento da ansiedade, um sentimento de "decisão certa" numa situação problemática etc.

Esse diálogo entre o ego v^ígil e o sonho, mediado pelo ego onírico, é parte do mais amplo diálogo entre o ego e o Si-mesmo. O Si-mesmo não aparece freqüentemente em imagens oníricas, pelo menos de maneira reconhecível. É, mais amigável, visto como o construtor invisível do sonho, aquela força da psique que não só organiza as cenas e a ação mas também atribui ao ego onírico um papel especial. Isso

não significa, entretanto, que o sonho esteja inteiramente formado antes de ser experienciado pelo indivíduo que o tem, pois as ações do ego onírico parecem ser cruciais no que se segue após tal ação. (Mesmo nos sonhos repetitivos, característicos da neurose traumática, é potencialmente mais terapêutico ver o ego onírico tentando, ainda que sem êxito, iniciar a mudança.)

O ego individuante percebe inevitavelmente que o ego não é o ego onírico nem o ego vígil. O centro do ego, o sentido de "eu", é apenas o modo corrente, subjetivo, de referência para o processo de individuação, que relativiza o ego vígil no transcurso do tempo de um modo semelhante às relativizações menores que ocorrem noturnamente na experiência do ego onírico.

Esses *insights* têm implicações práticas na interpretação dos sonhos. A relatividade do ego contradiz a aceitação de qualquer estado egótico como fixo, o que faz ser impróprio falar de escolhas certas ou de escolhas erradas pelo ego vígil. Salvo dentro de fronteiras legais e éticas muito amplas, as escolhas do ego vígil influenciam simplesmente a constelação de seu próprio mundo, que não é "certo ou errado" mas "preferido ou não preferido", "autêntico ou inautêntico". A relatividade do ego em relação às outras estruturas da psique, como a sombra ou a *persona*, também se presta a uma apreciação de como o ego vígil pode ser influenciado através da ação de partes da psique das quais nada sabe. Por exemplo: o ego poderá esconder desnecessariamente sua realidade atrás de um uso transitório da *persona* — não uma identificação patológica com a *persona*, mas uma manifestação autônoma de sua vontade; e aspectos inconscientes da sombra podem levar o ego vígil a ações e atitudes que o próprio ego reputaria sem valor, caso fossem claramente apresentadas para julgamento.

Trabalhar com sonhos como parte da situação analítica confere ao ego vígil um sentido de sua própria relatividade em relação ao ego onírico. Os sonhos de experiências de sombra (de natureza positiva ou negativa), assim como as apresentações dramáticas dos processos de funcionamento do ego vígil podem levar a uma percepção consciente e muito valiosa, pelo ego vígil, de sua própria vulnerabilidade. Armado com essa percepção, o ego vígil está mais apto

a reconhecer sua arrogância, a evitar a identificação com outras partes da psique e a minimizar as consequências da projeção através de lembranças de como, no passado, fortes reações emocionais a outros acabaram por "acomodar-se" como aspectos da própria sombra ou *anima/animus* do indivíduo.

Conhecimento focal e conhecimento tácito

Embora possa ser feito um bom trabalho clínico com um mínimo de compreensão teórica, é útil contar, pelo menos, com uma estrutura teórica fundamental a fim de nos orientarmos nas direções variáveis da situação clínica. Um modo de conceituar a relatividade do ego é em termos de conhecimento *focal* e conhecimento *tácito*, termos derivados da obra epistemológica de Michael Polanyi.²³

Polanyi fala da estrutura de *tudo* o conhecimento como dotada de uma natureza "de cá para lá" ("*from-to*" *nature*). Confiamos tacitamente no conhecimento de alguns conteúdos, a fim de conhecermos outros conteúdos de maneira mais focal. O microscópio, por exemplo, é uma estrutura tácita (como é o olho) para o conhecimento focal de microrganismos ou de outros objetos. As conclusões de Polanyi enfatizam que existe um elemento irredutível de comprometimento e risco na tentativa de ser objetivo a respeito de qualquer coisa, seja ela qual for. Formulamos enunciados fatuais com intento universal, confiantes de que qualquer observador não tendencioso chegará à mesma conclusão, mas sabemos que é impossível evitar nosso envolvimento pessoal, que determina, em certa medida, não só o que vemos mas o que escolhemos como merecedor de observação, em primeiro lugar.

Os compartimentos de conhecimento focal e tácito constituem a estrutura universal do conhecimento, afirma Polanyi, mas seus conteúdos podem mudar. O que é tácito num ponto pode ser focal em outro. O compartimento tácito do conhecimento é semelhante ao *inconsciente*, mas não exatamente equivalente, dado que podemos

escolher conscientemente o uso de algo de maneira tácita, como quando a fala é considerada tácita em relação ao *significado* para o qual ela aponta. Do mesmo modo, o conhecimento focal é análogo ao campo da consciência; este pode ser *pré-consciente* mas, em geral, é facilmente trazido para a luz da percepção consciente.

Se aplicarmos esses conceitos ao ego onírico e ao ego vígil, poderemos dizer que o ego vígil se apóia de forma tácita no conteúdo da psique, o qual se apresentará como focal ao ego onírico. Um complexo que atua como parte da percepção consciente básica do ego vígil (portanto, como parte da estrutura tácita do ego vígil) pode ser personificado por uma figura onírica em relação ao ego onírico. Portanto, a ação do ego onírico sobre essa figura alteraria potencialmente a estrutura em que o ego vígil se apoiará, após o sonho, para sua própria percepção tácita do mundo. Assim, a atividade do ego onírico é conceptualizada como uma extensão no mundo onírico do mesmo processo de individuação que constitui a tarefa mais profunda do ego vígil. O sonho é visto como uma estrutura simbólica que dota o ego onírico de alguns aspectos escolhidos da estrutura do ego vígil. A relação do ego onírico e do ego vígil é vista, portanto, como uma interação profundamente útil entre os compartimentos focal e tácito da identidade do ego.

O analista encontra-se numa posição ímpar não só para observar tais permutas focais/tácitas entre o ego onírico e o ego vígil, mas também para facilitar no analisando a percepção consciente desse processo. Com efeito, quando se está suficientemente cõscio dessas relações e se possui alguma arte para lidar com sonhos, começa a diminuir a necessidade de sessões analíticas formais. Embora a análise formal sempre termine em algum ponto do tempo, o processo de compreensão analítica continua durante a vida inteira. Por vezes, o reatamento da análise formal é indicada ou desejada, mas o ego desenvolvido ou diferenciado, ciente de sua relatividade, pode fazer bom uso de muitos sonhos sem ter que discuti-los numa relação analítica.

AS DUAS TENSÕES DA INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

Duas tensões estão continuamente presentes no uso bem-sucedido da interpretação dos sonhos. A primeira é a tensão entre interpretações objetivas e subjetivas de motivos oníricos. A segunda é característica não só da interpretação dos sonhos mas de todo o processo analítico: a tensão entre os significados pessoais e arquetípicos.

Objetiva e subjetiva

Ao sugerir que as imagens e motivos num sonho podiam ser considerados objetivamente (referentes a pessoas ou eventos da vida vígil) ou subjetivamente (como um aspecto da própria psique do indivíduo que tem o sonho), Jung expressou em forma clínica prática uma tensão que tem sido inerente ao estudo dos sonhos desde a antiguidade. Freud reduziu essa tensão ao postular que os sonhos eram apenas antigos pensamentos e desejos vígeis inaceitáveis para o ego; se o sonho "latente" por trás do sonho "manifesto" fosse trazido à plenitude da consciência, seria apenas um antigo pensamento vígil que havia sido reprimido.

A tensão entre o significado objetivo e subjetivo dos sonhos também pode ser reduzida, talvez com excessiva facilidade, se consi-

deramos que os sonhos se referem *sempre* à representação subjetiva na mente do indivíduo que sonha. Alguns desses significados subjetivos são representações substantivas, na mente, de pessoas e situações reais e externas. Nesse ponto de vista, pensa-se que os sonhos mudam somente a representação interna das coisas, o que, é claro, afeta a experiência externa, pois o ego *vigil* apóia-se nessas representações substantivas de forma tácita, para seu próprio sentido de orientação na realidade *vigil*.

A tensão entre o objetivo e o subjetivo, contudo, é mais profunda. Há pouco perigo, num estado não-psicótico, de ver alguns sonhos em termos exclusivos de realidade exterior, e a limitação apenas a significados subjetivos privar-nos-ia de uma tensão psicologicamente fecunda.

As experiências *vigéis* e *oníricas* não estão em oposição primordial. Não existe um misterioso mundo *onírico* em completo contraste com um "mundo diurno" inteiramente objetivo. A experiência consciente *vigil* e as experiências em sonhos constituem componentes igualmente misteriosos de uma unidade potencial: o processo de individuação. Os sonhos se dissipam com rapidez, mas o mesmo ocorre (embora mais lentamente) com as realidades "sólidas" da vida *vigil*. Em meio ao fluxo de mudança, eis que pode surgir o processo muito misterioso a que Jung chamou *individuação*, envolvendo a realização dos potenciais singulares de cada indivíduo no grau e na maneira como forem permitidos pelas vicissitudes da vida.

Na existência *vigil*, "objetiva", o movimento de individuação nem sempre ocorre em termos do que é "lógico" fazer, assim como nos contos de fadas, na maioria das vezes, não é o príncipe mais velho, mais maduro, quem resgata a princesa em perigo — pode ser o seu irmão mais moço, desajeitado, inexperiente, que recorre a métodos nada ortodoxos, como a ajuda de animais. Em qualquer série de sonhos, o movimento pode ser de *ingresso* em situações vitais objetivas, ou de *afastamento* destas. Não existe uma regra fixa. A serviço da individuação, os sonhos podem impelir o ego no sentido de estabelecer-se em identidades culturais correntes. Outras vezes, os sonhos podem retirar o ego de sua bem-sucedida adaptação *vigil* e colocá-lo diante de significados e tarefas mais sutis.

A resolução final da tensão entre o objetivo e o subjetivo é um sentimento do que Jung descreveu como a circum-ambulação de um misterioso centro da psique, que pode ser sentido mas nunca definido nas redes da consciência. Nesse misterioso processo, psicologicamente análogo à busca alquímica, o ego é relativizado mas não moderado, os eventos são reais mas não esmagadores, as imagens em sonhos são guias mas não mestres. Finalmente, o que é servido e facilitado por sonhos é o processo de individuação, embora os sonhos possam ser usados, de passagem, nas tarefas psicoterapêuticas comuns de solução de problemas e desenvolvimento da personalidade.

Pessoal e arquetípica

Outro modo de enunciar a tensão envolvida na individuação psicológica é em termos da oposição entre significado pessoal e significado arquetípico. Quando uma pessoa está profundamente arraigada no coletivo, na realidade exterior da vida cotidiana, a descoberta em seus próprios sonhos de imagens universais, arquetípicas, oriundas das profundezas objetivas da psique, pode constituir uma experiência libertadora. Mas se o indivíduo costuma ser propenso a uma confusão desenfreada, esquizofrênica, de imagens arquetípicas, a realização de uma postura estável do ego é igualmente sentida como libertação.

Tanto o neurótico colhido em excessiva concretização de "realidades" familiares ou sociais quanto o esquizofrênico que se afoga num mar de significados arquetípicos encontram uma sensação de refúgio no que poderia ser chamado de esfera pessoal da vida. A história pessoal é o sentimento mais profundo de significado e continuidade do próprio indivíduo, não simplesmente a história pseudopessoal constituída por datas e eventos exteriores, o costumeiro varal da vida em que vários papéis são pendurados como velhas peças de roupa. A vida exterior pode sofrer profundas mudanças sem qualquer alteração na percepção subjetiva do significado da vida. Mas todo terapeuta conhece a situação oposta, em que a vida exterior

transcorre calma e inalterada enquanto o inerente estado subjetivo é transformado no que é, de modo essencial, um mundo inteiramente novo e diferente de significado.

O ego vigil existe entre duas constelações arquetípicas igualmente perigosas. Estamos acostumados, na psicologia junguiana, a pensar sobre o domínio arquetípico do inconsciente coletivo, a psique objetiva, como um contraponto para as rígidas construções do ego vigil. Estamos menos habituados a pensar sobre as origens arquetípicas do mundo da consciência coletiva. Entretanto, ambos esses mundos, que cercam o ego em suas fronteiras internas e externas, são arquetípicos.

O mundo da consciência coletiva (a história, tal como a lemos) é modelado por certos indivíduos que expressam conteúdos arquetípicos derivados da psique objetiva. Muitos fazem isso e não conseguem ter um impacto cultural, mas outros provocam uma resposta particularmente ágil em sua cultura ou sociedade e alteram-na em maior ou menor grau. Formas arquetípicas que estão encerradas em instituições culturais tornam-se o mobiliário tácito da mente consciente coletiva. Mas no momento em que uma forma arquetípica é inserida numa instituição cultural, a instituição coloca-se em oposição ao próprio arquétipo que lhe deu origem, pois nenhuma forma particular pode veicular toda a gama de significados de uma possibilidade arquetípica.

O que é verdadeiro num nível social também é verdadeiro na psique individual. Nenhuma mãe pessoal, real, pode consubstanciar toda a gama de possibilidades inerentes à Grande Mãe arquetípica, de modo que, na mente, a imagem "mãe" é simultaneamente um portador e uma restrição do arquétipo "mãe". O mesmo ocorre com todas as formas arquetípicas, incluindo a imagem visionária de Jung de Deus defecando na catedral da Basileia.²⁴

O ego individual pode perder seu caminho ou nas imagens arquetípicas do inconsciente coletivo — sobretudo quando são usadas como uma fuga às tarefas na vida exterior — ou nas formas arquetípicas implantadas nas instituições da consciência e cultura coletivas. O problema está em descobrir uma postura pessoal que possa relativizar esses domínios arquetípicos — não os colocando em oposição,

não identificando um como verdadeiro e o outro como falso, e sem perder a esfera pessoal, o único espaço em que podem ocorrer os profundos processos de transformação.

Nada que seja de importância *psicológica* ocorre fora da esfera pessoal. Poderá haver tempestades e enormes ondas de mudança histórica, mas a psique individual é o único portador (e, em última instância, transmissor) das formas arquetípicas que estão tentando alcançar um estável equilíbrio orgânico. Por conseguinte, a manutenção da esfera pessoal é de suprema importância, tanto na análise como na vida cotidiana.

Na análise, a desintegração da esfera pessoal ocorre quando o domínio arquetípico é excessivamente enfatizado, sendo quase sempre assinalada por uma transferência arquetipicamente distorcida: o analista é visto de forma exagerada como deus ou demônio. Em qualquer dos casos, deixa de haver uma interação humana. Por outro lado, o analisando pode desvalorizar o próprio processo analítico, e buscar refúgio numa forma arquetípica culturalmente implantada, como um partido político ou uma religião organizada. Tais desenvolvimentos são trágicos, pois o campo transformativo da interação analítica é um lugar raro e valioso; para alguns, é a única esperança de encontrar um dia uma esfera verdadeiramente pessoal e a única oportunidade para a participação consciente, não-neurótica, em seu próprio processo de individuação.

Quando usados com cuidado e proficiência clínica, os sonhos constituem o mais apropriado e idôneo guia para a manutenção da esfera pessoal e a evitação das duas formas de reducionismo arquetípico.

BREVE RESUMO

Os sonhos são parte natural da vida da psique. Servem ao processo de individuação através da compensação de modelos distorcidos da realidade mantidos pelo ego vígil.

O sonho deve ser registrado, tão aproximadamente quanto possível, como ocorreu de fato. Deve-se resistir às interpolações do ego vígil. Mesmo os sonhos que se avizinham da realidade vígil têm com frequência uma nuance simbólica.

Na ampliação de motivos oníricos, as associações pessoais devem usualmente ser mais importantes do que as ampliações culturais ou arquetípicas, embora alguns sonhos só possam ser entendidos à luz de material transpessoal. O sonho ampliado deve ser firmemente colocado no contexto da vida do indivíduo que o teve.

Os sonhos podem representar uma valiosa ajuda em áreas clínicas, tais como o diagnóstico diferencial, a avaliação prognóstica e na tomada de decisões acerca de apoios adicionais como medicação, frequência de horas de análise e hospitalização. Os sonhos também são guias sobre quando enfatizar modos redutivos ou prospectivos de análise.

Uma série de sonhos oferece correções a interpretações errôneas de determinado sonho. Motivos idênticos raramente se repetem. Imagens afins que se reúnem em torno dos mesmos complexos parecem ser mais frequentes. Acompanhar imagens e motivos numa série de sonhos pode proporcionar ao analista e ao analisando uma compreensão especial do subjacente processo de individuação que os sonhos estão tentando favorecer.

Os sonhos são particularmente úteis no tratamento da neurose. Os conflitos neuróticos muitas vezes são sintomáticos da evitação de tarefas vitais apropriadas. Na neurose, os sonhos já estão tentando superar a divisão neurótica, encorajando o ego a lidar com processos vitais reais, não com substitutos neuróticos. No tratamento da neurose, faz-se recuar o ego para enfrentar o movimento básico de individuação, que envolve o desenvolvimento de um ego forte e a percepção, pelo ego, de sua natureza parcial, em comparação com a totalidade representada pelo Si-mesmo.

Não se deve usar em excesso os sonhos nem permitir que eles desviem o processo analítico de outro material que obviamente necessite de atenção. Quando não há sonhos, a análise pode prosseguir com o que estiver à mão — a transferência-contratransferência, a recapitulação do passado, os eventos da vida cotidiana, ocorrências em terapia de grupo, projeções em tabuleiro de areia etc. Os sonhos servem ao processo de individuação, mas não o são eles próprios.

A análise responsável de sonhos preserva a tensão entre significados objetivos e subjetivos, assim como as tensões mais amplas entre a esfera pessoal e as forças arquetípicas que a cercam.



O sonho é um fragmento de realidade cuja origem é pessoal mas obscura, cujo significado é fecundo mas incerto e cujo destino no mundo do ego vígil está em nossas próprias mãos. Se o tratarmos com respeito e interesse, serve-nos de múltiplas maneiras. Se desprezarmos o sonho, ele nos impressiona de qualquer modo, operando suas transformações alquímicas nas profundezas da psique, buscando o mesmo objetivo de individuação, com ou sem a nossa ajuda consciente.

Os sonhos são entidades misteriosas, com mensagens de um amigo desconhecido que é solícito mas objetivo. Sua caligrafia e linguagem são, por vezes, obscuras, mas nunca há qualquer dúvida quanto à preocupação subjacente com o nosso bem-estar fundamental — que pode ser diferente do bem-estar que imaginamos ser a nossa meta.

A humildade é necessária. Jamais um sonho pode ser entendido em sua íntegra; eventos e sonhos futuros podem modificar o que parecia ser uma interpretação perfeitamente completa. Devemos estar sempre conscientes da natureza misteriosa dos sonhos, que existem no limite de nosso entendimento acerca do cérebro e da mente, da vida consciente e inconsciente, da vida pessoal e transpessoal.

GLOSSÁRIO DE TERMOS JUNGUIANOS

Anima (latim, "alma"). O lado feminino, inconsciente, da personalidade de um homem. Ela é personificada em sonhos por imagens de mulheres, desde a prostituta e sedutora até a guia espiritual (Sabe-doria). Ela é o princípio de eros e, por conseguinte, o desenvolvimento da *anima* de um homem reflete-se no modo como ele se relaciona com mulheres. A identificação com a *anima* pode manifestar-se como inconstância do estado do espírito, humor caprichoso, efeminação e hipersensibilidade. Jung chama a *anima* de *arquétipo da própria vida*. **Animus** (latim, "espírito"). O lado masculino, inconsciente, da personalidade de uma mulher. Ele personifica o princípio do logos. A identificação com o *animus* pode fazer com que uma mulher se torne rígida, opiniática, obstinada e questionadora. Mais positivamente, é o homem interior que atua como uma ponte entre o ego da mulher e seus próprios recursos criativos no inconsciente.

Arquétipos. Irrepresentáveis em si mesmos, mas seus efeitos manifestam-se na consciência como as imagens e idéias arquetípicas. São padrões ou motivos universais que promanam do inconsciente coletivo e constituem o conteúdo básico de religiões, mitologias, lendas e contos de fadas. Emergem nos indivíduos através de sonhos e visões. **Associação**. Fluxo espontâneo de pensamentos e imagens interligados em torno de uma idéia específica, determinado por conexões inconscientes.

Complexo. Grupo emocionalmente carregado de idéias ou imagens. No "centro" de um complexo está um arquétipo ou imagem arquetípica.

Constelado. Sempre que existe uma forte reação emocional a uma pessoa ou situação, um complexo é constelado (ativado).

Ego. O complexo central no campo da consciência. Um ego forte pode relacionar-se objetivamente com os conteúdos ativados do inconsciente (isto é, com outros complexos), em vez de se identificar com eles, o que constituiria um estado de possessão.

Função transcendente. O "terceiro" reconciliador que emerge do inconsciente (na forma de um símbolo ou de uma nova atitude) depois que os opostos conflitantes foram conscientemente diferenciados e a tensão entre eles, mantida.

Individuação. A percepção consciente da realidade psicológica única de um indivíduo, incluindo forças e limitações. Leva à experiência do Si-mesmo como centro regulador da psique.

Inflação. Estado em que o indivíduo tem um sentimento irrealisticamente alto ou baixo (inflação negativa) de identidade. Indica uma regressão da consciência para o inconsciente, o que tipicamente acontece quando o ego admite um excesso de conteúdos inconscientes e perde a faculdade de discriminação.

Intuição. Uma das quatro funções psíquicas. É a função irracional que nos indica as possibilidades inerentes no presente. Em contraste com a sensação (a função que percebe a realidade imediata através dos sentidos físicos), a intuição percebe através do inconsciente; por exemplo, lampejos de *insight* de origem desconhecida.

Participation mystique. Expressão derivada do antropólogo Lévy-Bruhl, denotando uma conexão psicológica primitiva com objetos, ou entre pessoas, resultando num forte vínculo inconsciente.

Persona (latim, "máscara de ator"). O papel social do indivíduo, derivado das expectativas da sociedade e do treinamento nos primeiros anos de vida. Um ego forte relaciona-se com o mundo exterior através de uma *persona* flexível; a identificação com um *persona* específica (médico, letrado, artista etc.) inibe o desenvolvimento psicológico.

Projeção. O processo pelo qual uma qualidade ou característica da própria pessoa é percebida e reage a ela num objeto ou pessoa exterior. A projeção da *ânima* ou do *ánimus* numa mulher ou num homem real é vivenciada como se fosse uma paixão. As expectativas frustradas

indicam a necessidade de retirar projeções, a fim de se relacionar com a realidade de outras pessoas.

Puer aeternus (latim, "juventude eterna"). Indica um certo tipo de homem que permanece tempo demais com uma psicologia adolescente, geralmente associada a um forte vínculo inconsciente com a mãe (real ou simbólica). Os traços positivos são a espontaneidade e a abertura para mudanças. Sua contraparte feminina é a *puella*, uma "menina eterna", com uma ligação correspondente ao mundo paterno.

Senex (latim, "velho"). Associado a atitudes que chegam com a idade avançada. Negativamente, isso significa cinismo, rigidez e extremo conservadorismo; os traços positivos são responsabilidade, método e autodisciplina. Uma personalidade bem equilibrada funciona adequadamente na polaridade *puer-senex*.

Sentimento. Uma das quatro funções psíquicas. É uma função racional que avalia o mérito das relações e situações. O sentimento deve distinguir-se da emoção, que é devida a um complexo ativado.

Símbolo. A melhor expressão possível para algo essencialmente desconhecido. O pensamento simbólico é não-linear, orientado pelo hemisfério cerebral direito; é complementar do pensamento lógico, linear, do cérebro esquerdo.

Si-mesmo (Self). Arquétipo da totalidade e centro regulador da personalidade. É vivenciado como um poder transpessoal que transcende o ego; por exemplo, Deus.

Sombra. Uma parte inconsciente da personalidade caracterizada por traços e atitudes, negativos ou positivos, que o ego consciente tende a rejeitar ou a ignorar. É personificada em sonhos por pessoas do mesmo sexo da pessoa que sonhou. A assimilação consciente da própria sombra resulta usualmente num aumento de energia.

Transferência e contratransferência. Casos particulares de projeção, comumente usados para descrever o inconsciente; vínculos emocionais que surgem entre duas pessoas numa relação analítica ou terapêutica.

Uroboro. A serpente ou dragão mítico que devora a própria cauda. É símbolo tanto para a individuação, enquanto processo circular e autônomo, como para a auto-absorção narcisista.

ÍNDICE ANALÍTICO

A

- Afeto, 15-6, 45, 72-82, 87, 90, 133-134
Agressão, 20, 57-62; em sonhos, 59-62, 73, 76-7, 89, 127-29
Alcoolismo, 38, 52, 102-04
Alma, perda da, 21
Alquimia, 26, 67, 71, 77, 100, 119-123, 139, 144-45
Alter-ego (*ver também* Sombra), 20-1, 39
Análise: de séries de sonhos, 51-6, 74, 80, 119, 122-23, 143
Anima: 14, 21-3, 40, 90-2; em sonhos, 21, 90-2, 131; identificação com, 22-3; integração na, 22-3; projeção da, 21-2, 90-1, 135
Animais prestimosos, em sonhos, 128-129, 138
Animus: 14, 21-3, 90-2; em sonhos, 21, 32-3, 90-1; identificação com, 22; integração do, 22-3; projeção do, 21-2, 53, 90-1, 128, 135
Ansiedade, 56, 58-62, 65, 72, 86, 123, 126, 133
Apaixionar-se, 22
Aranha, em sonho, 59
Arquétipo(s) (*ver também* Imagens arquetípicas), 13-9, 30-1, 41-6, 95;

e complexo, 17-9, 44-6, 65, 80, 95; identificação com, 24-5

Arrogância, 18, 25, 135

Árvore, em sonho, 50-1

Árvore do mundo, 51

Asclépio, 106

Associação de palavras, Experimento de, 13-4, 75, 84

Ato, passagem ao (*acting out*), 35

Automóvel, em sonhos, 101-02

Axis mundi, 51

B

Banheiro, em sonhos, 100

Barco, em sonhos, 94, 131

Baumann, Dieter, 10

Bebê, em sonho, 54-7, 65

Bolsa, em sonho, 103

Buda/Budismo, 15, 92

C

Cair, em sonhos, 58, 61

Calcinção (*calcinatio*), 120-22

Cão, em sonhos, 51-7, 59, 65, 115-116, 129

Casa, em sonhos, 60, 84, 100

Casamento, 15, 17, 65, 77, 122; di-vino, 17
 Circulação (*circulatio*), 119, 122
 Clarividência, 113
Clinical Uses of Dreams (Hall), 10
 Coagulação (*coagulatio*), 120
 Compensação, 30-3, 46-7, 50, 64, 70, 81-2, 85, 94-5, 109, 111, 114-15, 125-29, 132, 143
 Complexo(s), 13-4, 17-9, 31-2, 44, 47, 74-6, 79-80, 119-20, 132-35; bipolar, 39; e identidade do ego, 36-41, 59-60; em sonhos, 21, 44, 47, 53-6, 64-5, 69-70, 96, 100, 104-05, 136; materno, 9, 14, 17, 53-4, 60, 80, 84-5, 96, 98, 140; parental, 17, 84-5, 98-9; passa-gem ao ato, 35; paterno, 53-7, 98; representação de, 34-6, 43
Conferências de Tavistock (Jung), 71
 Conflito, 15, 17-8, 35, 37, 73, 77-8, 80, 106-07, 116, 120, 123, 125-128; sonhos de, 77-8, 123
 Conhecimento: focal, 31, 135-36; tácito, 91, 100, 109, 135-36, 140
Conjunctio, 77, 98, 120, 122-23
 Cólera, e sonhos, 31, 52, 57-8, 62
 Consciente, coletivo, 13-8, 25-6, 87, 131, 140; pessoal (*ver também* Ego), 13-9, 76
 Contos de fadas, 41, 46, 90, 127-29, 138
Contos de Hoffmann (Offenbach), 22-23
 Contratransferência, 32, 44, 67-71, 75, 79, 114, 144
 Corpo diamantino, 119
 Cozinha, em sonhos, 100, 122
 Cristianismo, 26, 106
 Culpa, 20, 80, 87

D

Dai, Bingham, 9
 Depressão, 24-6, 53-4, 57-8, 62, 72-74, 80, 123, 126, 128, 133
 Deus/imagem de Deus, 16-8, 27, 93, 140-41
 Diagnóstico, através de sonhos, 33-5, 49-66, 143
 Disco voador, em sonho, 94
 Dissociação, 20, 38, 57, 89, 127; em sonhos, 65
 "Dissolver e coagular", 120
 Divisão (*splitting*), 20, 25, 39
 Dominação/Submissão, padrão de, 39, 56, 66
Dream Telepathy (Ullman e outros), 113
 Drogas, 18, 63, 72-3, 102-04

E

Ego (*ver também* Ego onírico e Ego-vigil): 14-27, 30, 78-80, 91-2, 99-101, 137-44; afetado, 75-82; ar-rogente, 18, 25, 135; como "eu", 17, 32, 132-34; e complexos, 36-41, 83-96; e imagem do corpo, 65; e *persona*, 23-5, 87-9, 132; e Si-mesmo (*Self*), 15-8, 26-7, 33-44, 40-1, 62, 92-4, 127, 129-33; e sombra, 19-21, 38-9, 60, 86, 88-90, 125, 132; relativizado, 129-136
 Ego onírico, 29, 32, 34-5, 47, 51, 56-65, 79-96 e *passim*; agressão contra o, 59-62, 73, 76-8; e ego-vigil, 132-36
 Ego-vigil, 29-32, 34-5, 56, 61-2, 65, 77, 79, 90, 102-03, 109-10, 113-114, 122-23, 127
 Eixo ego-Si-mesmo, 18, 92-4

Esponsais, ver Casamento
Esquizofrenia, 34, 63, 73, 139
Estupro, em sonho, 53-6
Exame, sonhos com, 58

F

Fixação, 25, 126
Freeman, John, 62
Freud, Sigmund, 9, 13, 30-1, 68-8,
73, 75, 84, 110, 137

G

Gestálticas, Técnicas, 18, 34, 43, 79
Grupo, Terapia de, 35, 52, 72, 78-82,
86, 103, 128, 144

H

Heathcliff, como figura de *animus*,
22
Hieros gamos, 17
Hipnose, 19, 36, 79
Hitler, 26
Homicídio, em sonhos, 73, 104
Homossexualidade, 50-1

I

Identidade, estruturas da (ver tam-
bem Ego e Sombra), 19-21, 88-90
Identificação, com *anima/animus*, 22-
23; com arquétipo, 25-6; com
persona, 23-6, 88, 134
Imagens arquetípicas, 13-9, 41-6, 80,
87, 91-6, 103-06, 119-23, 127-28,
139-41
Imaginação ativa, 17, 19, 36, 79

Incesto, em sonhos, 53, 97-8
Inconsciente, coletivo, 14, 94, 140-
141; pessoal, 13-4, 16-25, 40-1,
76-7 e *passim*
Individuação, Processo de, 17, 19,
25-7, 31-3, 36-7, 39, 43-4, 60, 62,
64, 68, 72, 77, 83, 93, 95, 110,
125-36, 139-45
Inflação negativa, 26
Interpretação dos Sonhos, A (Freud),
13
Interpretação subjetiva dos sonhos,
45, 69, 75, 137-39
Introversão, forçada pelos sonhos, 126
Ísis, 98

J

Jacaré, em sonho, 59
Jesus, 15, 26
Jung, C. G., 9, 13-6, 19-27, 30, 62,
68, 70-1, 73-5, 91, 94-5, 105,
112-13, 119, 122, 137-39, 140

K

Kluger, Rivkah Scharf, 10

L

LSD, 18
Livre associação, com sonhos, 84
Luto, 98-9

M

Mandala, 16, 92, 130
Masturbação, 106
Matricídio, em sonho, 104

Medicação, 34, 63, 72-3
 Meditação, 16, 36, 111
 Meia-idade, crise da, 19
 Mitos, 41, 46, 95, 127
 Moldura do sonho, 109-17
 Mona Lisa, como figura de *anima*, 22
Morro dos Ventos Vivos, O (Bron-
 te), 22
 Morte, 15, 26, 31-2; em sonhos, 32,
 53-6, 60-2, 64-5, 98-9, 121
 Mortificação (*mortificatio*), 120-21
 Mussolini, 26

N

Narcisismo, 25
 Nascimento, em sonho, 53-6
 Neurose, 25, 36, 51-6, 68, 73-5, 78,
 86-7, 89, 125-34, 144
 Ninho vazio, síndrome do, 24

O

Objetiva, Psique, *ver* Psique objetiva
 Opostos, conflito de, 15, 17, 36-7,
 76-7, 123; união de, *ver* *Con-
 junctio*
 Osiris, 98
 Ovo, em sonho, 95-6

P

Parapsicologia, 65, 113
 Pedra Filosofal, 120
Persona, 14, 17, 21, 23-5, 58, 80, 87-
 92, 132; identificação com, 23-5,
 88, 134
 Pesadelos, 127
 Polanyi, Michael, 135
 Precognitivos, sonhos, 113-14

Prima meretrix, 120-23
 Prognóstico, através de sonhos, 34,
 49-51, 55-6
 Projeção (projeções): 15, 21-2, 67-9,
 70, 94, 135; em alquimia, 119;
 em tabuleiro de areia, 18, 107,
 144; da *anima*, 21-2, 90-2, 135;
 do *animus*, 21-2, 53, 90-2, 128,
 135; da sombra, 21, 38-9, 89,
 132, 135; pelo analista, 35, 68;
 retirada da, 22, 90-2
 Prospectiva, análise, 73-4
Prí, fenômenos, 113-17
 Psicodélicos, Drogas, 18, 63
 Psicodrama, 36, 79
 Psicologia de médium, 112
Psicologia da Transferência, A (Jung),
 68, 122
 Psicopompo, 23
 Psicose, 17-8, 26, 34-5, 57, 63, 73,
 125
 Psique objetiva, 13-9, 21-3, 26, 140
Puer, em sonho,

R

Rã, em sonho, 121
 Realização de desejos, sonhos como,
 32, 38
 Reducionismo, arquetípicos, 43-4,
 123, 140-41; interpessoal, 69
 Redutiva, Análise, 19, 73-4, 83
 Referências temporais, em sonhos, 34,
 73, 92, 100-01, 109, 112
 Relacionais, Estruturas (*ver também*
Anima, Animus e Persona), 19,
 21-5, 39, 83-96
 Religiosa, Experiência, 26
 Representação, de sonhos, 34-5, 43,
 79
 Repressão, 20, 39
 Rhine, Louise, 113

Serpentes, em sonhos, 58, 105-07
 Sexualidade/Imagens sexuais (*ver também Conjunção*), 15, 21, 38, 49-56, 100; e sonhos, 49-56, 68-71, 77, 84, 97-8, 103, 122-23

She (Haggard), 22

Si-mesmo (*self*), 14-8, 26-7, 33-4, 64, 87, 102; como produtor de sonhos, 102, 132-33; em sonhos, 92-4, 128-29, 133; e o ego, 15-8, 26-7, 33-4, 40-1, 62, 92-4, 127, 129-33; e Deus, 16, 27, 93

Símbolos reconciliatórios, 17

Sincronicidade, 109, 113-17

Sobrenaturalidade, 16, 27

Sombra, 14, 17, 87-92; em sonhos, 20-1, 38-9, 79, 88-90, 134; e o ego, 19-21, 38-9, 60, 86-90, 132-135; integração da, 20-1, 23, 38-39, 90, 98; xamanística (do analista), 113

Sonhos(x)

agressão em, 58-62, 73, 76-8, 89-90, 127-29; ampliação de, 18-9, 43-6, 52, 74, 83-4, 95-6, 123, 128-29, 140-43; associações com, 43-46, 83-4, 95-6, 105-07; causa e efeito, 56; clarividente, 113; cólera em, 31, 57-8; com aborígene, 121; com álcool, 102-04; com animais sem pele, 63, 73; com animais prestimosos, 128, 138; com aranha, 59; com árvore, 50-51; com astronautas, 77, 112; com atividade da sombra, 38-9, 79, 88-90, 134; com automóveis, 101-02; com baleia, 94; com banheiros, 100; com barata, 55-6; com barco, 94-5, 131; com bebê, 54-7, 65; com bolsa, 103; com cachor-

rinho que explode, 52-3, 65; com cão, 52-6, 59, 65, 115-17, 129; com casamento, 65, 77, 122-23; com casas, 60, 84-5, 100; com comunhão, 38; com cozinhas, 100, 122; com cruzamento de fronteira, 86-7; com desastres naturais, 58-9, 62, 73; com "despreendimento", 130; com disco voador, 94; com drogas, 102-04; com ego afetado, 75-82; com estupro, 53-6; com exames, 58; com explosão, 52, 64-5, 96; com flor, 128; com fogo, 121; com futuro, 112-14; com guerra civil, 78; com homicídio, 73, 104; com incesto, 53, 97-8; com irmãos, 97-8; com jacaré, 59; com matricídio, 104; com moedas de ouro, 120; com monstro, 59; com morte, 32, 53-6, 60-2, 64-5, 73, 98-9, 122; com nascimento, 54-6; com ovo, 95-6; com papéis de pessoa, 87-8; com parricídio, 104; com passado, 34, 73, 92, 100, 103, 112; com perigo físico, 58, 60-1; com perseguição, 58-60; com ponte, 86; com princesa egípcia, 53-7; com queda, 58, 61; com problemas físicos, 64-5; com ra, 121; com rato, 55-6, 65; com a realidade tal como ela é, 109-11; com roupas, 88, 129; com serpentes, 58, 105-07; com Si-mesmo (*Self*), 92-4, 128-29, 133; com sonhos, 109-10; com tartaruga, 44, 95-6; com terremoto, 58-9, 62; com trens, 101; com tufões, 77; com vasectomia, 99; com a Virgem Maria, 80; com voar, 40, 122; como compensação, 30-3, 45-7, 64, 70, 81-2, 85, 95, 109, 111,

114-15, 125-29, 130; como protetor do sono, 30-2; como realidade disfarçada, 69, 84, 110, 137-38; como realização de desejo, 32, 38; concepção freudiana dos, 30-1, 68, 83; contexto, importância do, 43-7, 63, 83, 97, 101, 104, 143; controle sobre, 111; de analista pelo analisando, 68-9; de analisando pelo analista, 68-71; de *conjunção*, 77, 98, 122-23; de conflito, 77-8, 123; de iniciação, 130; dentro-de-um-sonho, 109-10; detalhes, importância dos, 102, 110-11, 143; dos agonizantes, 65, 130; e alquimia, 120-23, 144; e ansiedade, 58-62, 65, 126; e complexos, 20-1, 44, 47, 53-6, 65, 69, 74-6, 83-96, 100, 104-05, 136, 143; e contratransferência, 67-71, 79; e depressão, 73-4, 80, 123, 126, 133; e diagnóstico, 33-35, 49-66, 143; e doença orgânica, 64-5, 130; e luto, 98-9; e medicação, 34, 63, 72-3; e mundo vigi, 29, 138; e neurose, 125-33; e prognóstico, 34-5, 49-51, 55-6; e psicose, 34-5, 57, 63, 73, 125; e referências espaciais, 112-13; e referências temporais, 34, 73, 92, 100-01, 109, 112; e sexualidade, 38-9, 49-56, 69-71, 84, 103; e sintomas psicossomáticos, 52-4, 126; e sono REM, 29-30, 111; e terapia de grupo, 78-82, 86-7, 103; e transferência, 67-71, 78-9, 114, 144; estrutura dramática, 47, 76, 109-10; forçando a introversão, 126; imagens arquetípicas em, 43-6, 87, 92-6, 120-23, 140-41; imagens de iniciação, 130; imagens sexuais em, 49-56, 68-71, 77, 97-9, 122-23; iniciais, em análise, 49-51; interpretação objetiva, 45, 61-2, 69-70, 75, 137-39; interpretação subjetiva,

45, 69, 75, 137-39; livre associação com, 84; lúcido, 111; moldura de, 109-117; não-interpretado, 33-5, 78-80; paralelos, 115-117; personificações em, 33-4, 68-71, 104-06, 136; pesadelos, 127; precognitivo, 113-14; representação de, 34-5, 43, 79; série de, 43, 47, 51-6, 65, 74, 80, 119, 123, 143; sincronístico, 109, 113-17; sobrenatural, 27; telepático, 113; transformação em, 37, 59-62, 65, 105, 121-23; traumático, 111, 134

T

Tabuleiro de areia, 18, 107, 144
Tartaruga, em sonho, 44, 95-6
Técnicas imaginativas, 18, 35-6
Temenos, em análise, 37, 67, 78, 82
Terremoto, em sonhos, 58, 62
Transcendente, Função, 17, 37
Transferência, 32, 44, 67-71, 75, 79, 114, 144
Transformação, 26, 67-71, 87-8, 100, 104, 119, 123, 140-41, 144; de imagens oníricas, 37, 59-62, 65, 105, 121-23
Travestismo, 50
Trens, em sonhos, 101

V

Vasectomia, em sonho, 99
Vício (toxicomania, alcoolismo), 102-104
Virgem Maria, 15, 80
Voar, em sonhos, 40, 122
von Franz, Marie-Louise, 10, 32

W

Whitmont, Edward, 10

na casa do cliente. E isso é trágico tanto para o cliente como para o terapeuta.

No mundo dos negócios, ouço muitas mulheres se queixando da estrutura patriarcal em que estão, e, com grande frequência, a mulher é que se mostra o pior patriarca. A mulher compelida a atingir a perfeição pode ser mais difícil como chefe do que o homem. Ela pode ser mais cruel com os outros e tão ou mais cruel consigo mesma. Têm trabalhando comigo mulheres que se auto-intitulam feministas, e que buscam com muito empenho encontrar sua feminilidade. Estão em empregos na carreira universitária ou trabalhando para conseguir o doutoramento, em trabalhos nos quais são forçadas pela estrutura a reprimir o feminino. Como estão no fio da navalha, trabalham tanto que simplesmente se tornaram consumadas viciadas no trabalho.

A ironia é que falam com reverência do feminino e, não obstante, estão a matá-lo. Sonham que são estupradas. Seu próprio princípio patriarcal está estuprando sua menininha interior. Depois caem doentes, com cândida, ou alguma outra doença em que o sistema imunológico se volta contra elas mesmas e, na verdade, está dizendo-lhes: "Você têm de cuidar de sua feminilidade".

C: Parece que a perspectiva feminista nem sempre se alinha com o feminino...

M: É, eu realmente acho uma pena porque às vezes dou palestras e falo, como agora, sobre mulheres presas numa construção mental patriarcal. Elas não estão em contato com seus próprios valores afetivos. Não sabem do que, como mulheres, precisam ou querem. De repente, uma mulher se levanta e argumenta com uma voz estridente que não tem um vínculo com seu próprio corpo, e se torna a personificação de tudo sobre o que falei. É só retórica. Seu pobre corpo está assustado e trêmulo. Não está abso-